

Universidade de São Paulo
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo
Trabalho Final de Graduação

O ESPAÇO DA CASA

VILA MARIANA (1909-1928)

Tarsila Andriole de Sousa

Orientação: Prof. Dra. Beatriz Mugayar Kühl

São Paulo, Dezembro de 2017

Agradecimentos

Primeiramente, agradeço à professora Beatriz pela atenciosa orientação.

À professora Joana, pelas aulas inspiradoras e por ter aceitado o convite, e à Sabrina, por também ter aceitado fazer parte da banca.

A todos os professores, funcionários e colegas que contribuíram para minha formação durante todos os anos de estudo.

Aos funcionários do Arquivo Histórico Municipal: Tomico, Vera e Nelson, pelo apoio e auxílio com as pesquisas no acervo.

À família e aos amigos, pelo suporte e carinho em todos os momentos.

SUMÁRIO

Introdução	13
01 As origens da Vila Mariana	17
02 Subsídios de análise dos projetos residenciais na Vila Mariana	35
2.1 Classificação dos projetos analisados	45
2.2 Inferências da Tabela	49
03 Projetos residências para a Vila Mariana 1909 -1928	57
3.1 Casas Mistas	58
3.2 Casas de Classe Média Baixa	67
3.3 Casas de Classe Média Média	86
3.4 Casas de Classe Média Alta	116
3.5 Vila Dona Bertha	131
Considerações Finais	146
Bibliografia	148

Lista de Figuras

- 1 - **Mapa da prefeitura regional de Vila Mariana**
Base disponível em: http://geosampa.prefeitura.sp.gov.br/PaginasPublicas/_SBC.aspx#
- 2 - **Mapa do bairro de Vila Mariana**
Base disponível em : http://geosampa.prefeitura.sp.gov.br/PaginasPublicas/_SBC.aspx#
- 3 - **Matadouro na época de seu funcionamento**
Disponível em : <http://www.saopauloinfoco.com.br/vila-mariana/>. Autor Desconhecido.
- 4 - **Cinemateca Brasileira**
Fotografia da autora. Novembro/2017
- 5 - **Planta Geral da capital de São Paulo organizada sob a direção do intendente de Obras Gomes Cardim - 1897**
Fonte: acervo de mapas do Departamento de Patrimônio Histórico de São Paulo
- 6 - **E.E. Marechal Floriano**
Fotografia da autora. Novembro/2017
- 7 - **Interior do Colégio Marista Archidiocesano na Rua Domingos de Moraes**
Disponível em: <https://arquidiocesano.colegiosmaristas.com.br/sobre-o-colegio/infraestrutura/>. Autor desconhecido.
- 8 - **Colégio Benjamin Constant na Rua Eça de Queirós**
Fotografia da autora. Novembro/2017
- 9 - **Planta Geral da Cidade de São Paulo para uso das Repartições da Prefeitura Municipal - 1905**
Fonte: acervo de mapas do Departamento de Patrimônio Histórico de São Paulo
- 10 - **Planta da Cidade de São Paulo pela Diretoria de Obras e Viação da Prefeitura Municipal de São Paulo - 1916.**
Fonte: acervo de mapas do Departamento de Patrimônio Histórico de São Paulo
- 11 - **Planta da Cidade de São Paulo - SARA Brasil - 1930.**
Disponível em: http://geosampa.prefeitura.sp.gov.br/PaginasPublicas/_SBC.aspx#
- 12 - **Mapa de bens protegidos por legislação no distrito de Vila Mariana**
Base: Mapa Digital da Cidade. Disponível em: http://geosampa.prefeitura.sp.gov.br/PaginasPublicas/_SBC.aspx#
- 13 a 25 - **Fotografias de bens protegidos por legislação na Vila Mariana.** Fonte: Google Street View - 2017
- 26 - **Mapa da área analisada do bairro .** Base: Mapa SARA Brasil, 1930
- 27 - **Mapa da área analisada do bairro.** Base: Mapa VASP, 1954

- 28 - Mapa de levantamento das datas das construções na área analisada.** Base: Mapa Digital da Cidade
- 29 - Largo do Reservatório da Vila Mariana na Rua Conceição Veloso**
Fotografia da autora. Novembro/2017
- 30 - Conjunto de pequenas casas na Rua Dona Inácia Uchôa, nºs 197 a 195**
Fotografia da autora. Novembro/2017
- 31 - Conjunto de pequenas casas na Rua Carlos Petit, nº 372 a 386**
Fotografia da autora. Novembro/2017
- 32 - Casarão na Rua Dona Inácia Uchôa, nº 318**
Fotografia da autora. Novembro/2017
- 33 - Conjuntos comerciais na Rua Dona Júlia, nº 200**
Fotografia da autora. Novembro/2017
- 34 - Sobrados e conjunto comercial na Rua França Pinto, nº 276, 268 e 264 a 254**
Fotografia da autora. Novembro/2017
- 35 - Casa na Rua Manuel de Paiva, nº 245**
Fotografia da autora. Novembro/2017
- 36, 37 - Projeto de reforma de edifício na Rua França Pinto com a Rua Domingos de Moraes**
Fotografias da autora.
Processo nº 106459 de 1914 - Seção Obras Particulares do Arquivo Histórico Municipal de São Paulo
- 38 - Localização de conjunto na Rua França Pinto esquina com a Rua Domingos de Moraes**
Fonte: SARA Brasil, 1930.
- 39 - Fachada atual de edifício na esquina da Rua França Pinto com a Rua Domingos de Moraes**
Fotografia da autora. Novembro/2017
- 40, 41, 42, 43 - Projeto de construção de conjunto na Rua Humberto I**
Fotografias da autora.
Processo nº 105544 (OP. 1914 002 000) - Seção Obras Particulares do Arquivo Histórico Municipal de São Paulo
- 44 - Localização de conjunto na Rua Humberto I**
Fonte: SARA Brasil, 1930
- 45, 46 - Construções nas esquinas da Rua Humberto I com a Rua França Pinto**
Fotografia da autora. Novembro/2017

47, 48, 49 - Projeto de construção de conjunto na Rua Dona Júlia n° 8

Fotografias da autora.

Processo n° 3386-J - Seção Obras Particulares do Arquivo Histórico Municipal de São Paulo

50 - Localização de conjunto na Rua Dona Júlia, n°8

Fonte: SARA Brasil, 1930

51, 52 - Projeto de construção de Casa na Rua Carlos Petit, n° 29

Fotografias da autora.

Processo: O.P 1909.000.610 - Seção Obras Particulares do Arquivo Histórico Municipal de São Paulo

53 - Projeto de construção de Casas na Rua Dona Elisa, n° 12

Fotografias da autora.

Processo: OP.1911.001.331 - Seção Obras Particulares do Arquivo Histórico Municipal de São Paulo

54, 55 - Projeto de construção de Casas na Rua França Pinto, n°s 57 e 29

Fotografias da autora.

Processo: OP.1913.002.304 - Seção Obras Particulares do Arquivo Histórico Municipal de São Paulo

56, 57 - Projeto de construção de Casas na Rua França Pinto, n° 12

Fotografias da autora.

Processo: OP.1913.002.297 - Seção Obras Particulares do Arquivo Histórico Municipal de São Paulo

58 - Localização do projeto de construção de Casas na Rua França Pinto, n° 12

Fonte: SARA Brasil, 1930

59, 60 - Casas na Rua França Pinto, n° 12

Fotografias da autora. Novembro/2017

61, 62, 63 - Projeto de construção de Casas na Rua Bartolomeu Gusmão, n° 83

Fotografias da autora.

Processo n° 109475 (OP.1914.000.591) - Seção Obras Particulares do Arquivo Histórico Municipal de São Paulo

64 - Localização do projeto de construção de Casas na Rua Bartolomeu Gusmão, n° 83

Fonte: SARA Brasil, 1930

65 - Localização do projeto de construção de Casa na Rua Dona Inácia, n° 21

Fonte: SARA Brasil, 1930

66, 67, 68 - Projeto de construção de Casa na Rua Dona Inácia, n° 21

Fotografias da autora.

Processo n° 222229 - Seção Obras Particulares do Arquivo Histórico Municipal de São Paulo

69 - Casas na Rua Dona Inácia Uchôa, n°s 95 e 101

Fotografia da autora. Novembro/2017

70, 71, 72 - Fotografias do projeto de construção de Casas na Rua Dona Avelina. n°s 6 e 8

Fotografias da autora.

Processo n° 16821-8 - Seção Obras Particulares do Arquivo Histórico Municipal de São Paulo

73 - Localização do projeto de construção de Casas na Rua Dona Avelina. n°s 6 e 8

Fonte: SARA Brasil, 1930

74, 75, 76 - Fotografias do projeto de construção de Casa na Rua Dona Elisa, n°18

Fotografias da autora.

Processo n° 6101-a - Seção Obras Particulares do Arquivo Histórico Municipal de São Paulo

77, 78, 79 - Fotografias do projeto de construção de Casa na Rua Dona Inácia, n°16

Fotografias da autora.

Processo n° 6101-a - Seção Obras Particulares do Arquivo Histórico Municipal de São Paulo

80 - Localização do projeto de construção de Casa na Rua Dona Inácia, n°16

Fonte: SARA Brasil, 1930

81, 82, 83, 84 - Projeto de construção de Casas na Rua Fontes Júnior, n° 32 e 34

Fotografias da autora.

Processo n° 110117 - Seção Obras Particulares do Arquivo Histórico Municipal de São Paulo

85, 86, 87 - Projeto de construção de Casa na Rua França Pinto, n° 16

Fotografias da autora.

Processo n° 44439T - Seção Obras Particulares do Arquivo Histórico Municipal de São Paulo

88, 89, 90 - Projeto de construção de Casas na Rua Baltazar Lisboa, n° 34, 36 e 38

Fotografias da autora.

Processo n° 12833-B - Seção Obras Particulares do Arquivo Histórico Municipal de São Paulo

91, 92, 93 - Conjunto de casas atual na Rua Batazar Lisboa, n° 190 a 256

Fotografias da autora. Novembro/2017

94 - Localização do projeto de construção de Casas na Rua Batazar Lisboa, n° 34, 36 e 38

Fonte: SARA Brasil, 1930

95, 96, 97, 98 - Projeto de construção de Casa na Rua Dona Inácia, n° 4 e 6

Fotografias da autora.

Processo n° 30873 - Seção Obras Particulares do Arquivo Histórico Municipal de São Paulo

99 - Localização do projeto de construção de Casas casas na Rua Dona Inácia, nº 4 e 6

Fonte: SARA Brasil, 1930

100, 101, 102, 103 - Projeto de construção de Casa na Rua Dona Inácia, nº 10

Fotografias da autora.

Processo nº 36326 - Seção Obras Particulares do Arquivo Histórico Municipal de São Paulo

104 - Localização do projeto de construção de Casa na Rua Dona Inácia, nº 10

Fonte: SARA Brasil, 1930

105, 106, 107 - Projeto de construção de Casa na Rua Dona Inácia, nº 10

Fotografias da autora.

Processo nº 38219 - Seção Obras Particulares do Arquivo Histórico Municipal de São Paulo

108, 109, 110, 111 - Projeto de construção de Casa na Rua Carlos Petit, nº 245

Fotografias da autora.

Processo nº 29.340/28 - Seção Obras Particulares do Arquivo Histórico Municipal de São Paulo

112 - Localização do projeto de construção de Casa na Rua Carlos Petit, nº 245

Fonte: SARA Brasil, 1930

113 - Casa na Rua Carlos Petit, nº 245

Fotografias da autora. Novembro/2017

114, 115, 116, 117 - Projeto de Construção de Casa na Rua Vergueiro, nº495

Fotografias da autora.

Processo nº 120351 - V - Seção Obras Particulares do Arquivo Histórico Municipal

118, 119, 120 - Projeto de Construção de Casa na Rua Dona Inácia, nº6

Fotografias da autora.

Processo nº 241721 - Seção Obras Particulares do Arquivo Histórico Municipal

121 - Localização de Casa na Rua Dona Inácia, nº6

Fonte: SARA Brasil, 1930

122, 123 - Casa na Rua Dona Inácia, nº6

Fotografias da autora

124, 125, 126, 127, 128 - 120 - Projeto de Construção de Casa na Rua Doutor Netto de Araújo, nº23

Fotografias da autora.

Processo nº 23474 - Seção Obras Particulares do Arquivo Histórico Municipal

129 - Localização de Casa na Rua Doutor Netto de Araújo, nº23

Fonte: SARA Brasil, 1930

130, 131, 132, 133 - Projeto de Construção de Casa na Rua Dona Avelina

Fotografias da autora.

Processo nº 3985 - N - 5464 - a - Seção Obras Particulares do Arquivo Histórico Municipal

134 - Região da Vila Afonso Celso

Base: SARA Brasil, 1930

135 - Foto aérea da Vila Afonso Celso

Base: Foto aérea do Google Earth

36, 137, 138, 139 - Projeto de Residências Luiz Lorch e Luiza Klabin Lorch: projeto de 5 casas. Vila Affonso Celso, Rua 9 Travessa da Rua Santa Cruz

Fotografias da autora. Processo PW196/728.3 LL - acervo da Biblioteca da FAUUSP.

140, 141, 142, 143 - Residência Ruy Lemos de Vasconcelos, Rua 3, lote 18, Quadra 1, Vila Mariana

Fotografias da autora. Processo PW196/728.3 RL - acervo da Biblioteca da FAUUSP

144, 145, 146 - Projeto de uma vila a ser construída sobre o terreno sito entre as ruas Afonso Ceso e Domingos de Moraes de propriedade da viúva Maurício F. Klabin.

Fotografias da autora. Processo: PW196/728.3 VIL - acervo da Biblioteca da FAUUSP

147, 148, 149 - Casas na Rua Berta

Fotografias da autora. Novembro/2017

Introdução

Este trabalho pretende analisar as transformações do espaço doméstico entre os setores médios que ocuparam e promoveram o desenvolvimento da região da Vila Mariana entre o início do século XX até 1930. Essa análise partiu da intenção de se estudar o espaço em uma pequena escala, de maior proximidade com o indivíduo, que tem como melhor representante o lugar onde se habita. Pressupõe-se que estudar a espacialidade da casa, unidade primordial do tecido urbano e palco do cotidiano mais íntimo das pessoas, possibilita entender um pouco da cultura de uma sociedade, e sua influência sobre a arquitetura e modos de morar.

A escolha da Vila Mariana e suas residências como objetos de estudo se deve a dois fatores. O primeiro é que o bairro é tradicionalmente de classe média, e suas primeiras casas não tinham as limitações construtivas próprias de baixas condições econômicas nem os excessos dos palacetes das elites. Desse modo, as casas do bairro refletiam a morada comum, de que faziam parte escolhas e preferências dos moradores, que renunciavam a certos luxos em detrimento de outros.

O segundo fator é que, apesar da intensa transformação pela qual passou nas últimas décadas, sendo já bastante verticalizada, a Vila Mariana ainda conserva alguns aspectos gerais e algumas casas de sua primeira ocupação, facilmente identificáveis na paisagem, principalmente na região do entorno do Reservatório D'Água do bairro, na Rua Conceição Veloso. Desse modo, no primeiro capítulo, buscou-se destacar o que marcou a história da Vila Mariana e identificar as permanências desse período que a região ainda guarda.

Para a análise da arquitetura residencial produzida no bairro nas primeiras décadas do século XX, recorreu-se aos projetos que fazem parte dos processos de aprovação de construção que seus interessados tinham que apresentar à prefeitura e que atualmente são armazenados no acervo do

Arquivo Histórico Municipal, na Seção Obras Particulares, podendo ser consultados por qualquer cidadão. Carlos Lemos se utiliza desse acervo para escrever sua obra “Cozinhas etc”, e nesta se expressa sobre a riqueza de informações que esses documentos podem fornecer: “No Acervo do Arquivo Histórico Washington Luís, na Prefeitura Municipal de São Paulo, existem documentos de grande interesse para melhor conhecimento dos projetos de residências, (...) onde vamos encontrar ótimos elementos para análise de certos agenciamentos hoje praticamente desaparecidos em virtude do progresso e das reformas sucessivas” (LEMOS, 1976, p.132).

No segundo capítulo, procura-se dar subsídios e embasamento para a análise dos projetos residenciais, sistematizando todo o material encontrado no acervo do Arquivo Histórico Municipal, e expondo os resultados de levantamentos sobre o bairro e as principais fontes bibliográficas a partir das quais se estabeleceu uma perspectiva específica para o estudo.

Por fim, no terceiro capítulo, se apresenta cada um dos projetos analisados. Em síntese, o estudo das casas pretendeu identificar as variações em seus programas e na disposição de espaços e as atribuições de determinados valores aos ambientes, apoiando-se na bibliografia e na comparação dos projetos entre si.

Fez parte dos projetos residenciais analisados o conjunto habitacional projetado por Gregori Warchavchik e construído em 1928 na Rua Berta, porção sul da Vila Mariana, cujos projetos de construção foram consultados no acervo de materiais iconográficos da FAUUSP.

CAPÍTULO 1

As origens da Vila Mariana

Considerando que a casa não está solta no espaço, mas sim, conectada à rua, ao bairro e a seus agentes transformadores, faz-se necessário conhecer a história do lugar em que está inserida para entender os aspectos de sua própria espacialidade. Portanto, para melhor contextualizar o estudo acerca das primeiras casas construídas na Vila Mariana, é interessante ressaltarmos alguns fatores estruturadores do desenvolvimento da região.

Não se pretende recontar minuciosamente a história do bairro, até porque não foram encontradas muitas fontes documentais sobre sua formação, mas destacar alguns fatos expostos principalmente no livro “O Bairro da Vila Mariana”, do autor Pedro Domingos Masarolo, e na tese de mestrado de Clara Carvalho¹ sobre a ocupação da Vila Mariana pelos setores médios promotores de atividade construtora.

1- Em sua tese “Os setores médios e a urbanização de São Paulo: Vila Mariana 1890 a 1914 (2016)”, Clara Carvalho investiga a atividade construtora na localidade da Vila Mariana, em que a promoção de moradias pelos setores médios, tanto para o uso próprio quanto para aluguel, contribuiu para a ocupação do lugar, para o adensamento das ruas e para a expansão territorial da cidade ao sul,

Para escrever a memória do bairro, Pedro Masarolo se baseia sobretudo em relatos de antigos moradores, que evidentemente não têm a precisão de fontes primárias, mas nos dão bons indícios da formação da região, reforçados pelos mapas antigos que nos mostram as transformações do traçado urbano local. Partindo-se essencialmente dessas referidas fontes, se faz, a seguir, a apresentação do bairro, passando por elementos que ainda permanecem na paisagem local e também por aqueles que já não são presentes, mas que foram determinantes para o desenvolvimento dessa porção da cidade.

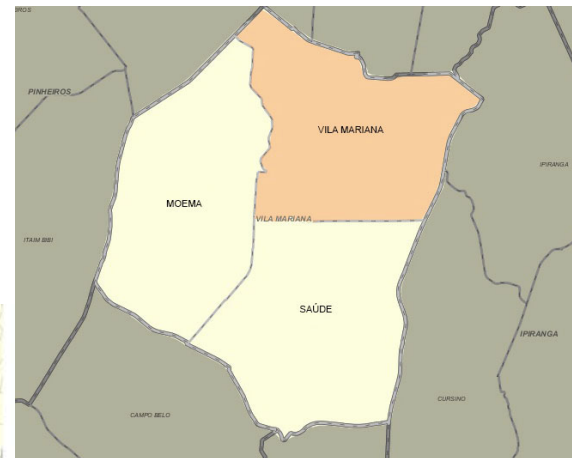
Nas imediações das áreas centrais, hoje conhecidas por centro expandido, se formaram os bairros da classe média, como Cerqueira César, Vila Mariana, Cambuci, Jabaquara, Moema, Vila Pompéia, Pinheiros, Lapa e Ipiranga. (LEMOS, 1976, p. 152). De acordo com o portal da subprefeitura da Vila Mariana ², o bairro de mesmo nome faz parte da prefeitura regional da Vila Mariana, da qual também fazem parte os bairros de Moema e da Saúde. O bairro de Vila Mariana propriamente dito fica na porção nordeste dessa região, tendo como limites principais a Rua do Paraíso, ao Norte, a Avenida Ricardo Jafet, à leste, a Rua Loefgren ao sul e a Avenida Vinte e Três de Maio à oeste (figura 2).

Segundo Pedro Masarolo, a partir de 1770, ao redor do centro de São Paulo, conhecido na época por Vila de Piratininga, se desenvolveu um conjunto de vilas entre as quais fazia parte a atual região da Vila Mariana. Esta, com poucos moradores no período, era conhecida como Caminho do Carro ³, percurso que levava até Santo Amaro e que também fazia parte de rota para se chegar ao litoral.

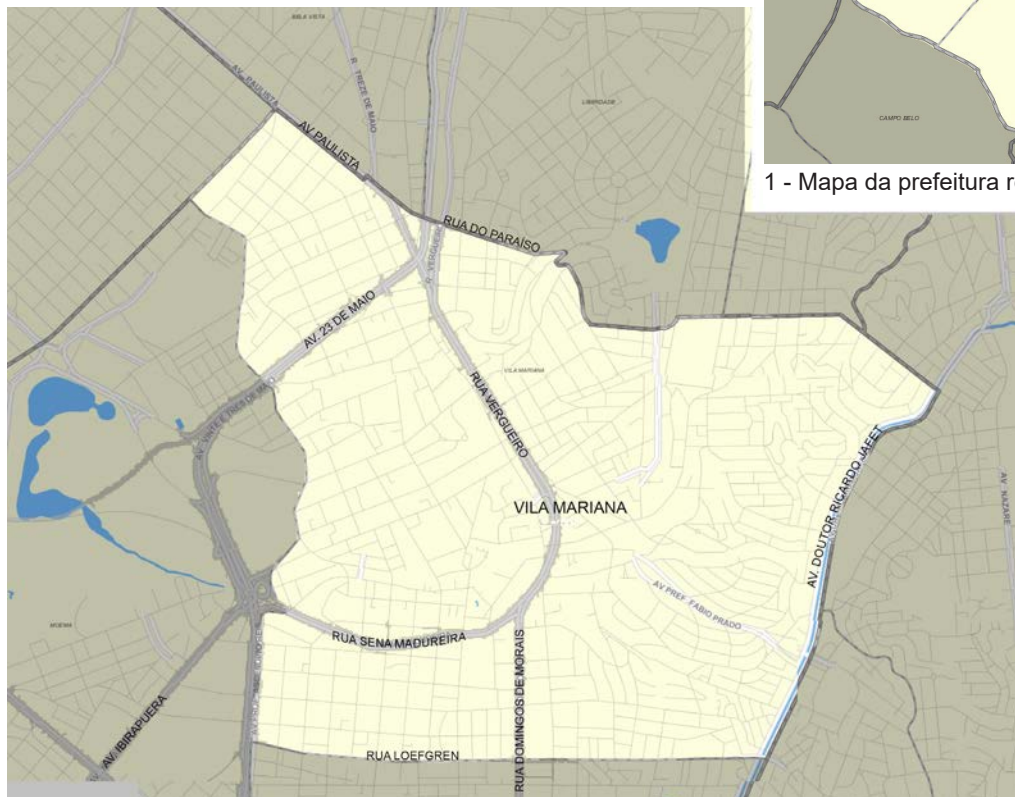
Clara Carvalho, a partir da obra de Masarolo, também faz referência ao Caminho do Carro, descrevendo seu percurso: “O Caminho do Carro, como era conhecido, partia do Largo da Força, também denominado Largo da Pólvora, atual Praça da Liberdade, seguia pela atual Avenida Liberdade, Ruas

2 - Disponível em: http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/regionais/vila_mariana - acessado em outubro de 2017

3 - Segundo Masarolo, esses caminhos eram “veredas ladeadas de campos e nos lugares de terra melhor, cerradões e árvores grandes. A designação era “caminhos”, porém não passavam de picadas feitas no meio de matas e florestas”. (MASAROLO, p. 15)



1 - Mapa da prefeitura regional de Vila Mariana



2 - Mapa do bairro de Vila Mariana

Vergueiro e Domingos de Moraes, bifurcava-se e, ou descia na direção do Ribeirão Ipiranga e, de lá, ia rumo ao mar, ou seguia sentido Jabaquara e Santo Amaro” (CARVALHO, 2016, p. 48) . Segundo a autora, sobre o caminho para Santos foi aberta posteriormente uma estrada, denominada “Estrada Vergueiro”.

Os primeiros moradores da Vila Mariana teriam se estabelecido por volta de 1820 em área próxima ao local onde hoje existe a Caixa D’água do bairro, na Rua Conceição Veloso, região que na época era conhecida como “Rancho dos Tropeiros”, por ser parada de tropas de burros e cargueiros que vinham de Sorocaba, Parnaíba e Itu, rumo a São Bernardo e Santos (MASAROLO, 1971, p. 17).

Em 1877, chegaram a São Paulo dois mil imigrantes italianos, que foram encaminhados para a Fazenda São Caetano, Santo André, Santana e para as terras onde constituiriam a Colônia da Glória. Trabalharam no campo, com o cultivo de cereais, vinhas e frutas, ao mesmo tempo que fundaram tecelagens e olarias (HOMEM, 2010, p. 172). Esses italianos que ocuparam a Chácara da Glória, região que partia da atual Avenida Lins de Vasconcellos e ia até o Ipiranga, foram os primeiros imigrantes da Itália a se estabelecerem nas imediações da Vila Mariana (MASAROLO, 1971, p. 22).

Por volta de 1886 é feito o primeiro loteamento da região próxima ao antigo Rancho dos Tropeiros pelo Banco Comercial, surgindo o Largo Teodoro de Carvalho (atual Praça Teodoro de Carvalho), a Rua Progresso (atual Rua Baltazar Lisboa), Rua Dona Inácia (atual Rua Dona Inácia Uchôa), Rua Dona Brígida e Rua Dona Júlia.⁴ (MASAROLO, 1971, p. 38).

Nesse mesmo ano começou a ser construída, sob o comando da Companhia Ferro Carril São Paulo a Santo Amaro, a estrada de ferro que ligava o bairro da Liberdade a Santo Amaro, passando pela área da atual Vila Mariana, o que dinamizou muito o bairro. O trem saía de local próximo à Rua

4 - Os históricos dos nomes das ruas citadas foram obtidos na Seção de Logradouros do Arquivo Histórico Municipal, pelo sistema CAD-TEC-Consulta a Dados Técnicos de Logradouros. Os respectivos atos de oficialização dos nomes das ruas se apresentam entre os Documentos Consultados deste trabalho.

São Joaquim e, continuando pela Rua Vergueiro, chegava até a Rua Paraíso, seguindo pela Rua Domingos de Moraes até chegar ao Largo Vila Mariana, também conhecido por Largo da Estação, onde se localizava a estação de trem, no cruzamento das atuais Rua Domingos de Moraes e Praça Teodoro de Carvalho. Do Largo da Estação, partia um ramal para o Cambuci, passando pelas atuais Rua Neto de Araújo e Avenida Lins de Vasconcelos, seguindo pela baixada do Glicério até chegar ao Mercado Municipal na Rua 25 de Março. Na altura da atual Rua Sena Madureira saía outro ramal, denominado “Chave”, que levava até o Matadouro Municipal, que estava sendo construído nessa época. (MASAROLO, 1971, p. 28).

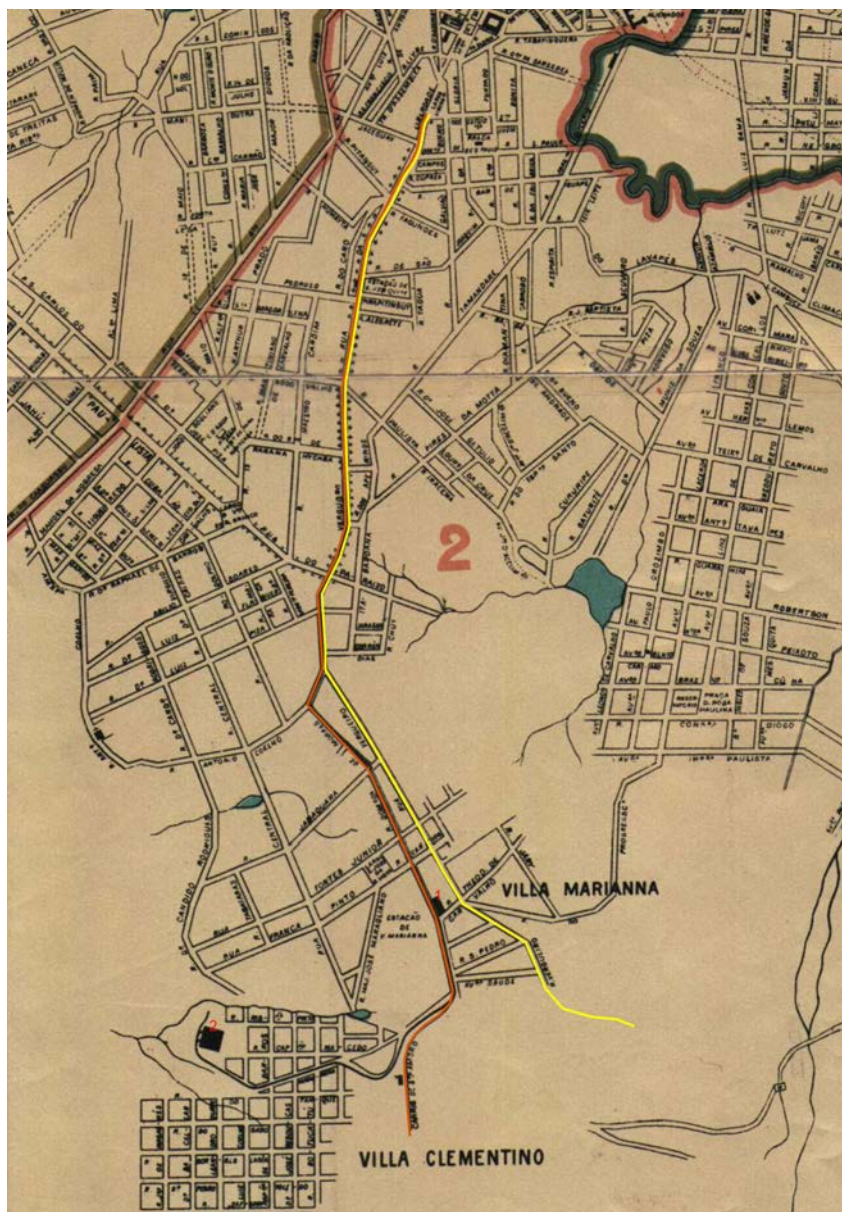
Segundo Clara Carvalho, a instalação do Matadouro Municipal na atual Vila Clementino (ao sudoeste dos limites da Vila Mariana) foi proposta do engenheiro Alberto Kuhlmann (sócio na Companhia Carris de Ferro São Paulo a Santo Amaro) que a justificava pela proximidade do local à estrada de ferro, o que facilitaria o transporte de cargas. O matadouro fomentou o desenvolvimento da urbanização do bairro, trazendo para o local a ferrovia, atividades ligadas a comércio e indústria e com isso, a possibilidade de novos empregos. Observou-se o maior adensamento da área e a construção de novas moradias (CARVALHO, 2016, p. 60).



3 - Matadouro na época de seu funcionamento



4 - Cinemateca Brasileira



LEGENDA

— Caminho do Carro

— Estrada Vergueiro

1 - Estação de Trem

2 - Matadouro Municipal

No mapa de 1897, a região da Vila Mariana já contava com algumas vias concentradas nos arredores do Largo da Estação, dentre as quais, a Rua França Pinto, a Rua Progresso (atual Rua Baltazar Lisboa) e Rua Fontes Júnior, (atual Rua Joaquim Távora).

5 - Planta Geral da capital de São Paulo organizada sob a direção do intendente de Obras Gomes Cardim - 1897

Após funcionar por quatro décadas, em 1927 o Matadouro foi fechado por deliberação da Prefeitura, por não adequar mais ao caráter intensamente urbano da região. A partir da década de 1990, as antigas instalações do Matadouro passaram a abrigar a Cinemateca Brasileira (CARVALHO, 2016, p. 60)

Clara Carvalho ressalta ainda que apesar de a Vila Mariana não ter sido marcada por uma forte presença industrial, no início de sua formação algumas indústrias se instalaram no bairro, impulsionando seu crescimento; a maioria de gêneros alimentícios ou produtos de segunda necessidade.⁵

Masarolo nos chama a atenção para a indústria pioneira, a Fábrica de Fósforos, fundada em 1887 e dirigida pelo engenheiro Jorge Eisenbach. Localizava-se na Rua Domingos de Moraes, entre as atuais ruas França Pinto e Joaquim Távora e empregou como operários muitos moradores do bairro, entre os quais mulheres e crianças, cuja mão de obra era muito mais barata que a dos homens. A fábrica funcionou até 1920, e posteriormente foi demolida dando lugar a edificações comerciais e a um cinema, o Cinema Phenix (MASAROLO, 1971, p. 48).

A Vila Mariana nunca desenvolveu sua indústria a ponto de se tornar um bairro operário. As fábricas que se instalaram na região foram desaparecendo ao longo da década de 1920, como a própria Fábrica de Fósforos e as indústrias dependentes das atividades relacionadas ao Matadouro que, após sua desativação, também deixaram de funcionar. Pode-se explicar a saída das indústrias do bairro pelo fato de serem empresas relativamente simples (gêneros alimentícios em sua maioria) que não suportaram a concorrência de produtos importados nem as crises financeiras das décadas de 1910 e 1920 (CARVALHO, 2016, p. 63 apud CANO, 1977, p.141).

5- Clara Carvalho cita a Fábrica de Pianos Nardelli, a Fábrica de Chapéus da Companhia Manufactureira Paulista, a Cervejaria Guanabara, do alemão Paulo Schmidt, a Fábrica de instrumentos musicais, de Antonio Assad Chaquer e Guilherme Frizzo, a Fábrica de artigos de borracha de Theodoro Putz, a Fábrica de salames, presuntos e salsichas, de Ernesto Bischoff, a Fábrica de guarda-chuvas Cunha & Brandi, a Fábrica de camas Silva & Borges, as Fábricas de chocolates Sönksen, na Rua Vergueiro, fundada em 1904. E a Société Anonyme des Chocolats Suisses, posteriormente chamada de Lacta, na Rua José Antonio Coelho, fundada em 1912, por Achilles Isella, Antonio Rapp e outros (CARVALHO, 2016, p. 61-62).

Essas indústrias contribuíram para o desenvolvimento urbano da Vila Mariana no início de sua formação, mas não permaneceram, ao contrário das moradias decorrentes desse período de ocupação, o que tornou o bairro tradicionalmente residencial.

Nos mapas antigos do bairro, nota-se que vem indicado no que hoje é o Largo Ana Rosa, o Instituto Dona Ana Rosa. Conforme Clara Carvalho, tratava-se de uma instituição particular beneficente utilizada como orfanato para crianças. (CARVALHO, 2016, p. 63). A instituição funcionou nesse local até 1940, quando foi transferida para sua atual sede, na Vila Sônia.

O edifício do Instituto foi demolido e em seu lugar foi construído parte do Conjunto Habitacional Jardim Ana Rosa, de frente para a Rua Vergueiro, projeto de vários arquitetos como o Engenheiro-Arquiteto Plínio Croce (Mackenzie, 1946), o Arquiteto Roberto Aflalo (Mackenzie, 1950), o Arquiteto Salvador Candia (Mackenzie, 1948) e o Engenheiro-Arquiteto Eduardo Kneese de Mello (Mackenzie, 1931). É um conjunto residencial moderno, um dos primeiros dessa tipologia habitacional a serem construídos na cidade.⁶

Segundo Masarolo, a partir de 1900, o bairro passa por algumas transformações importantes: grande parte das ruas já contava com iluminação pública de lâmpões a gás, algumas casas com luz elétrica, e o comércio local também estava muito mais expressivo. Outro fato muito impactante foi o fechamento da Companhia Ferro Carril São Paulo a Santo Amaro, que foi comprada pela Companhia Light. Os trechos que conectavam a região do Matadouro ao centro da cidade foram servidos com linhas de bondes, de responsabilidade da nova companhia. Os trens que levavam até Santo Amaro ainda trafegaram até 1913 (MASAROLO, p. 74-75).

Ainda sobre a presença imigratória no bairro, Masarolo ressalta que apesar de a maior parte dos imigrantes a ocuparem a Vila Mariana em seus primeiros anos de formação serem italianos, o

6 - Disponível em: <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/10.114/12> - acessado em: outubro de 2017.

bairro contou também com estrangeiros de outros locais, como os alemães. Estes vinham da própria Alemanha, mas também do sul do Brasil e se concentraram a princípio na Rua José Antônio Coelho, onde em 1903 foi fundada uma escola alemã, pela Sociedade Escolar. Em 1940, essa escola passa a se chamar Colégio Benjamin Constant e é transferida para a Rua Eça de Queirós, onde existe até hoje (MASAROLO, 1971, p. 81). Outras instituições educacionais antigas estão presentes no bairro, funcionando ainda como escolas, a exemplo Colégio Archidiocesano ⁷, fundado em 1908 por Irmãos Maristas e cujo edifício na Rua Domingos de Moraes começou a ser construído em 1929, e a Escola Estadual Marechal Floriano, na Rua Dona Júlia, tombada pelo CONDEPHAAT por fazer parte de um conjunto de escolas construídas em São Paulo durante a Primeira República (RES.SC 60/10).



6 - E.E. Marechal Floriano - 2017



7 - Interior do Colégio Marista Arquidiocesano na Rua Domingos de Moraes - foto atual



8 - Colégio Benjamin Constant na Rua Eça de Queirós - 2017

7 - Disponível em: <https://arquidiocesano.colegiosmaristas.com.br/sobre-o-colegio/historia/> - acessado em novembro de 2017)



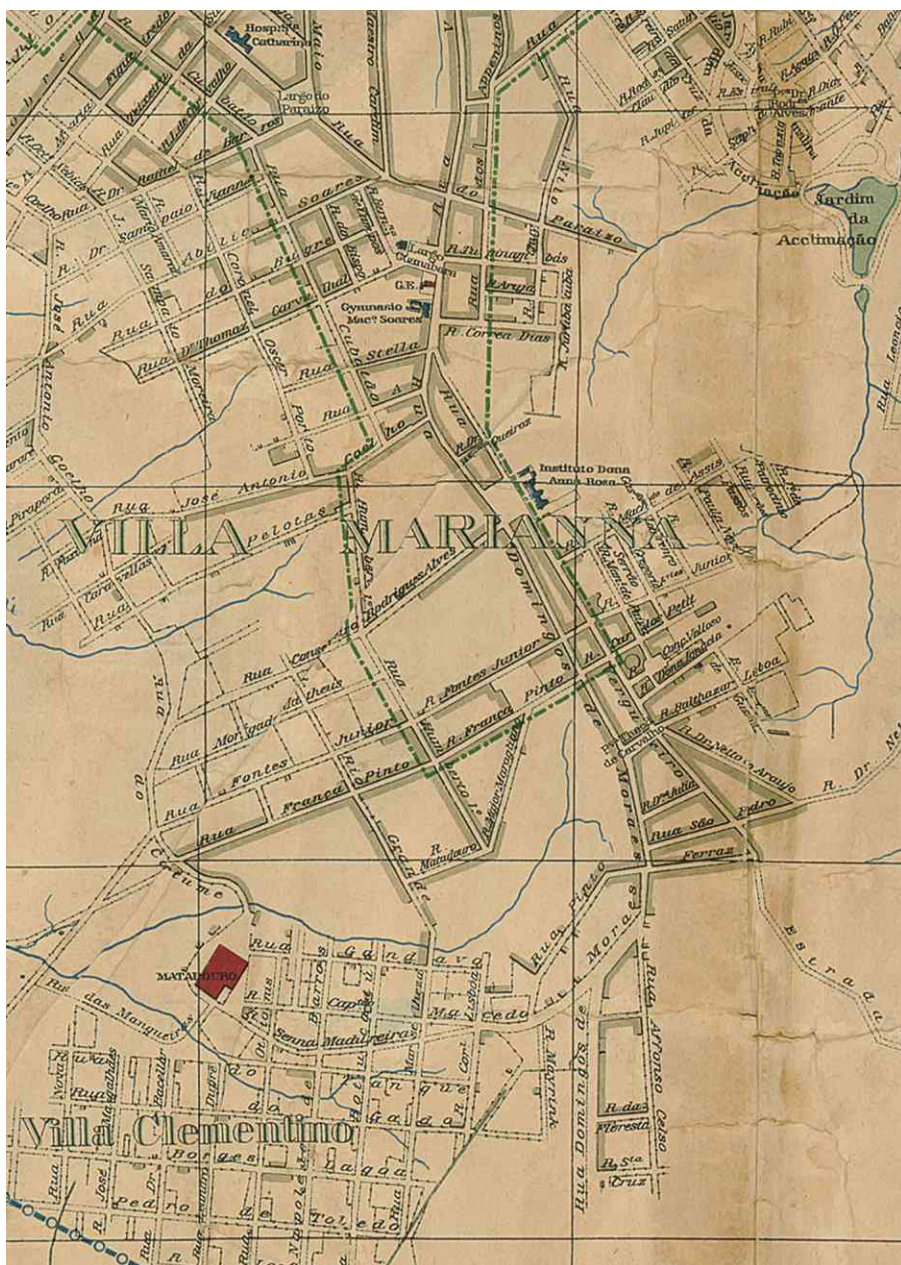
9 - Planta Geral da Cidade de São Paulo para uso das Repartições da Prefeitura Municipal - 1905.



Garagem de bondes da Vila Mariana. Autor desconhecido.

No mapa de 1905, aparecem traçadas mais algumas ruas na região da Vila Mariana, como a Rua Carlos Petit, Rua Dona Inácia e Rua Dona Júlia. Além do Largo da Estação e do Matadouro Municipal, também são destacados o Instituto Dona Ana Rosa e a Fábrica de Fósforos.

Na legenda original dessa planta da cidade, explica-se que o traçado em vermelho que passa sobre algumas ruas representa as linhas de bondes elétricos, que nessa época já existiam na Vila Mariana ao longo do eixo da Rua Vergueiro e Rua Domingos de Moraes.



10 - Planta da Cidade de São Paulo levantada pela Diretoria de Obras e Viação da Prefeitura Municipal de São Paulo - 1916.

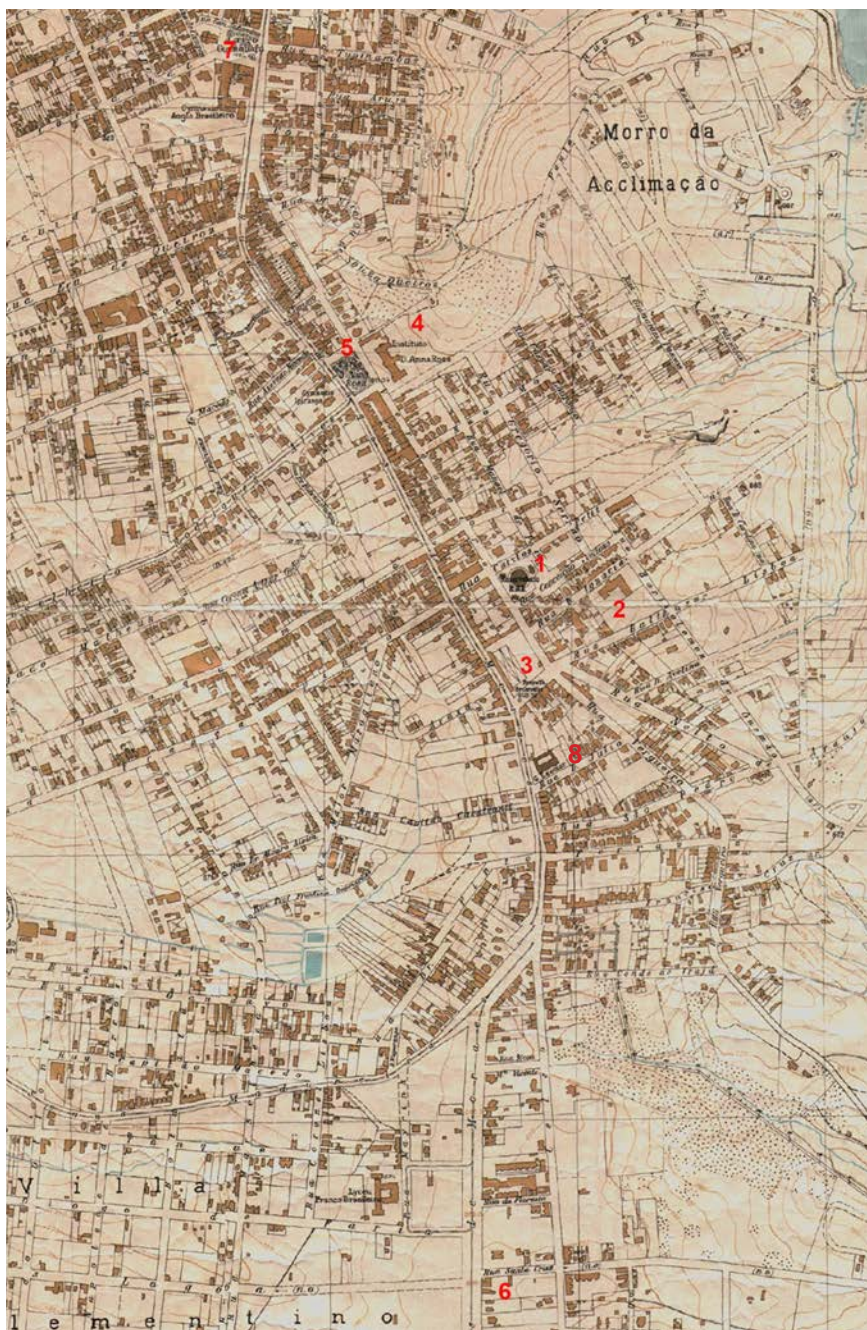
No mapa de 1916, vemos um maior adensamento do número de vias abertas. Na área central do bairro, onde houve a primeira ocupação, já está delineada a quadra com a Caixa D'agua do bairro e seu Largo, na Rua Conceição Veloso. Há também algumas outras quadras e ruas nas adjacências já muito semelhantes a como se encontram hoje.

Verifica-se a ocupação da região em seu sentido sul, com a abertura da Rua Affonso Celso e Rua Santa Cruz.

Entre 1915-1917, o bairro começou a ser abastecido por água proveniente da Cantareira e de Cotia, armazenada na já então construída Caixa D'água da Rua Vergueiro. A distribuição de água era concentrada nas ruas mais habitadas e a cobrança era por domicílio (proporcionalmente ao tamanho da edificação). Os núcleos residenciais se estabeleciam nas proximidades das vias principais, onde passavam as linhas de bondes, que contavam também com carros de carga da Light utilizados para o transporte de materiais para as construções. Sendo os bondes o único meio de transporte disponível na época, as áreas afastadas das linhas por onde passavam permaneciam desocupadas ou ainda eram utilizadas como chácaras (MASAROLO, 1971, p. 99-100).

Desse período datam também algumas instituições religiosas presentes até hoje no bairro. É o caso da Paróquia de Nossa Senhora da Saúde (antes uma capelinha em uma chácara com hortas nos fundos do terreno, entre as Ruas Santa Cruz e Afonso Celso) e do Convento da Ordem da Visitação de Santa Maria, construído em 1916 na Rua Dona Inácia Uchôa. Havia também a Paróquia Santa Generosa, no antigo Largo Guanabara, mas foi demolida em ocasião da abertura da Avenida 23 de Maio. (MASAROLO, 1971, p. 102). Atualmente a Paróquia funciona em local bem próximo ao original, na Avenida Av. Bernardino de Campos.

Entre 1930 e 1940, a parte central da Vila Mariana já estava quase toda habitada, e novas ruas eram abertas nos últimos grandes lotes, que ficavam cada vez mais caros. Os novos sistemas de transporte possibilitaram a ocupação de regiões mais distantes por novos moradores (muitos descendentes dos primeiros habitantes do bairro), onde as terras eram economicamente mais acessíveis e já contavam com infraestrutura urbana. É quando surgem os bairros Bosque da Saúde, Jardim da Glória (originado de loteamentos na Chácara da Glória), Ibirapuera, Vila Gumerindo e tantos outros ao sul, sentido Jabaquara. Nesse período, a luz a gás já havia sido totalmente substituída pela elétrica e quase todas as ruas já eram abastecidas por rede de água e esgotos (MASAROLO, 1971, p. 108-109)

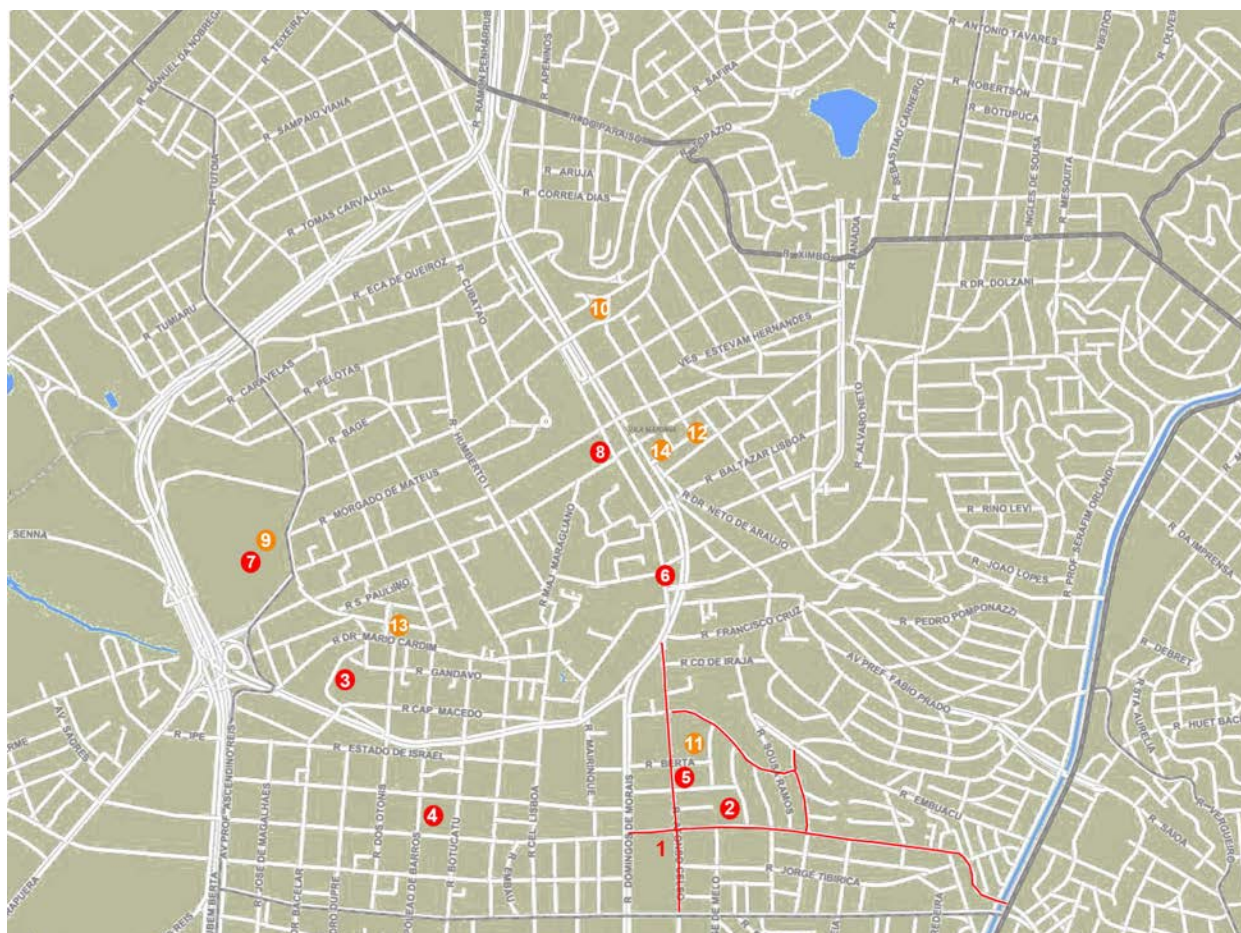


LEGENDA

- 1** - Reservatório D'Água Vila Mariana
- 2** - Mosteiro e Convento da Ordem da Visitação de Santa Maria
- 3** - Praça Dr. Teodoro de Carvalho
- 4** - Instituto Dona Ana Rosa
- 5** - Largo Ana Rosa
- 6** - Paróquia de Nossa Senhora da Saúde
- 7** - Paróquia de Santa Generosa no antigo Largo Guanabara, antes da abertura da Av. 23 de Maio
- 8** - E.E. Marechal Floriano

11 - Planta da Cidade de São Paulo - SARA Brasil - 1930.

Na Vila Mariana, alguns bens já foram reconhecidos como patrimônio histórico. O mapa a seguir apresenta a localização dos bens protegidos por legislação, segundo dados do Programa Patrimônio e Referências Culturais nas Subprefeituras organizado pelo Departamento de Patrimônio Histórico, com última atualização em dezembro de 2013.⁸



12 - Mapa de bens protegidos por legislação no distrito de Vila Mariana



Bens tombados



Bens com abertura de tombamento

8 - Disponível em : http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/upload/VilaMariana_web_1392057750.pdf - acessado em novembro/2017



Figura 13

1 - Área da Antiga Chácara Klabin

Ruas Maurício F. Klabin, Deputado Joaquim Libânio, Santa Cruz e Afonso Celso.

CONPESP: RES.06/04



Figura 17

5 - Imóveis da Rua Berta
Rua Berta, 48 a 120

CONPESP: RES.04/91



Figura 14

2 - Casa Modernista
Rua Santa Cruz, 325

CONPESP: RES.05/91
-ex-officio

CONDEPHAAT: RES.29 de 20.10.84



Figura 18

6 - E.E. Marechal Floriano
Rua Dona Júlia, 37

CONDEPHAAT: RES.60 de 2010



Figura 15

3 - Matadouro de Vila Mariana

Largo Senador Raul Cardoso, 207

CONPESP: RES.05/91
-ex-officio



Figura 18

7 - Instituto Biológico
Av. Conselheiro Rodrigues Alves, 1252

CONDEPHAAT: RES.SC 113 de 25/02/12



Figura 16

4 - Teatro João Caetano
Rua Borges Lagoa, 650

CONPESP: RES.29/92



Figura 19

8 - Marco Quilométrico da Vila Mariana

Rua França Pinto, 20

CONPESP: RES.13/13



Figura 20

9 - Museu de Arte Contemporânea/ Instituto Biológico/ RA Esgoto

Av. Pedro Álvares Cabral, Praça Reinaldo Porchat, Av. 23 de Maio, Rua Dr. Astolfo Araújo, Rua Doutor Amâncio de Cravalho, Avenida Conselheiro Rodrigues Alves, Rua Áurea e Rua França

Pinto

CONPRES: RES.9/03



Figura 24

13 - Residência projetada pelo arquiteto Ruy Ohtake

Rua Mário Cardim, 204

CONPRES: RES.4/13



Figura 21

10 - Conjunto Jardim Ana Rosa

Rua Vergueiro com Rua Dr. José de Queirós Aranha

CONPRES: RES.26/04



Figura 25



Figura 22

11 - Museu Lasar Segall

Rua Afonso Celso, 362 e 368

CONPRES: RES.26/04



14 - Mosteiro da Visitação de Nossa Senhora, Igreja de Santa Rita de Cássia, Área do Reservatório D'Água da Vila Mariana e Largo da Caixa D'Água da Vila Mariana

Rua Dona Inácia Uchôa, 106 e 208
Rua Vergueiro, 2713
Confluência das Ruas Conceição Veloso e Manuel de Paiva

CONPRES: RES.9/11

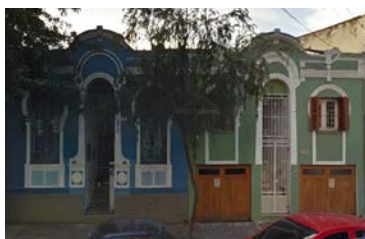


Figura 23

12 - Pequenas casas Art Nouveau

Rua Dona Inácia Uchôa, 189 e 195

CONPRES: RES.9/92

CONPRES: RES.38/13

CAPÍTULO 2

Subsídios de análise dos projetos residenciais na Vila Mariana

Antes de iniciar a busca por projetos de residências para a Vila Mariana no acervo do Arquivo Histórico Municipal, foi feito um levantamento das datas aproximadas de construção das edificações existentes atualmente em algumas quadras. O referido acervo armazena projetos de fim do século XIX até 1935 e, tinha-se a intenção de encontrar justamente projetos de casas remanescentes desse período. Para estimar as datas das edificações, comparou-se os mapas Sara Brasil, de 1930 e VASP, de 1954, comparando-os com o Mapa Digital da Cidade (atual), conforme se apresenta a seguir.

As quadras selecionadas para esse levantamento são as do entorno do Largo do Reservatório D'água, que, como abordado no capítulo I, foi a primeira área no bairro a ser ocupada, ficando conhecida na época como Rancho dos Tropeiros. O Largo é compreendido pelas atuais Ruas Manoel de Paim, Carlos Petit, Vergueiro e Conceição Veloso. Na esquina desta rua com o Largo, há um alargamento da via, calçada por paralelepípedos, o que cria uma ambiência peculiar na área, reforçada pelos baixos gabaritos das construções no local.



26 - Mapa da área analisada do bairro - SARA Brasil, 1930



27 - Mapa da área analisada do bairro - Mapa VASP, 1954

Apesar de o estudo das casas da Vila Mariana ter como foco a área central de ocupação do bairro delineada nos mapas anteriores, em ocasião das buscas no Arquivo Histórico Municipal foram selecionados também projetos residenciais fora do perímetro de levantamento prévio, por apresentarem aspectos de interesse para este estudo. A seleção teve como critério escolher projetos de tipologias variadas, a fim de se obter uma amostra considerável dos tipos de casas construídas na região no período. Apresenta-se, a seguir, registros fotográficos de alguns conjuntos residenciais representativos do que ainda existe no entorno, com as suas respectivas localizações numeradas no mapas de levantamento.



29 - Largo do Reservatório da Vila Mariana na Rua Conceição Veloso



30 - Conjunto de pequenas casas na Rua Dona Inácia Uchôa, nºs 197 a 195. As duas primeiras de inspiração Art Nouveau, em primeiro plano, têm Abertura de Tombamento pela RES.38/CONPRES/13.



31 - Conjunto de pequenas casas na Rua Carlos Petit, nº 372 a 386

4.



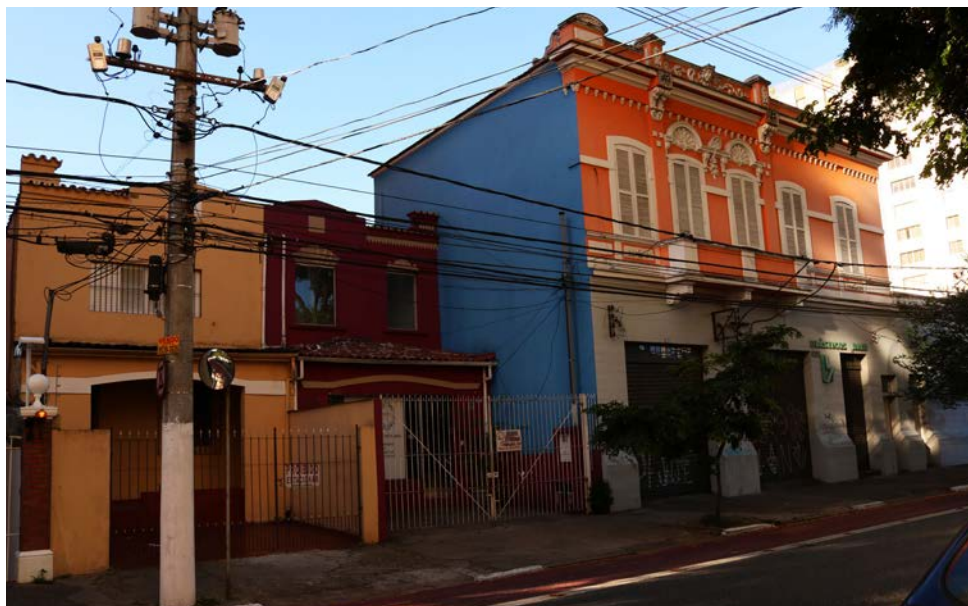
32 - Casarão na Rua Dona Inácia Uchôa, nº 318

5.



33 - Conjuntos comerciais na Rua Dona Júlia, nº 200

6.



34 - Sobrados e conjunto comercial na Rua França Pinto, nº 276, 268 e 264 a 254

7.



35 - Casa na Rua Manoel de Paiva, nº 245

A análise dos projetos residenciais que serão apresentados no próximo capítulo se baseou sobretudo na espacialidade dos ambientes, assim como no programa de necessidades de cada uma das casas, elementos essenciais para que se estabelecesse algumas suposições acerca dos modos de morar da classe média residente na Vila Mariana nas primeiras décadas do século XX. Nesse sentido, o estudo individual de cada projeto se constituiu na observação dos percursos a partir do acesso ao lote, até se adentrar na casa, e nos tipos e localização dos cômodos em seu interior. Não foi possível aprofundar discussões relacionadas à mobiliário, já que em geral os projetos não traziam desenhos ou informações sobre como mobiliar ou decorar as casas projetadas; sendo esta uma possível questão a ser explorada em uma outra pesquisa ⁹.

O foco da análise foi a identificação de transformações no espaço doméstico que tiveram como impulsionadoras o desenvolvimento das ideias de privacidade e domesticidade, conceitos que começaram a aflorar no Brasil no final do século XIX e início do século XX ¹⁰ (SCHETTINO, 2012). Conforme afirma Antoine Prost: “uma boa maneira de abordar as transformações que afetaram a vida privada no século XX consiste em indagar sobre a evolução material do quadro doméstico: a história da vida privada é, em primeiro lugar, a história do espaço em que ela se inscreve”(PROST, 1987, p. 62).

Segundo Maria Cecília Homem, essas ideias surgiram primeiramente na Europa, já a partir do século XVI. A autora afirma ainda que o historiador Philippe Ariès atribui a valorização da privacidade a diversos adventos desse período, dentre os quais, a difusão da imprensa que desencadeou o gosto pela leitura (atividade solitária), o Romantismo (culto dos sentimentos, sonhos, devaneios, estados de

9 - A disciplina da FAU-USP “AUH 0545 - Estudos em história da arquitetura e do urbanismo – cidade, arquitetura e domesticidade moderna” lecionada pela professora Joana Mello, cuja bibliografia muito contribuiu para este estudo, aborda as questões sobre domesticidade e privacidade nas camadas médias ao longo do século XX. Na disciplina são aprofundados os temas em relação à decoração e ao mobiliário das residências, que acompanharam as transformações de mentalidade e modos de morar desse período. É destacada também a trajetória do papel da mulher nesse processo.

10 - Em sua tese de doutorado “*A Mulher e a Casa*” apresentada à UFMG em 2012, Patrícia Schettino aborda a relação entre as transformações da arquitetura residencial e a evolução do papel feminino na sociedade carioca no final do século XIX e início do século XX, passando pelo viés dos conceitos de domesticidade e privacidade na burguesia brasileira do período.

espírito e solidão), as confissões que levaram à prática costumeira dos diários íntimos, e as próprias formas de relacionamentos humanos, como a amizade, que passam a exigir lealdade entre as partes. (HOMEM, 2010, p. 23).

Nas habitações da burguesia francesa, essa mentalidade se manifestou, dentre outros aspectos, na especialização dos ambientes e na diminuição de suas dimensões, no afastamento da casa do alinhamento do lote, na introdução dos porões como forma não só de conter a umidade, mas de também de elevar a casa do nível da rua e evitar que o interior fosse visto pelos passantes, e na distribuição dos cômodos a partir do vestíbulo, inovação desenvolvida no século XVIII pelo arquiteto francês Jacques-François Blondel (HOMEM, 2010, p. 23-25).

Ainda segundo a mesma autora, no final do século XIX, em São Paulo, as famílias pertencentes aos antigos grupos cafeicultores, que constituíam a elite paulistana, passam a assimilar esses novos princípios da burguesia francesa, o que resulta na consagração do palacete como sua forma de habitar. Os palacetes se caracterizavam essencialmente por não haver superposição de funções entre seus cômodos, e por terem um extenso programa de necessidades composto, geralmente, por salão de recepções, sala de visitas, sala de estar, sala da senhora, sala de jogos, bilhar, fumoir, sala de estudos, biblioteca, gabinete, hall, jardim de inverno, copa, cozinha, porão, edícula, quarto de empregados e mais quantos cômodos a família julgasse conveniente para especializar os ambientes em que seriam realizadas as atividades do cotidiano (HOMEM, 2010).

Essa abordagem acerca do surgimento dos palacetes em São Paulo se faz necessária já que as casas de classe média do início do século XX incorporaram, junto aos conceitos de privacidade e domesticidade, vários dos modos de morar da elite, que se refletiram sobretudo nos seus cômodos e na distribuição do programa de necessidades, conforme veremos nos projetos de residências para a Vila Mariana.

Um dos aspectos que mais apresentará variações entre os projetos analisados, é a posição do

banheiro na casa, tornando-se imprescindível esclarecermos brevemente alguns pontos em relação a esse cômodo. Conforme Telma Correia, no Brasil, sobretudo a partir da década de 1890, houve uma grande campanha de higienização, associada à moralização da sociedade, dentro de uma ideia de meio como formador dos indivíduos (CORREIA, 2004).

Em sua tese de mestrado¹¹, Clarissa Paulillo corrobora essa ideia, mostrando que a consagração do banheiro como cômodo íntimo, assim como sua incorporação ao corpo da casa, entre o final do século XIX e início do XX, não foram determinadas somente pela disponibilidade de rede de infraestrutura sanitária. A dimensão psíquica que o banheiro assume no espaço doméstico foi também um fator decisivo para as novas posições que o cômodo assume: será no banheiro, espaço privativo e individualizado, que as pessoas passarão a manifestar sua subjetividade através do cuidado com o corpo (PAULILLO, 2017). Nas casas analisadas na Vila Mariana, essa visão da autora se confirma quando vemos que, com o tempo, o banheiro se integra cada vez mais ao espaço doméstico, passando em determinado momento a fazer parte de sua área íntima.

Os projetos analisados vão nos mostrar também que tanto o termo “banheiro” quanto o termo “wc” (water closet) são utilizados para se referir aos cômodos sanitários. Essa diferença de nomenclatura se deve basicamente às funções que desempenhavam na casa; em geral as tipologias menores e externas, eram chamadas de “latrina” ou “wc” e as tipologias maiores, já no corpo da casa, se designavam “banho”, “quarto de banho” ou ainda “banho e wc”. (PAULILLO, 2017, p. 185). Segundo Carlos Lemos, a expressão “wc” foi introduzida pelos técnicos ingleses, que instalaram a primeira rede de água potável no Brasil, e pelos importadores de peças sanitárias da Inglaterra (LE MOS, 1976, p.138).

Ainda sobre os banheiros, vale ressaltar, por fim, que o Brasil se apropriou da solução surgida

11 - Em “*Corpo, Casa e Cidade: três escalas da higiene na consolidação das moradias paulistanas (1893-1929)*”, Clarissa Paulillo trata da relação entre as redes de infraestrutura sanitária na cidade de São Paulo e a consolidação do ambiente do banheiro no espaço doméstico entre os anos 1893 e 1929.

nos EUA no final do século XIX, em que o banheiro era constituído por um cômodo de uso comum, com vaso sanitário, pia e banheira, ao contrário da Europa onde prevaleceu por mais tempo a separação entre vaso sanitário e equipamentos de banho¹² (RYBCZYNSKI, 1996).

Vale lembrar que os projetos apresentados trazem os números antigos dos imóveis, que não correspondem mais à numeração atual das ruas onde se localizavam. O histórico de numeração de algumas casas remanescentes do período estudado também foi pesquisado no Arquivo Histórico Municipal, e em alguns casos, foi possível se identificar seus respectivos projetos de construção.

Notou-se também que os projetos de aprovação, em geral, traziam o nome do interessado na construção (o proprietário do lote) datilografado, sendo de fácil identificação. No entanto, o construtor, engenheiro ou arquiteto, na maior parte das vezes não tinham seus nomes legíveis; os projetos traziam somente sua assinatura de difícil compreensão. Por esse motivo, nem sempre foi possível identificar o nome desses profissionais.

2.1 Classificação dos projetos analisados

No processo de seleção no Arquivo Histórico Municipal de alguns projetos residenciais na Vila Mariana se constatou que a heterogeneidade dessa classe social se refletia, no período analisado, em uma considerável diversidade entre suas habitações. Eram projetadas para o bairro casas com tipologias e programas diversos, para diferentes faixas de renda.

Tendo isso em vista, optou-se por separar em grupos os projetos de mesmo padrão socioeconômico, semelhantes entre si. Como critério de separação, utilizou-se a classificação que Clara D'alambert elaborou em sua tese de doutorado acerca da arquitetura residencial paulistana entre as Grandes

12 - Casa: a pequena história de uma ideia - RYBCZYNSKI, Witold (1996). O arquiteto polonês escreve sobre como mudanças culturais e sociais influenciaram o mobiliário, os estilos de decoração e a arquitetura doméstica desde a Idade Média até a contemporaneidade..

Guerras para definir os diferentes padrões residenciais desse período, levando em consideração a tipologia e o programa de necessidades das residências. (D’LAMBERT, 2003, p. 100). Segundo a autora:

- Casa Mista: casa com dois pavimentos, com uso comercial no térreo e residencial no andar superior;
- Casa de Classe Média Baixa: casa térrea com quatro cômodos em média (sala, dois quartos e cozinha ou então duas salas, quarto e cozinha e banheiro completo);
- Casa de Classe Média Média: pode ser sobrado ou térrea, com recuos frontais (jardim), de fundo (quintal) e laterais; quando a casa é geminada, há um só recuo. Possui em geral sala de visitas ou estar, sala de jantar (ou varanda), no mínimo dois quartos, banheiro junto à cozinha e área de serviço. Às vezes há ainda acomodação para empregadas domésticas, ou no corpo da casa ou em edículas;
- Casa de Classe Média Alta: sobrado ou casa térrea com porão habitável, implantada no meio do lote. Possui sala de visitas, gabinete, escritório e uma sala de jantar, pelo menos dois quartos, e banheiro completo no piso superior. No térreo ficava o wc, e as dependências de empregados e serviços. Em alguns casos, o quarto de empregados e serviços ficavam na edícula no fundo, junto à garagem. Despensa ou quarto de engomar eram opcionais.

Elencando-se as principais características utilizadas nessa classificação, elaborou-se a tabela a seguir, classificando nas classes sociais descritas os projetos residenciais para a Vila Mariana selecionados para análise.

Endereço	Ano	Térrea	Sobrado	Poção	Recuos		sala	quartos	Banheiro				Pé-direito		Classificação (por D'alambert)
					frontal	lateral			wc externo	wc no corpo da casa	completo térreo	completo 1º pavimento	térreo	1º pavimento	
Rua Carlos Petit, nº29	1909	x		x	x	2	1	3	-	-	-				classe média baixa
Rua Dona Elisa, nº 12	1911	x		x	-	x	1	3	-	-	x				classe média baixa
Rua França Pinto, nº57 e 29	1913	x		x	x	-	2	1	-	x	-		4,10m		classe média baixa
Rua França Pinto, 12	1913	x		x	-	-	2	1	-	-	x (acesso pelo quintal)		3,80		classe média baixa
Rua Bartolomeu Gusmão, 83	1914	x			x	pelo menos 1	2	1	-	-	x				classe média baixa
Rua Dona Elisa, nº 18	1914	x			x	2	3	3	-	-	x (acesso pelo quintal)		4m		classe média média
Rua França Pinto com Humberto I	1914	x (comércio na frente)		x (na parte residencial)	-	1	2	2	-	x (acesso pelo quintal)	-		4,30m		casa mista
Rua França Pinto com Domingos de Moraes	1915	-	x (comércio no térreo)	-	-	-	1	4	-	-	-	-			casa mista
Rua Dr. Netto de Araujo, 87 e 89	1915	x		x	x	1	2	1	-	-	x				classe média baixa
Rua Vergueiro, nº495	1915	x		x (habitável)	x	2	3	2	-	-	x				classe média alta
Rua Dona Elisa, nº 12	1918	x		x	-	1	1 (sala de jantar)	3	-	-	x				classe média baixa
Rua Dona Inácia, nº 21	1919	x		x	-	x	2	2	-	-	x		3,80m		classe média baixa

Rua Dona Julia, nº 8	1920	x (comércio na frente)		-	-	1	1 (varanda)	1	-	-	x (acesso pelo quintal)		5,30m		casa mista
Rua Dona Inácia, nº 6	1920	x		x(habitável)	x	2	3	3	-	x(poço)	x		3,70m		Classe média alta
Rua Dona Inácia, nº 16	1921		x	x	x	2	2	3	-	x	-	x	3,80m		classe média média
Rua Fontes Junior, nº 32 e 34	1922	x		x(habitável)	-	1	2	2	-	x(no poço)	x		3,50m		classe média média
Rua França Pinto, nº 16	1922	x		x	x	2	3	3	-	x (acesso pelo quintal)	x		3,80m		classe média média
Rua Baltazar Liboa, nº 36 e 38	1923		x	x	x	1	2	3	x	-	-	x	3,00m	3,00m	classe média média
Rua Baltazar Liboa, nº44	1923		x	x	x	1	2	2	-	x	-	x	3,00m	3,00m	classe média média
Rua Dona Avelina, nº 6 e 8	1923	x		x	x	1	1(sala de jantar)	2	-	-	x(acesso pelo quintal)		3,50m		classe média baixa
Rua Dr. Netto de Araújo, nº23	1923		x	x(habitável)	x	2	2	4	x(poço)	x	-	x	3,50m	3,20m	classe média alta
Rua Dona Avelina	1923	x		x	-	1	2	4	-	-	x	-	3,50m		classe média baixa
Rua Dona Inacia 10	1923		x	x	x	1	2	3	x	-	-	x	3,00m	3,00m	classe média média
Rua Dona Inacia 4 6	1923		x	x	x	-	2	3	-			x	3,00m	3,00m	classe média média
Rua Manoel Paiva 18	1923		x		x	1	2	2	x	-	-	x	2,50m	3,00m	classe média média
Rua Carlos Petit 29	1928		x	x	x	2	2	2	-	-	-	x	3,00m	3,00m	classe média média

2.2. Inferências da Tabela

Casas Mistas

Apesar de a Vila Mariana ter se constituído como bairro predominantemente residencial, já em sua primeira ocupação, eram comuns as edificações de uso misto, com armazéns ou oficinas na parte frontal e residência nos fundos ou no primeiro pavimento, no caso de sobrados, a exemplo das edificações mistas analisadas neste estudo. Esse tipo de construção era antigo na cidade e fazia parte do modo de morar que se constituía em habitar e trabalhar no mesmo lugar, o que era bastante comum entre os paulistanos. A combinação – casa e armazém – foi corrente em São Paulo desde os oitocentos (CARVALHO, 2016, p. 141).

Das construções analisadas, as construções mistas se localizavam no cruzamento da Rua França Pinto com a Domingos de Moraes, edificação existente até hoje, e no daquela via com a Rua Humberto I. A terceira edificação é na Rua Dona Júlia, onde atualmente também ainda há algumas edificações remanescentes desse período, com comércios no térreo. Percebemos que essas ruas conservaram até hoje esse caráter de uso misto de sua primeira ocupação.

Observando a tabela, vemos que duas das edificações mistas se localizavam em esquinas, local onde até hoje, em bairros predominantemente residenciais, com frequência há empreendimentos comerciais, talvez por deixar o comércio, com a fachada voltada para duas vias, em evidência.

Ainda se comparando as edificações, percebe-se que cada uma delas tinha ao menos uma sala de jantar, mas o número de quartos era variável, provavelmente proporcional ao número de moradores. O sobrado da Rua França Pinto com a Rua Domingos de Moraes era aparentemente o mais desconfortável, já que apesar de ter quatro quartos, não havia nenhum banheiro. Considerando que em 1914 o bairro já começava a desenvolver sua infraestrutura de água encanada em suas ruas principais, a ausência do banheiro possivelmente se relaciona a custos de instalação de canalizações e

taxas sobre este serviço, o que era uma situação comum na cidade em desenvolvimento. (PAULILLO, 2017, p.192). No caso de instalações sanitárias instaladas no primeiro pavimento, os custos possivelmente eram mais elevados.

Vale observar também a altura elevada dos pés direito dessas edificações, muito maiores que das casas de uso exclusivamente residencial. Isso se deve em grande parte à legislação, que exigia pé-direito maior para lojas. O Ato 849 de 1916, estabelecia pé direito mínimo de 3,70m para habitações em geral e o Código Arthur Savoya, de 1929, instituía pé direito mínimo de 4m para lojas.¹³

As edificações de uso misto e mesmo exclusivamente comerciais ainda são bastante presentes no bairro, que hoje é classificado predominantemente como zona mista de alta densidade - a, com coeficiente de aproveitamento de até 2,5. No entanto, o comércio se concentra em algumas ruas específicas, como as Ruas Joaquim Távora e França Pinto, além é claro, da Rua Vergueiro e Rua Domingos de Moraes, que por serem eixos de zona de centralidade polar b, admitem coeficientes de aproveitamento de até 4.¹⁴

Casas de Classe Média Baixa

Todas as casas de classe média baixa analisadas são térreas, o que pode indicar que o sobrado era uma diferenciação elementar entre as habitações dessa classe e de classes com maior poder aquisitivo. No entanto, o recuo frontal, característico de casas mais abastadas, já é mais recorrente mesmo entre as casas mais simples, como nos mostra metade de seus projetos de construção apresentados neste estudo. O Código de Posturas de 1886 versava sobre a questão dos recuos e instituía

13 - Disponível em: <http://documentacao.camara.sp.gov.br/iah/fulltext/actos/A0849-1916.pdf>; <https://leismunicipais.com.br/SP/SAO.PAULO/LEI-3427-1929-SAO-PAULO-SP.pdf> - acessado em outubro de 2017

14 - Disponível em: http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/desenvolvimento_urbano/legislacao/planos_regionais/index.php?p=1901 - acessado em outubro de 2017

que as construções de áreas centrais deveriam ser implantadas no alinhamento (Artigo 9º do Código de Posturas de 1886).¹⁵ Porém, a Vila Mariana, apesar de ser próxima ao centro, não era considerada parte do perímetro urbano, e sim do suburbano, onde os recuos de lotes eram permitidos (CARVALHO, 2010, p. 130). Desse modo, construir-se no alinhamento era opcional, e a preferência pelo recuo poderia estar relacionada a uma intenção de aproximar a construção modesta das casas da elite, em que os grandes jardins frontais eram um símbolo de distinção social (CARVALHO, 2010, p.132). Significava também maior privacidade, já que o corpo da casa ficava mais longe da rua.

Os recuos laterais, em pelo menos um dos lados da casa, também eram muito comuns, conforme nos mostra os projetos analisados, e constituíam-se em importante alternativa à circulação interna. Proporcionavam também maior afastamento em relação aos vizinhos e a possibilidade de ventilação e iluminação de todos os ambientes, requisitos que a legislação sanitária já exigia ¹⁶ (Código Sanitário de 1894, Art.48).

A observação da tabela nos mostra ainda que com o passar dos anos, a partir de 1918, ocorre um aumento do número de quartos em relação ao número de salas, o que em casas modestas em que uma área reduzida para a construção implica em renunciar a alguns cômodos, pode significar a priorização das áreas íntimas em detrimento das sociais.

Percebemos também que no período a maioria das casas, mesmo sendo de classe média baixa, já contava com banheiro completo no interior da casa - com banheira e vaso sanitário - o que provavelmente estava relacionado à forte difusão da ideia de higiene, como abordado anteriormente, e da expansão das redes de abastecimento de água no bairro.

Os porões, elemento introduzido nas habitações através dos Códigos Sanitários, são presentes

15 -Disponível em: <https://archive.org/details/CodigoDePosturasDoMunicipioDeSaoPaulo1886> - acessado em outubro de 2017

16 - Disponível em: <https://www.al.sp.gov.br/norma/?id=137356> - acessado em outubro de 2017).

em todas as casas analisadas. Conforme Telma Correia, os porões eram recursos para combater a umidade – afastando o piso do solo e garantindo uma circulação de ar entre eles – e um meio de proteger a intimidade do interior das casas da vista dos que circulavam nas ruas (CORREIA, 2004, p. 28).

Casas de Classe Média Média

Conforme a tabela demonstra, entre as casas analisadas de classe média propriamente ditas, havia mais sobrados, principalmente a partir de 1920. O sobrado apareceu de forma a evidenciar a separação da área íntima da casa, que foi para o primeiro pavimento, da área social e de serviços, que permaneceram no térreo, como veremos a seguir na análise individual de cada projeto.

Praticamente todas as casas apresentavam recuo frontal, seguindo a tendência das casas de elite, e isolando-se da rua. Os recuos laterais eram ora dos dois lados e ora de apenas um lado, neste último caso geralmente se tratava de casas geminadas. Da mesma forma que nas casas de classe média baixa, os recuos laterais eram alternativas à circulação interna, além de isolarem as casas de seus vizinhos.

Existe um maior equilíbrio entre o número de quartos e o número de salas, o que é possibilitado pelo maior espaço disponível para a construção e disposição dos ambientes. Mesmo assim, prevalece a importância da área íntima, já que em nenhum dos casos analisados havia mais salas do que quartos na casa.

Há um considerável aumento do número de banheiros por residência. A maioria delas apresentava dois banheiros: um wc próximo a áreas de serviço e com acesso pelo quintal e um banheiro completo (com banheira e vaso sanitário) mais integrado aos demais cômodos da casa. Os sobrados em geral tinham um wc no térreo e um banheiro completo no primeiro pavimento, na área íntima junto aos quartos, o que sugere como esse cômodo foi associado à intimidade e privacidade da família.

É interessante notar a diminuição do pé-direito das residências ao longo dos anos, que acom-

panha a legislação dos códigos de posturas municipais. Em 1916, o Ato 849, em seu artigo 70, regulamentava lei sobre construções e determinava pé-direito mínimo dos pavimentos de 3,70m e 2,70m para sobrelojas, referente a “habitação humana em geral”.¹⁷ Já o Código Arthur Saboya, de 1929, em seu artigo 117, regulamentou a diminuição do pé-direito de modo geral, determinando 3m para compartimento de dormir, 2,50m para compartimento de permanência diurna, 4m para lojas, 2,50m para o a sobrelojas e 2m para o attico.¹⁸

Casas de Classe Média Alta

Apenas três projetos de casas analisados se encaixaram na categoria de casas de classe média alta, o que reafirma a tradição do bairro de ser predominantemente de classe média propriamente dita, com poucos exemplos de casas com programas de necessidades mais próximos aos programas dos palacetes.

Da tabela, vemos que duas das casas eram térreas e a outra, um sobrado, o que determina as principais diferenças entre a disposição dos cômodos em cada uma delas. As três casas tinham porões habitáveis.

O que mais chama atenção, ainda observando a tabela, é a relação entre números de quartos e de salas das três casas. Na casa da Rua Vergueiro, cujo projeto é de 1915, havia três salas para dois quartos. Na casa da Rua Dona Inácia, nº 6 havia maior equilíbrio, com três quartos e três salas. Já na casa da Rua Dr. Netto de Araújo, a quantidade de quartos era duas vezes maior que a de salas, mesmo esta residência tendo área construída consideravelmente maior, como será visto adiante. A partir desta comparação podemos supor que no decorrer dos anos houve uma expansão das áreas íntimas

17 - Disponível em: <http://documentacao.camara.sp.gov.br/iah/fulltext/actos/A0849-1916.pdf> - acessado em outubro de 2017

18 - Disponível em <https://leismunicipais.com.br/SP/SAO.PAULO/LEI-3427-1929-SAO-PAULO-SP.pdf> - acessado em outubro de 2017

da casa, assim como a separação do lar do trabalho (a casa da Rua Dr. Netto de Araújo tinha quatro dormitórios, mas nenhum gabinete ou escritório, conforme veremos em seu projeto).

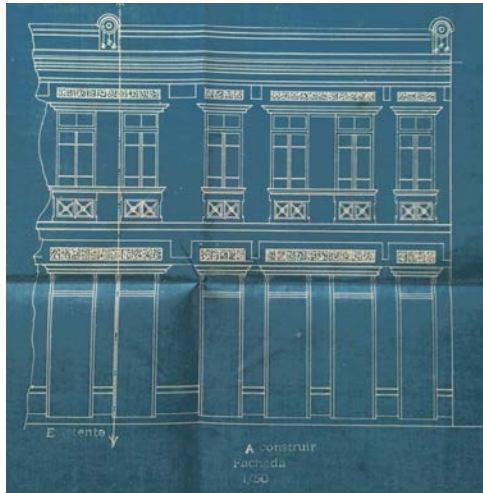
CAPÍTULO 3

Projetos residenciais para a Vila Mariana 1909 -1928

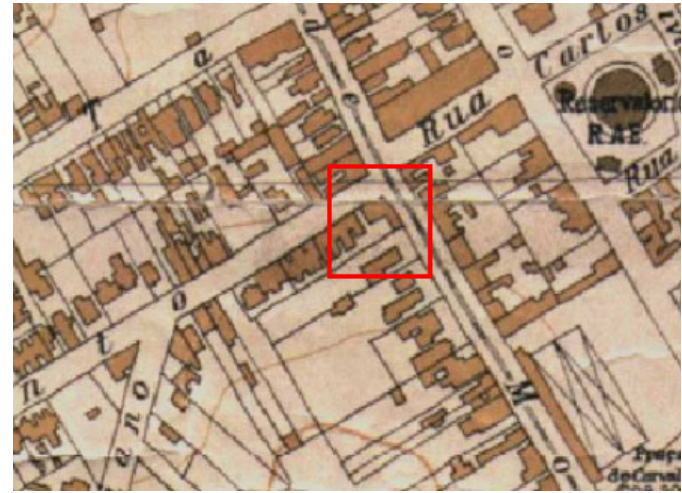
3.1 CASAS MISTAS

- 1 - Conjunto na esquina da Rua França Pinto com a Rua Domingos de Moraes
- 2 - Conjunto na esquina da Rua França Pinto com a Rua Humberto I
- 3 - Conjunto na Rua Dona Júlia, n°8

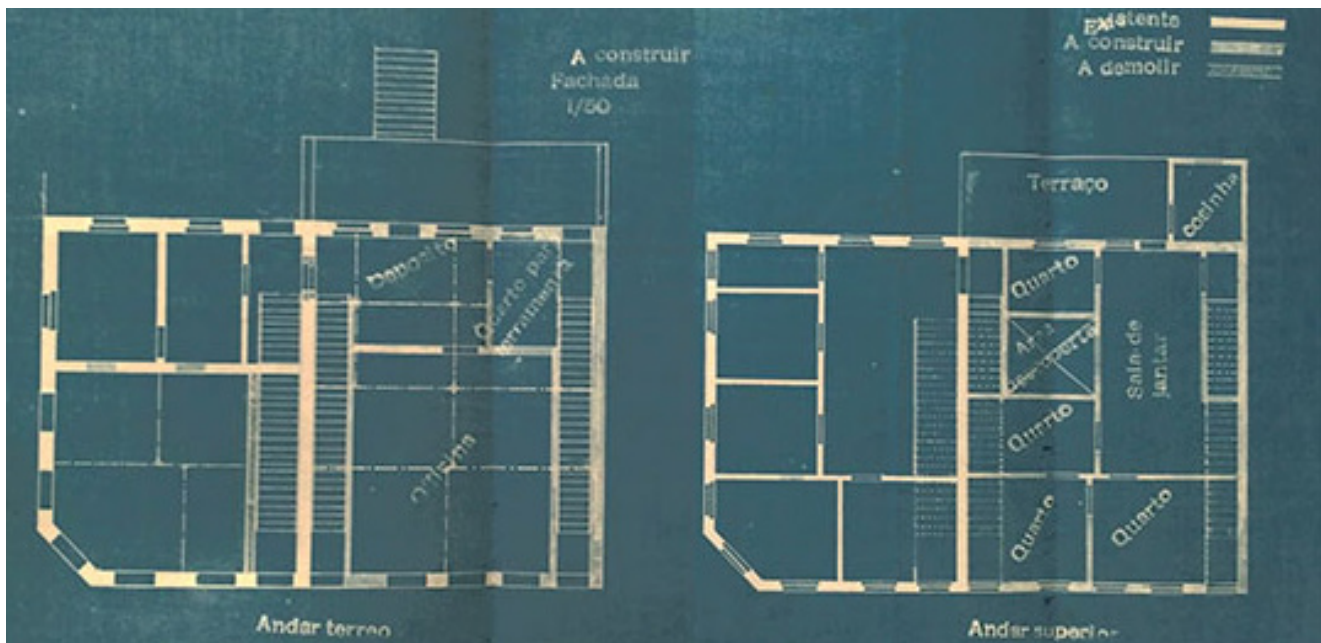
1 - Conjunto na esquina da Rua França Pinto com a Rua Domingos de Moraes - 1915



36 - Fachada do conjunto



38 - Localização. SARA Brasil, 1930.

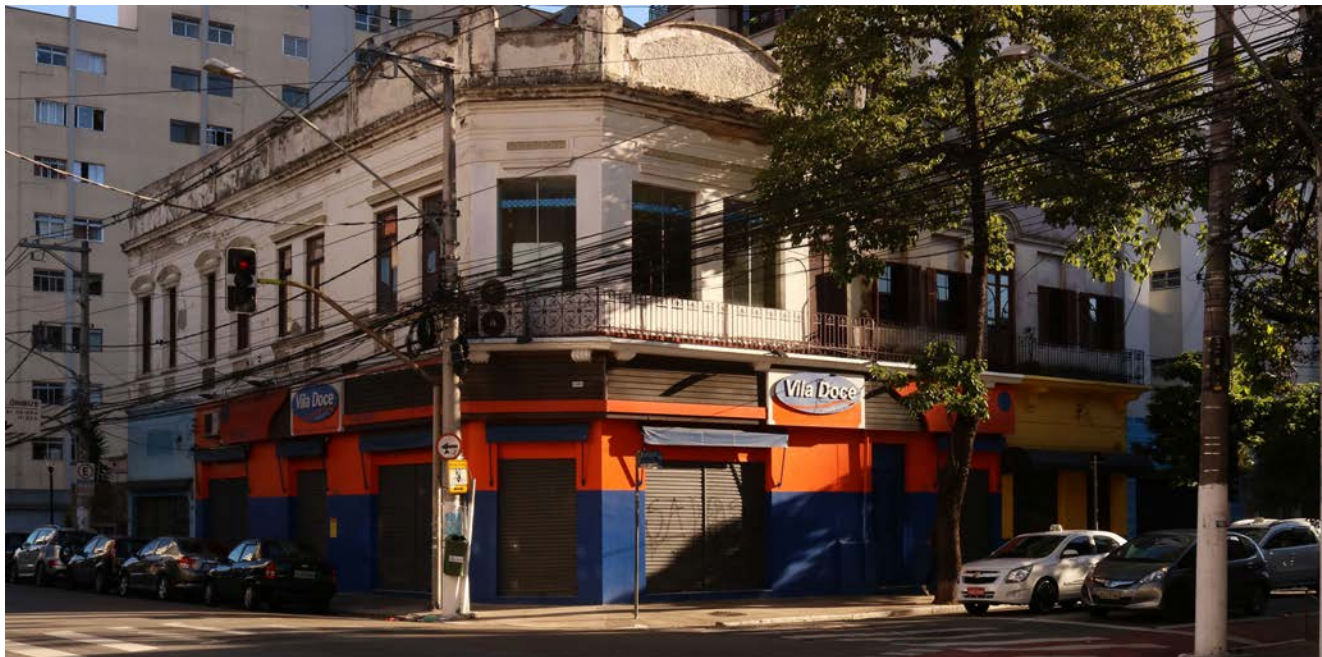


37 - Plantas do pavimento térreo e superior

Segundo o processo de aprovação do projeto que tinha como interessado Antonio Pavan, tratava-se de uma reforma e aumento do prédio existente. O sobrado existe até hoje e ainda apresenta, na fachada, algumas características originais.

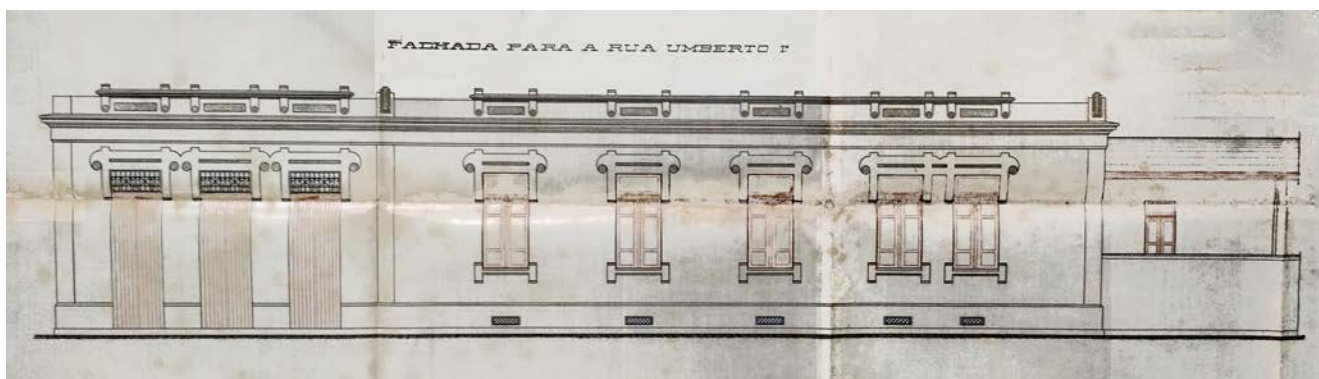
A habitação no pavimento superior é composta basicamente por quatro quartos ao redor de uma grande sala de jantar, que alude à antiga varanda, centro das atenções da casa do século XIX, onde diversas atividades eram realizadas pelos moradores (LEMOS, 1976, p. 155).

A cozinha, de tamanho exíguo, fica deslocada do volume principal do edifício, ao lado do terraço, sendo provavelmente um lugar pouco utilizado e tido como secundário. Não há banheiro nem indicação de fossa.

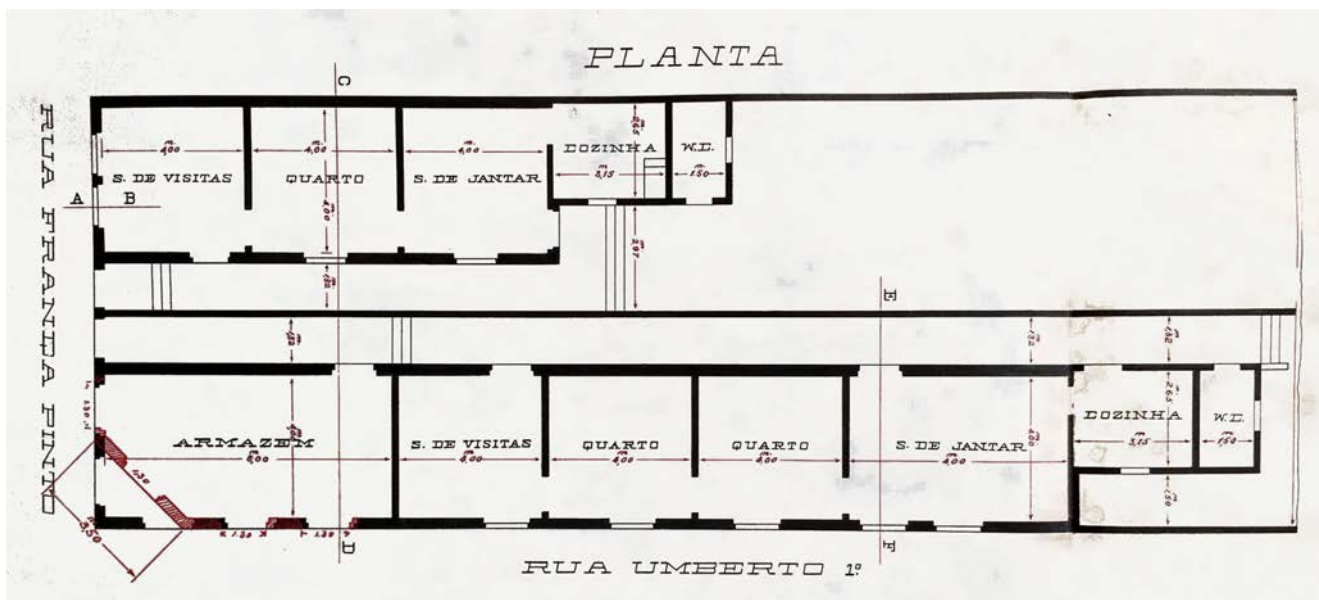


39 - Fachada atual do edifício na esquina da Rua França Pinto com a Rua Domingos de Moraes

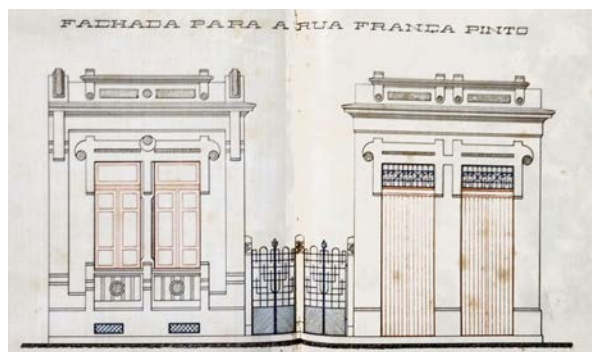
2 - Conjunto na esquina da Rua França Pinto com a Rua Humberto I - 1914



40 - Fachada para a Rua Humberto I



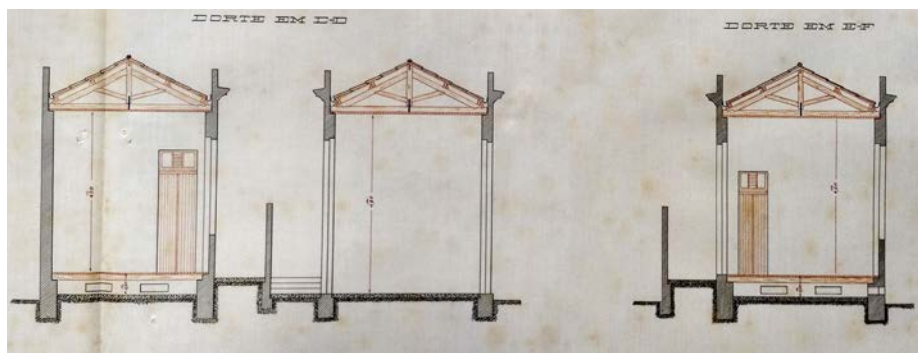
41 - Plantas das duas casas que compõem o conjunto



42 - Fachada para a Rua França Pinto



44 - Localização. SARA Brasil, 1930.



43 - Cortes C-D e E-F

Segundo o processo de aprovação de construção, esse projeto de duas pequenas casas, sendo uma delas mista, foi concebido para José Gaspar de Oliveira, em 1914.

Essa tipologia de casas cujos cômodos são enfileirados ao longo de um corredor lateral é bastante típica do período, conforme será abordado adiante. Considerou-se pertinente apresentar esse projeto porque o mesmo mostra que essa tipologia recorrente, às vezes era acompanhada de um comércio na parte frontal da casa, no alinhamento do lote. Nota-se que na casa de uso misto em questão, o porão encontra-se apenas sob a habitação, enquanto o armazém foi projetado no nível da rua, de forma a ficar mais convidativo para a entrada de transeuntes.

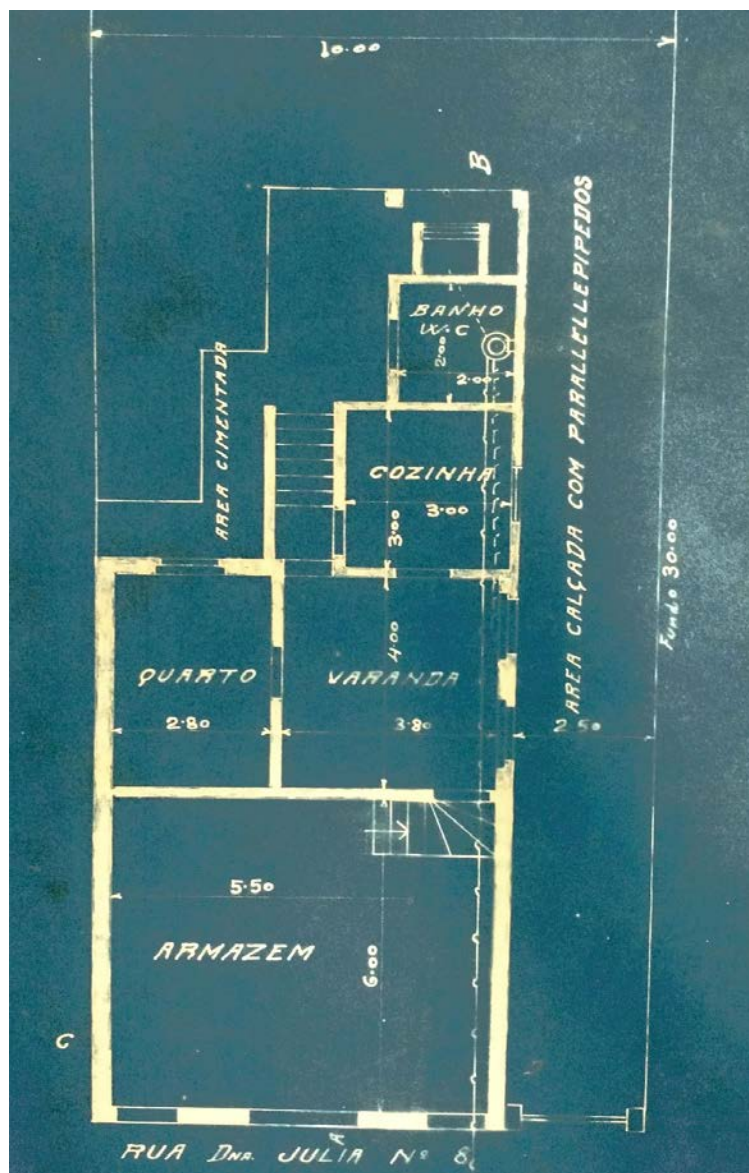


45 - Construção atual na esquina onde o conjunto se localizava.

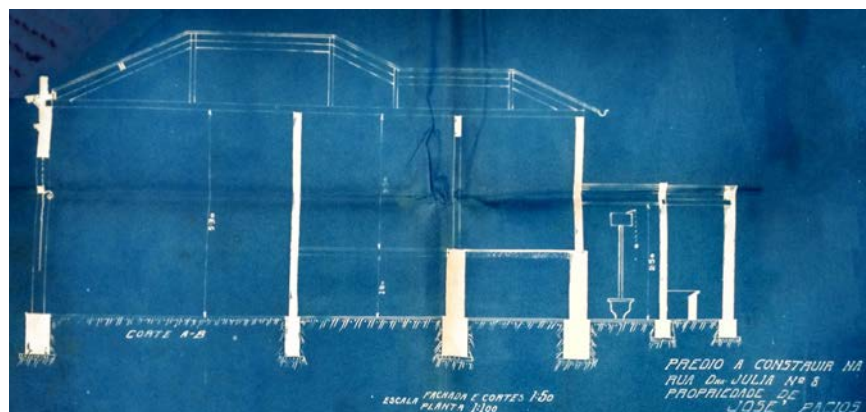


46 - Construção atual, provavelmente contemporânea do conjunto, na esquina oposta entre as mesmas vias.

3 - Conjunto na Rua Dona Júlia, nº 8 - 1920



47 - Planta



48 - Corte A-B



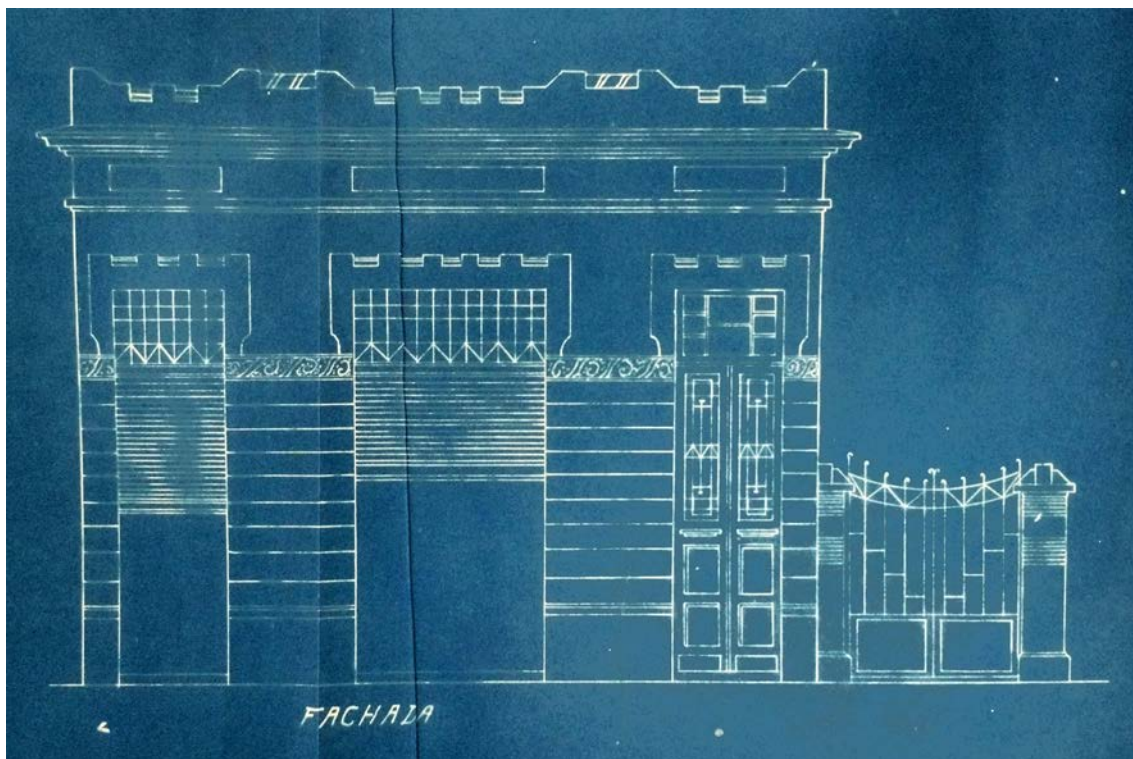
50 - Localização. SARA Brasil, 1930.

Segundo processo de aprovação da construção de 1920, o projeto de sobrado de uso misto foi concebido para José Pacios.

Apesar de essa casa ter sido projetada já em 1920, o termo “varanda”, como já mencionado, mais comum nas casas do século XIX, é utilizado para designar a sala. Isso se deve provavelmente ao fato de que, por ser a única sala, é onde se desempenhava várias atividades da vida doméstica, além do jantar, o que era característico das “varandas” daquele século. Sabe-se, entretanto, que a expressão “varanda” continuou resistindo e foi empregada com frequência até 1925-1930. (LE MOS, 1976, p.136).

Nota-se também que o banheiro, que em muitas residências de meados de 1920 já havia entrado no corpo da casa, conforme demonstraremos, neste caso, encontra-se fora do corpo da casa e em

desnível com este, com acesso apenas pelo quintal, o que nos sugere que as variações no programa da classe média não ocorreram de maneira uniforme; em vez disso, as inovações eram incorporadas em algumas casas que conviviam com outras que ainda se utilizavam de soluções espaciais mais antigas.

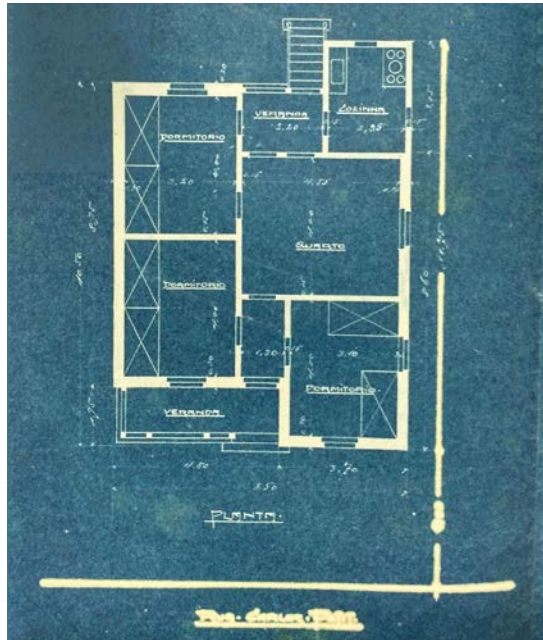


49 - Fachada

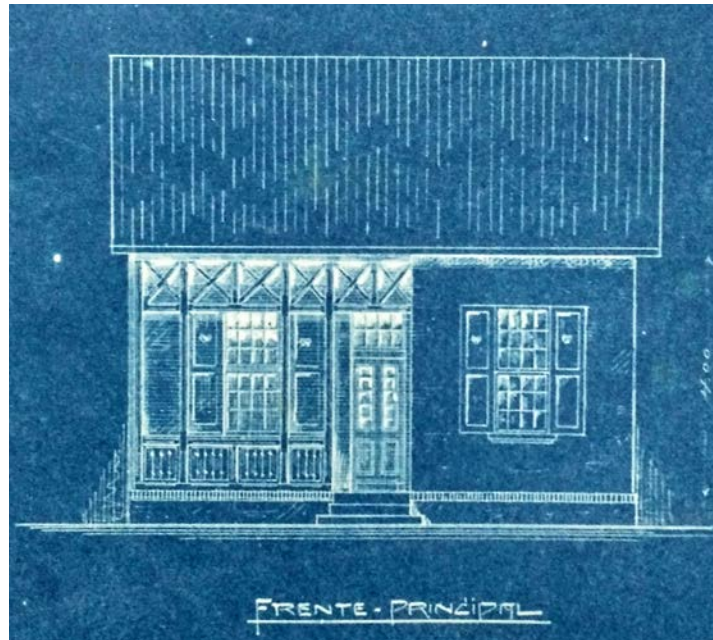
3.2 CASAS DE CLASSE MÉDIA BAIXA

- 4 - Casa na Rua Carlos Petit, n° 29
- 5 - Casas na Rua Dona Elisa, n° 12
- 6 - Casas na Rua França Pinto, n° 57 e 29
- 7 - Casas na Rua França Pinto, n° 12
- 8 - Casa na Rua Bartolomeu Gusmão, n° 83
- 9 - Casa na Rua Dona Inácia, n° 21
- 10 - Casas na Rua Dona Avelina. n° 6 e 8

4 - Casa na Rua Carlos Petit, nº 29 - 1909



51 - Planta



52 - Fachada

Segundo o processo de aprovação da construção, o projeto da casa data de 1909, e tinha como interessado o operário Andreas Ledineck. O pedido de construção protocolado na prefeitura define a casa a ser construída como “casa operária”, mas não necessariamente trata-se de fato de uma casa dessa categoria. Segundo Carlos Lemos, era comum que, no período, alguns pedidos de construção de casas a serem aprovados pela municipalidade as classificassem como casas operárias para se obter descontos nos processos de aprovação (LEMOS, 1976, p.136).

A casa projetada é relativamente pequena, e se destinaria provavelmente a uma família simples, sem muito poder aquisitivo. No entanto, apresenta recuos frontal e lateral, o que já lhe traz alguma distinção.

Nos chama a atenção na casa a nomenclatura dos cômodos: os locais de dormir (íntimos) são

denominados “dormitórios” e há um grande “quarto”, termo utilizado somente neste projeto, dentre todos os analisados, para designar o que aparenta ser uma sala. Esta provavelmente tem como função principal ser uma sala de jantar, mas concentraria outras atividades, além de constituir-se também como circulação, conectando hall, quartos e áreas de serviço. Em certo sentido, essa organização espacial é semelhante ao sobrado de uso misto entre as Ruas França Pinto e Domingos de Moraes, já apresentado, em que o espaço da habitação consiste em uma grande sala de jantar rodeada pelos quartos.

Antecedendo a cozinha, há um cômodo interno denominado “varanda”. Conforme já abordado, até o século XIX e início do XX, a varanda estava quase sempre no corpo da casa, em sua parte interna. Era, na verdade, um grande salão onde se realizavam atividades diversas, inclusive comer. Mais tarde, esse espaço de uso plural foi substituído pela sala de jantar. Segundo Carlos Lemos, geralmente, a partir da rua ou jardim, um corredor central levava à varanda, na extremidade posterior da casa (LE MOS, 1976, p. 55). Na casa em questão, no entanto, percebe-se que a tradicional varanda já não é o centro do lar, e sim, um ambiente integrado à parte externa da casa, já adquirindo uso de alpendre.

Não há banheiro, o que é condizente com o fato de que somente a partir de cerca de 1915, como expresso no capítulo I, é que o bairro começou a ser abastecido com água encanada.

A partir do final século XIX, a compartimentação dos ambientes na casa burguesa a fim de que oferecessem maior intimidade, fez surgir espaços de distribuição e circulação, que também tinham função de representação social (de classe e gênero), e proporcionavam privacidade ao unir ou segregar os cômodos através de vestibulos, halls, saguões, antecâmaras, corredores e escadas (SCHETTINO, 2012, p. 201). Com o tempo, esses novos elementos espaciais passaram a ser incorporados inclusive nas casas mais modestas, a exemplo desta em questão, em que há um pequeno hall na entrada, que distribui os ambientes e acessos aos cômodos.

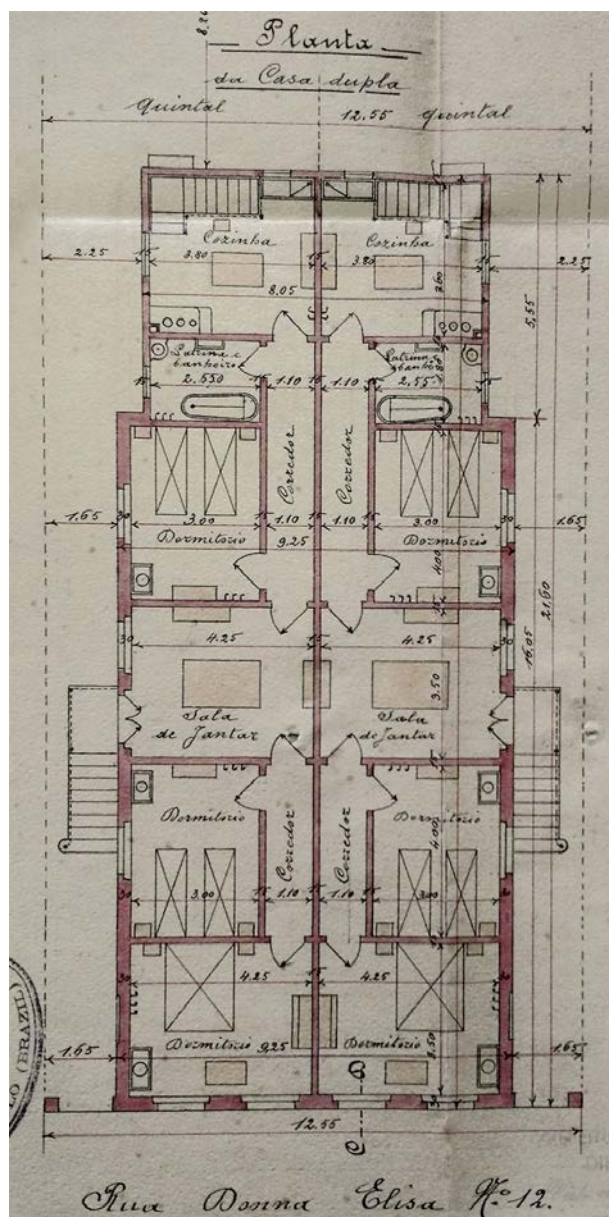
Apesar de possuir o hall como elemento distribuidor dos ambientes, a casa ainda é um pouco

desorganizada em termos espaciais, com certa “mistura” entre ambientes íntimos e sociais, se considerarmos que o cômodo da frente seria de fato um dormitório. A área mais bem definida é a área de serviço, nos fundos.

Com relação a arquitetura da casa, se destaca o grande vão do quarto principal, indicando que provavelmente foram utilizados elementos metálicos estruturais junto à alvenaria de tijolos.

Não foi identificado no mapa Sara Brasil a implantação da casa, não sendo possível saber se a casa foi de fato construída.

5 - Casas na Rua Dona Elisa, nº 12 - 1911



53 - Plantas

O projeto de duas pequenas casas geminadas foi concebido para o proprietário João Bruini, na Rua Dona Elisa, que segundo a consulta aos Dados Técnicos de Logradouros da Secretaria Municipal de Licenciamento, era o antigo nome da Rua Progresso, que, por sua vez, em 1915, recebeu seu nome atual, Rua Baltazar Lisboa (ato nº833 de 1915).

Tratam-se de casas a serem construídas no alinhamento do lote, com entrada por um corredor lateral. Dois dos três quartos de cada uma delas foram colocados na parte anterior da casa, e a entrada se faz por um corredor lateral externo que tem acesso somente à sala de jantar. Interessante observar que esta ocupa literalmente o centro da casa, reforçando a ideia de ser um local de convívio comum, onde se realizava mais de uma atividade dos vários membros da família. Nas palavras de Maria Cecília Homem: "a sala de jantar nas casas médias ocupou sempre o centro da composição espacial, indício de que persistia a função aglutinadora do viver familiar" (HOMEM, 2010, p. 129).

Um dos aspectos que mais chama a atenção nessa casa é a proporção de três quartos para apenas uma sala, o que sugere a valorização da área íntima em detrimento da área social. Por sua vez, o desenho do mobiliário, segundo o qual cada indivíduo dormirá em cômodo a ser dividido com no máximo mais uma pessoa, sugere a individualização de cada membro da família. Se nota também que o maior quarto e também o mais longe da área social (a sala de jantar) é o do casal, garantindo sua maior privacidade em relação ao espaço doméstico; no entanto não em relação à rua, para onde a janela do quarto se volta.

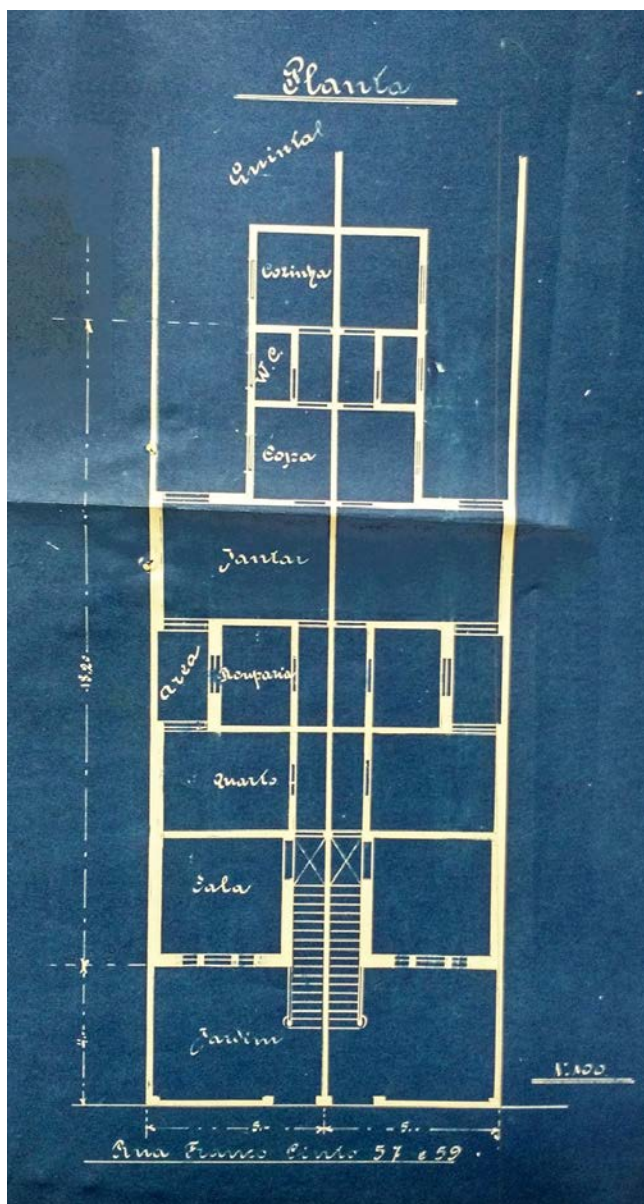
Os novos conceitos de intimidade nessas pequenas casas parecem se refletir também na posição ocupada pelo banheiro, com vaso sanitário e banheira, e à frente da cozinha, perto de um dos quartos dos filhos, em vez de nos fundos da casa, como era habitual na época.

A configuração geral da casa segue o padrão de se estabelecer a cozinha e áreas de serviço sempre nos fundos, quase como uma regra seguida pela maioria das casas do período, como se mostrará em vários dos projetos analisados, o que dificulta a separação das zonas íntimas das sociais, principalmente nos lotes compridos e estreitos que têm menos possibilidades de rearranjo dos cômodos. É o caso dessas casas em questão, em que a sala de jantar, entre os quartos, cria uma interrupção brusca entre as áreas íntimas, subdividas em dois polos.

Novamente vale citar a observação de Maria Cecília Homem sobre esse tipo de disposição espacial: “na casa térrea, quando reproduzia o esquema alongado de meados do século XIX, sempre existia o problema da sala de jantar, cuja localização oscilava. Ora permanecia entre o repouso e a cozinha, ora entre o estar e o repouso, o que desordenava a distribuição e dificultava as recepções formais.” (HOMEM, 2010, p. 133).

Não foi localizada em nenhum dos mapas antigos a Rua Dona Elisa. A Rua Progresso, seu nome posterior, começa a aparecer já no mapa de 1897. Tampouco a localização da casa foi identificada no mapa Sara Brasil, não sendo possível afirmar se de fato foi construída.

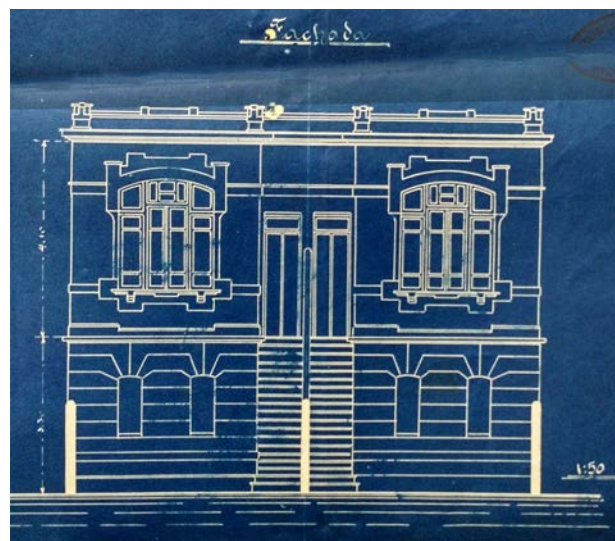
6 - Casas na Rua França Pinto, nº 57 e 29 - 1913



54 - Plantas

Esse projeto de casas geminadas na Rua França Pinto, nºs 57 e 29 foi concebido para Emílio Peragallo. Quanto à disposição dos espaços, o projeto é muito semelhante ao do conjunto da Rua Dona Elisa, nº 12, apresentado anteriormente, porém com algumas exceções: essas casas têm recuos frontais, onde há jardins que lhe proporcionam maior afastamento da rua; os porões tem altura para serem habitáveis (a julgar pela quantidade de degraus da escada de acesso à entrada, cada porão tem em torno de 2,4m de pé-direito); e, por fim, há rouparia e copa, indicando maior especialização dos ambientes.

Pela primeira vez, dentre as casas analisadas, vemos a presença da copa, antecedendo a cozinha. Segundo Carlos Lemos, a copa surgiu primeiramente nos palacetes, sendo destinada aos cuidados da copeira, em uma transição entre os cômodos de convívio da família e a cozinha propriamente dita, onde ficavam os serviçais. Nas casas menos abastadas da classe média, no entanto,



55 - Fachada

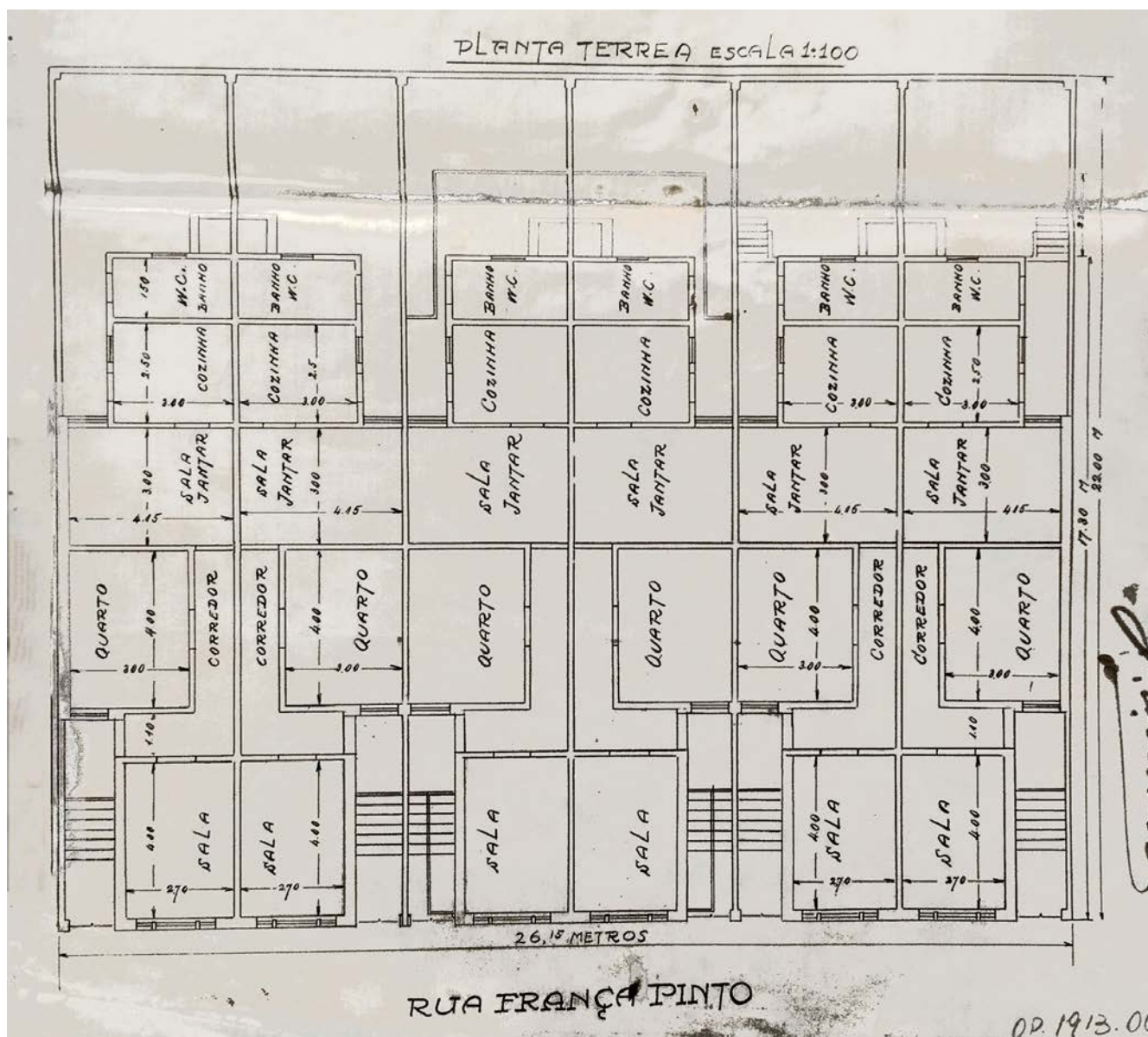
a copa concentrava várias funções. Era ao mesmo tempo local de estar, de refeições simples e quaisquer outras atividades que a dinâmica da família exigisse. (LEMOS, 1976, p. 154).

Ainda com relação à disposição dos cômodos e o programa de necessidades das casas em questão, destaca-se o banheiro, que como no caso das já apresentadas casas na Rua Dona Elisa nº12, não está no fundo, mas entre a copa e a cozinha. No entanto, não é um banheiro completo, mas um wc (apenas vaso sanitário). Em cada uma das casas há duas salas, e somente um quarto, se sobressaindo a área social a despeito da área íntima.

Com relação à estética arquitetônica, no desenho da fachada apresentado no projeto, vemos que o corpo principal da casa se contrasta com seu embasamento que remete à ideia de pedra, elemento arquitetônico característico das construções europeias erguidas até o século XX e que era comumente utilizado para emoldurar vãos e destacar trechos das edificações (CUNHA, 2016, p. 30).

A Rua França Pinto é muito extensa e não foi possível identificar no mapa SARA Brasil a localização da casa. Não se sabe, portanto, se a mesma foi de fato construída.

7 - Casas na Rua França Pinto, nº 12 - 1913





57 - Fachada



58 - Localização. SARA Brasil, 1930.



59 - Fachada atual do conjunto nos atuais n°s 220 a 246



60 - Fachada atual do conjunto n°s 220 a 246

Esse projeto de seis pequenas casas foi concebido para Luiz Reisig, sócio da Companhia da Cervejaria Germânia que no período funcionava na Santa Efigênia (Decreto n°6975-de 4 de junho de 1908). Provavelmente o referido proprietário do terreno tinha intenção de alugar ou vender as casas, já que, conforme Clara Carvalho, a construção na Vila Mariana como forma de investimento imobiliário era recorrente nas primeiras décadas de sua ocupação. Nas palavras da autora: “o aluguel compunha uma das principais estratégias de sobrevivência dos setores médios, configurando as relações de crédito, os modos de morar e as vivências urbanas desta camada social na cidade” (CARVALHO, 2016, p. 23).

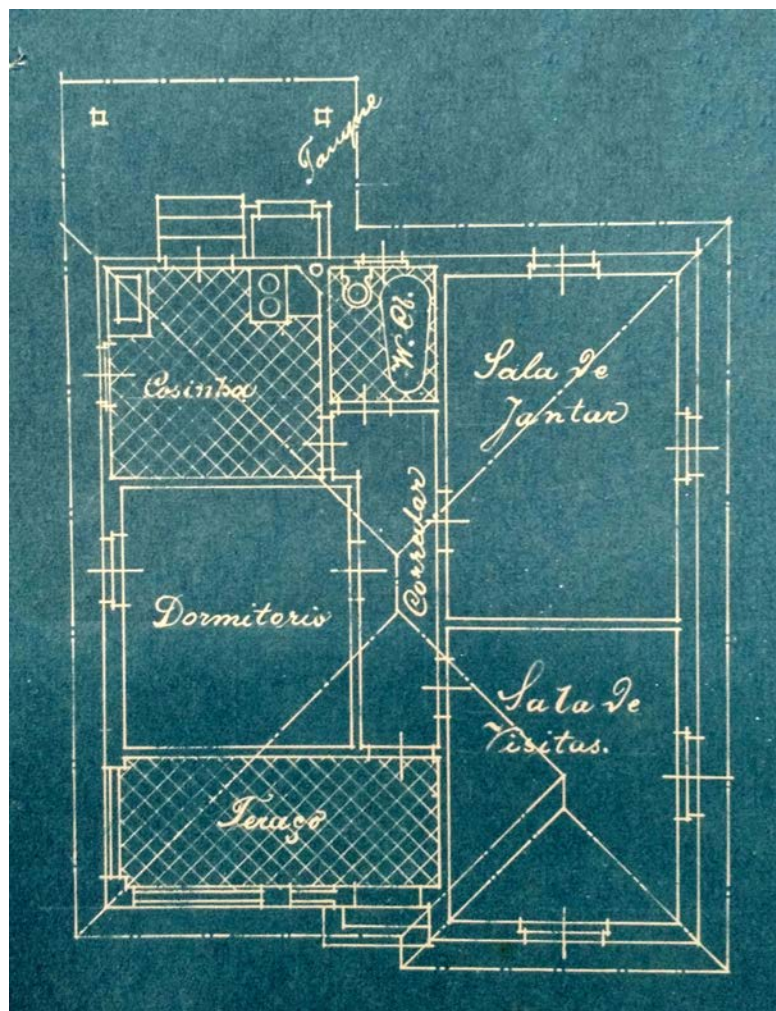
Quanto ao programa de necessidades, há duas salas (uma na frente, presumivelmente tendo função de sala de visitas, e outra de jantar) e apenas um quarto em cada residência. Podemos supor que há a valorização das áreas sociais (com maior programa) em detrimento das íntimas. Dependendo do tamanho da família que habitaria a casa, é de se imaginar que várias pessoas dormiriam no mesmo quarto.

Do mesmo modo que a maioria das casas apresentadas até o presente momento, os cômodos de cada uma das casas do conjunto em questão são dispostos de modo enfileirado, com uma sala na entrada seguida de quarto, sala de jantar, cozinha e banheiro. Essa organização espacial foi largamente utilizada em São Paulo, no final do século XIX e começo do século XX e era determinada pela forma do lote, estreito e profundo, cujas origens remontam à tradição medievo-renascentista portuguesa. (HOMEM, 2010, p. 33).

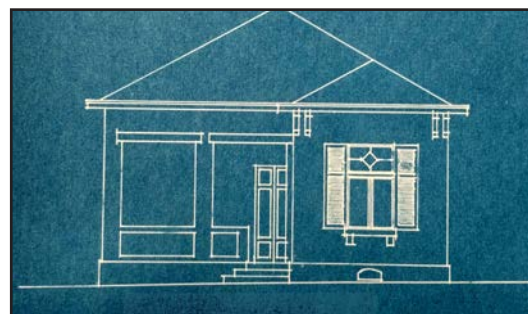
No caso em análise, o deslocamento do quarto para o canto diagonal à sala quebrou a continuidade do corredor formado pelo recuo lateral na entrada. A circulação continua por um corredor interno, que isola a sala de visitas, de função mais pública, dos demais ambientes da casa, de caráter mais privado.

A arquitetura externa do conjunto residencial é muito característica. As pequenas casas com porão inabitável e no alinhamento do lote têm fachada adornada, com platibanda, frontão, molduras nas janelas e ornamentos diversos em argamassa. Atualmente ainda existem no bairro algumas casas remanescentes do período com essa tipologia, principalmente na Rua França Pinto. Quase sempre constituem conjuntos ou pequenas vilas, o que sugere que em geral eram construídas como um empreendimento imobiliário lucrativo e não como uma casa de usufruto do próprio proprietário.

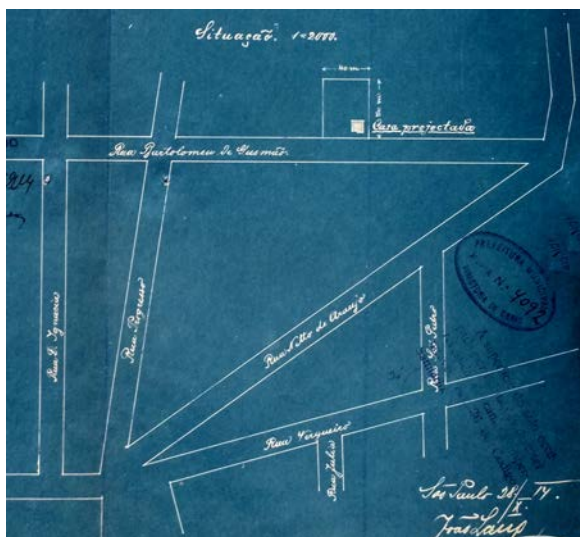
8 - Casa na Rua Bartolomeu Gusmão, nº 83 - 1914



61 - Planta



62 - Fachada.



63 - Desenho de situação do projeto



64 - Localização onde a casa teria sido construída. SARA Brasil, 1930.

O projeto da casa foi concebido para o proprietário João Lang. É uma casa térrea, com recuos laterais e frontal, isolada da rua. Seu programa de necessidades, entretanto, é muito semelhante ao das casas apresentadas anteriormente, no nº12 da Rua França Pinto: duas salas, um quarto, uma cozinha e um banheiro. No entanto, o formato do lote, mais largo, determinou uma disposição espacial dos ambientes muito diferente, como pontuaremos a seguir.

O acesso ao interior da casa se dá por um terraço que leva a um corredor, eixo central da casa, concentrando de um lado os quartos e do outro, as salas. Esse corredor tem ao mesmo tempo função de distribuição e circulação e promove mais integração entre os ambientes, em comparação às tradicionais casas com cômodos enfileirados e conectados por um corredor lateral, interno ou externo. Há duas salas e apenas um quarto, portanto, pressupõe-se que ou a família era pequena (formada por apenas um casal) ou, havendo mais pessoas, todos dormiriam no mesmo quarto, o que mostra pouca preocupação com a intimidade de cada morador em particular. Em contrapartida, o banheiro é bem integrado ao corpo da casa, com banheira e vaso sanitário, o que indica que na rua onde a casa se

localiza os serviços de água encanada já estavam em funcionamento, ou ao menos com previsão de serem oferecidos.

É interessante notar que, no projeto, ainda se comparando a casa em questão com as casas no nº 12 da Rua França Pinto, a sala de visitas está expressamente designada, o que pode sugerir que há a intenção de se definir com mais ênfase o seu uso, típico das casas de elite. Segundo Maria Cecília Homem, “a sala de visitas constituiu o ponto de honra da casa média, pelo qual ela procurou compensar a distância que manteve do palacete”. (HOMEM, 2010, p.129).

O telhado em várias águas, em detrimento das altas platibandas das casas apresentadas anteriormente, assemelhando a casa em questão às residências de mais alto padrão. Nota-se, também, pelo desenho de implantação, que a casa seria construída na parte frontal e à direita do lote, não em seu centro, o que pode significar que o proprietário tinha intenções de desmembrá-lo para futuras construções ou ainda fazer um grande jardim na extensa área sem construções.

No desenho de projeto que expressa a situação do entorno do terreno onde seria construída a casa, vemos que há o traçado das vias tal qual existem hoje, a exemplo da Rua Dona Inacia (atual Rua Dona Inacia Uchoa), Rua do Progresso (atual Rua Baltazar Lisboa), Rua Doutor Netto de Araújo, Rua Dona Júlia e Rua Bartolomeu de Gusmão (estas três últimas mantiveram seus nomes até hoje). Conectando perpendicularmente a Rua Vergueiro à Rua Dr. Netto de Araújo, está traçada uma rua chamada Rua São Pedro. Essa conexão atualmente é feita pela Avenida Lins de Vasconcelos, que talvez tenha surgido a partir um prolongamento daquela rua.¹⁹

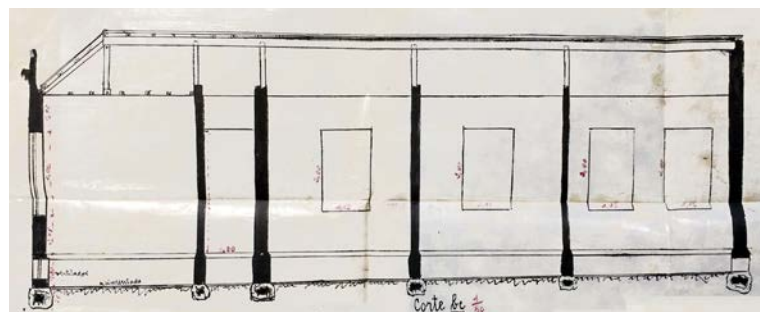
A implantação da casa no local onde seria construída, conforme expressa no projeto, não foi identificada no SARA Brasil, de 1930, não sendo possível afirmar se a casa foi de fato construída.

19 - Os históricos dos nomes das ruas citadas foram obtidos na Seção de Logradouros do Arquivo Histórico Municipal, pelo sistema CAD-TEC-Consulta a Dados Técnicos de Logradouros. Os respectivos atos de oficialização dos nomes das ruas se apresentam entre os Documentos Consultados deste trabalho.

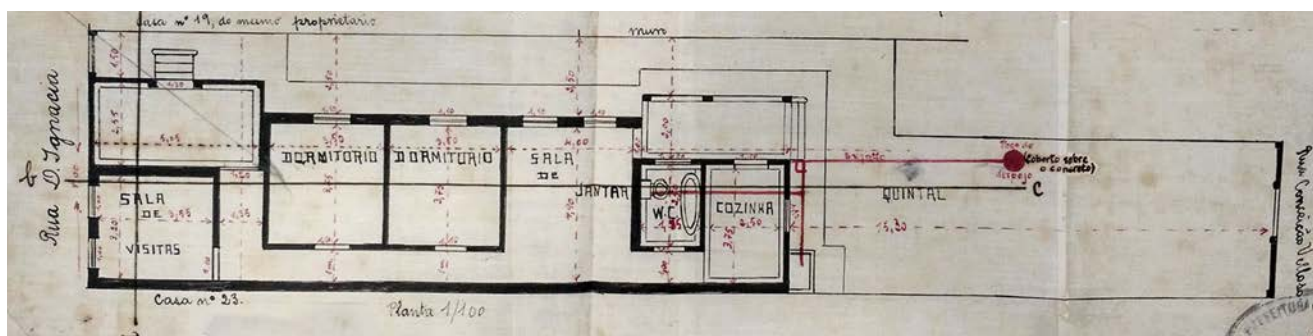
9 - Casa na Rua Dona Inácia, nº 21 - 1919



65 - Localização. SARA Brasil, 1930.



66 - Corte B-C

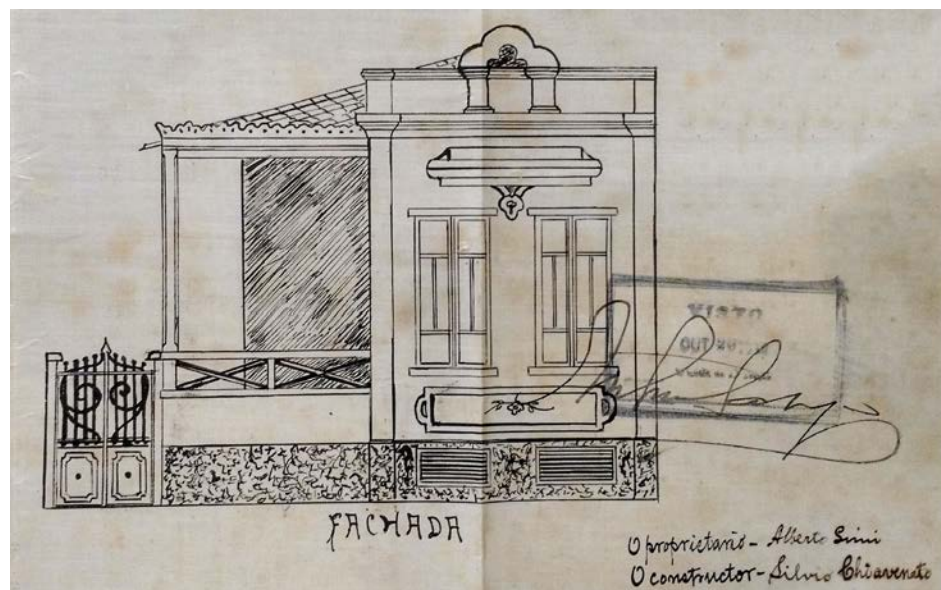


67 - Planta

O projeto dessa casa foi concebido para Alberto Simi. Apesar de ser o projeto de uma única casa, a tipologia é muito característica das pequenas casas geminadas ou conjuntos residenciais apresentados anteriormente, principalmente o conjunto da Rua França Pinto, nº12. A disposição dos ambientes ao longo do estreito lote é típica, com exceção do alpendre lateral por onde se acessa a casa, que se configura como pequena área de transição entre o exterior e o interior. A sala de visitas, área mais pública, é separada dos outros cômodos pelo corredor lateral interno, solução também muito semelhante ao referido conjunto na Rua França Pinto. O corredor começa no alpendre, percorre os dois quartos e se dobra na sala de jantar, e seria um percurso gradativo do mais público para o privado, não fosse a localização dos dormitórios entre as duas salas. Vemos que neste caso há a mesma dificuldade de se definir zonas íntimas e sociais na casa, como abordado na análise da casa da Rua Dona Elisa, nº12.

Destaca-se que, apesar das várias semelhanças tipológicas entre o conjunto de casas na Rua França Pinto e esse projeto de casa em questão, há uma grande diferença entre os dois projetos em relação ao banheiro. No primeiro caso, este cômodo (provavelmente completo já que é designado na planta como “banho” e “wc”), é o último cômodo da casa, com acesso apenas pelo quintal. No segundo caso, vemos que o banheiro, com banheira e vaso sanitário expressos na planta, está à frente da cozinha, imediatamente após a sala de jantar, configuração espacial semelhante a que vemos nas casas geminadas na Rua Dona Elisa nº12. Desse modo, podemos perceber que mesmo as casas mais simples, com programa de necessidades reduzido, já estavam paulatinamente incorporando o banheiro ao corpo principal da casa, em proximidade com as suas atividades de maior importância.

É interessante notar ainda, pela análise, que essa mudança das posições que o banheiro passa a ocupar nas residências não seguiu uma progressão cronológica linear, visto que as casas da Rua Dona Elisa são de 1911, o conjunto de casas na Rua França Pinto nº12 é de 1914, e as casas na Rua Dona Inácia nº21 são de 1919.

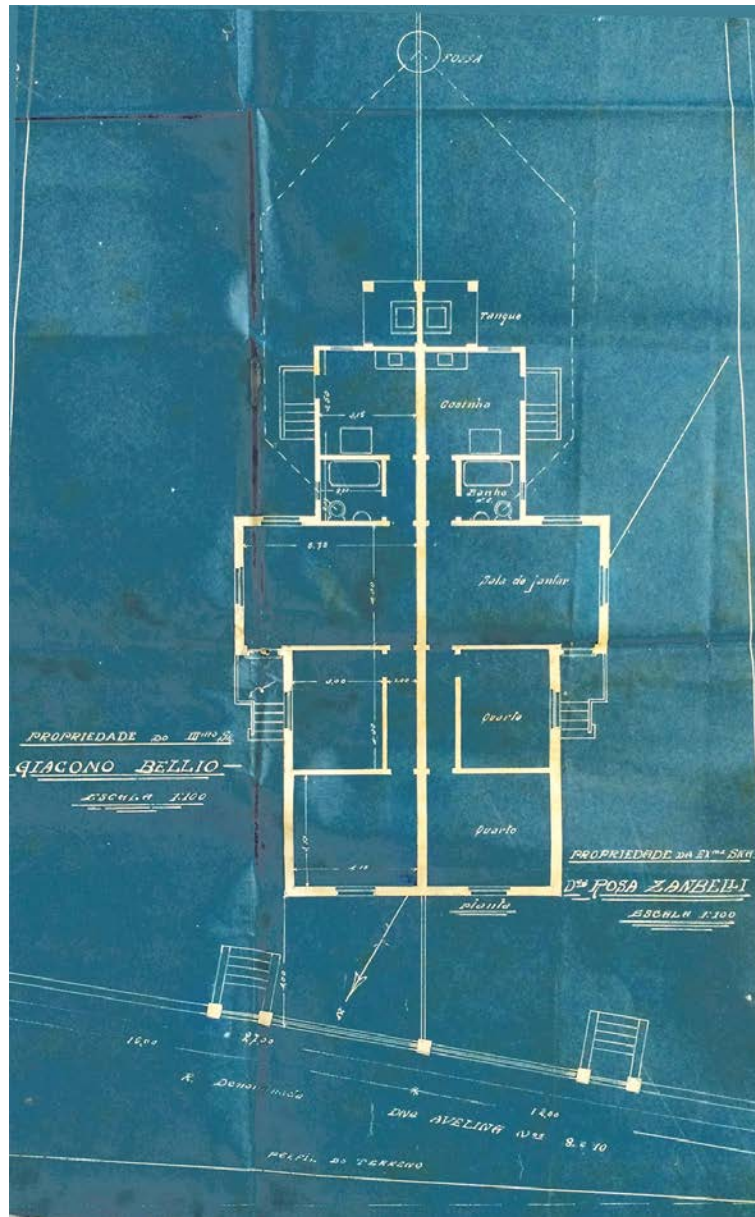


68 - Fachada



69 - Fachada atual de casas existentes na Rua Dona Inácia Uchôa, n°s 95 e 101, possivelmente uma delas é a do antigo n° 21.

10 - Casas na Rua Dona Avelina. nº 6 e 8 - 1923



70 - Plantas

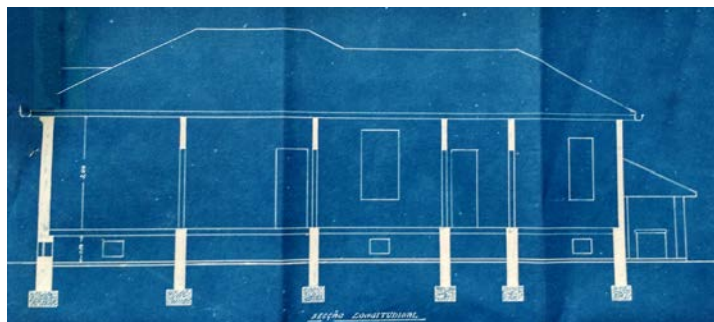
Esse projeto de residências na Rua Dona Avelina foi concebido para Giacomo Bellio.

É muito semelhante aos das casas na Rua Dona Elisa, nº12, apresentado anteriormente, exceto pelo recuo frontal e por seu desenho de planta, com reentrâncias que trazem mais movimento e dinamismo na percepção dos espaços, se comparado ao desenho de planta retilíneo e sem variações do primeiro caso.

As dimensões dos cômodos dos dois projetos são bastante próximas, mas o lote mais largo no qual as casas da Rua Dona Avelina foram implantadas permitiu maiores possibilidades de expansão de alguns ambientes, como a sala de jantar, que se destaca por ser consideravelmente mais larga que os demais cômodos, o que reafirma sua importância na dinâmica doméstica da família.



72 - Fachada



71 - Corte Longitudinal



73 - Localização. SARA Brasil, 1930

Os dois quartos da casa se localizam na frente, acessíveis por um corredor interno na lateral, que isola essa área íntima dos demais ambientes, solução diferente da casa na Rua Dona Elisa nº12, em que a sala de jantar se intercala com os quartos, de forma a não delimitar zonas muito específicas.

3.3 Casas de Classe Média Média

11 - Casa na Rua Dona Elisa, n° 18

12 - Casa na Rua Dona Inácia, n° 16

13 - Casas na Rua Fontes Júnior, n° 32 e 34

14 - Casa na Rua França Pinto, n° 16

15 - Casas na Rua Baltazar Lisboa, n° 36 e 38

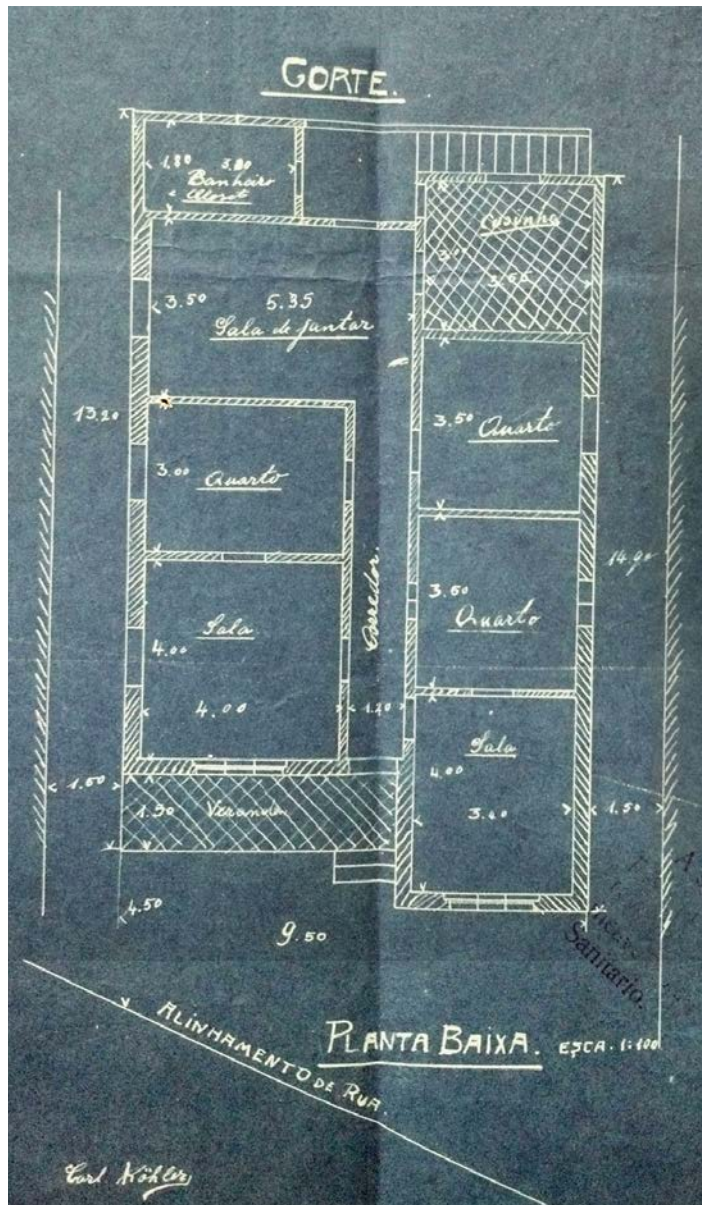
16 - Casa na Rua Dona Inácia, n° 4 e 6

17 - Casa na Rua Dona Inácia, n° 10

18 - Casa na Rua Manuel de Paiva, n° 18

19 - Casa na Rua Carlos Petit, n° 245

11 - Casa na Rua Dona Elisa, nº18 - 1914



74 - Planta

O projeto da casa foi concebido para Haroldo Wemberg. É evidente a diferença de sua implantação em relação às recorrentes casas vistas anteriormente: o lote mais largo permitiu não só os recuos laterais e frontal, mas uma organização dos cômodos mais diversificada, além de uma expansão geral do programa.

O acesso à casa elevada do chão se dá por um alpendre na entrada, já designado de varanda. Ao contrário dos corredores laterais da maioria das casas já apresentadas, nesse caso o lote mais largo possibilitou a circulação dentro da casa por um corredor interno, que a partir da entrada se liga diretamente à sala de jantar. Essa organização remete às casas interioranas de meados do século XIX em que um corredor central conectava a entrada das casas às suas grandes varandas, sendo as salas dispostas na frente, seguidas pelas alcovas (LEMOS, 1976, p.123).



75 - Fachada

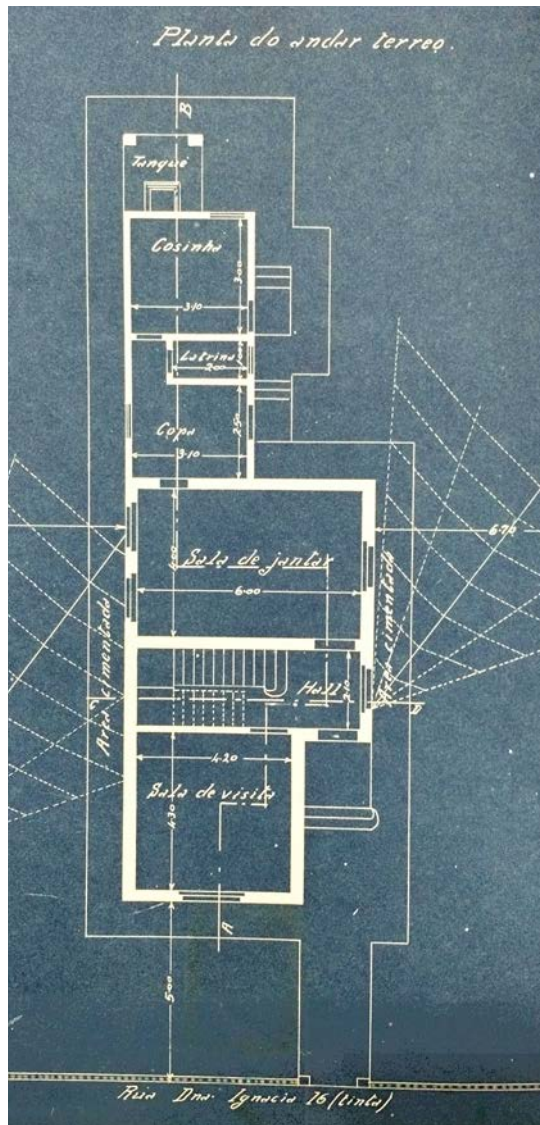


76 - Corte

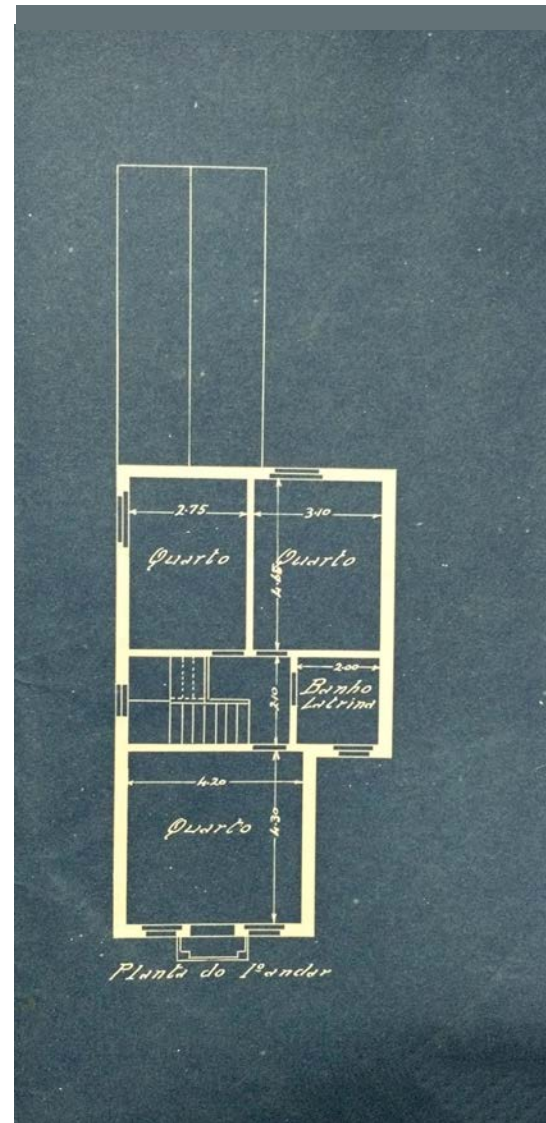
Há mais alguns indícios de que o projeto da casa foi pensado ainda conforme antigas formas de organização do espaço, a exemplo das conexões diretas entre as salas da frente com os quartos, interferindo na intimidade desses cômodos. Segundo Patrícia Schettino: “Nos tempos da colônia, nas casas mais abastadas havia uma preocupação em separar áreas de uso exclusivo da família das áreas mais públicas, apesar de as alcovas e quartos se interligarem diretamente, o que restringia a intimidade, já que era necessário atravessar um cômodo para chegar a outro” (SCHETTINO, 2012, p. 79 apud ALGRANTI, 2007).

Ainda com relação à disposição do programa, vemos que a casa apresenta três salas, sendo uma de jantar, nos fundos, na parte mais íntima, e as outras duas, de caráter mais público - provavelmente gabinete e sala de visitas - ficam na frente. Há também três quartos, o que mostra proporcionalidade entre o tamanho da área íntima e o da área social.

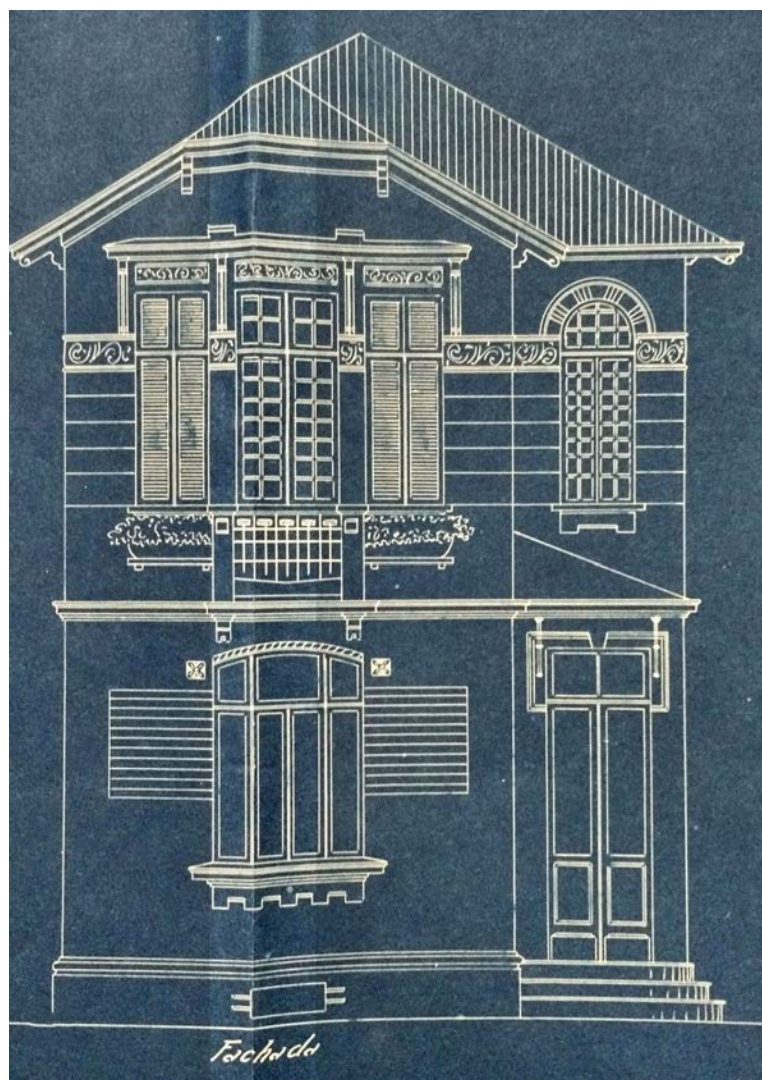
12 - Casa na Rua Dona Inácia, nº16 - 1921



77 - Planta do térreo



78 - Planta do pavimento superior



79 - Fachada



80 - Localização. SARA Brasil, 1930

A casa foi projetada para Jacob Kuhn, imigrante alemão, provável descendente da numerosa Família Kuhn, que no início do século XX chegou ao Brasil e se instalou na região sul, de onde possivelmente o proprietário da casa em questão teria emigrado.²⁰

Essa casa é um sobrado, o que até agora não havíamos visto entre as casas analisadas. Uma das característi-

²⁰ -disponível em: http://www.brasilemanha.com.br/novo_site/noticia/convite-4-encontro-internacional-da-familia-kuhn/3335 - acessado em outubro de 2017

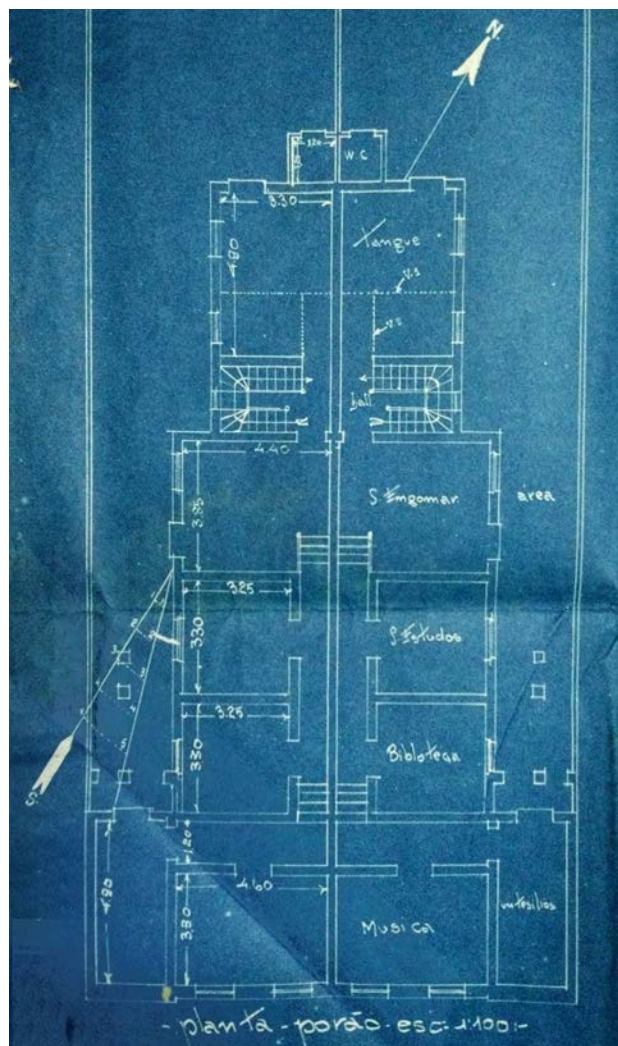
cas exclusivas que os sobrados possibilitam é o maior isolamento da área dos quartos, que vão para o primeiro andar, aumentando sensivelmente sua intimidade, já que este pavimento é de fato somente para os moradores, tornando-se muito restritas as pessoas que frequentam suas dependências.

O térreo, mesmo seguindo a conhecida disposição de “enfileiramento dos cômodos” em sentido longitudinal, passa a ter transições que se configuram como uma gradação linear dos ambientes, do mais público para o mais privado, sem interrupções bruscas. Para acentuar a separação dessas zonas, o hall aparece atravessado na casa, constituindo uma barreira física entre a sala de visitas, destinada a receber pessoas de fora, e o interior da residência.

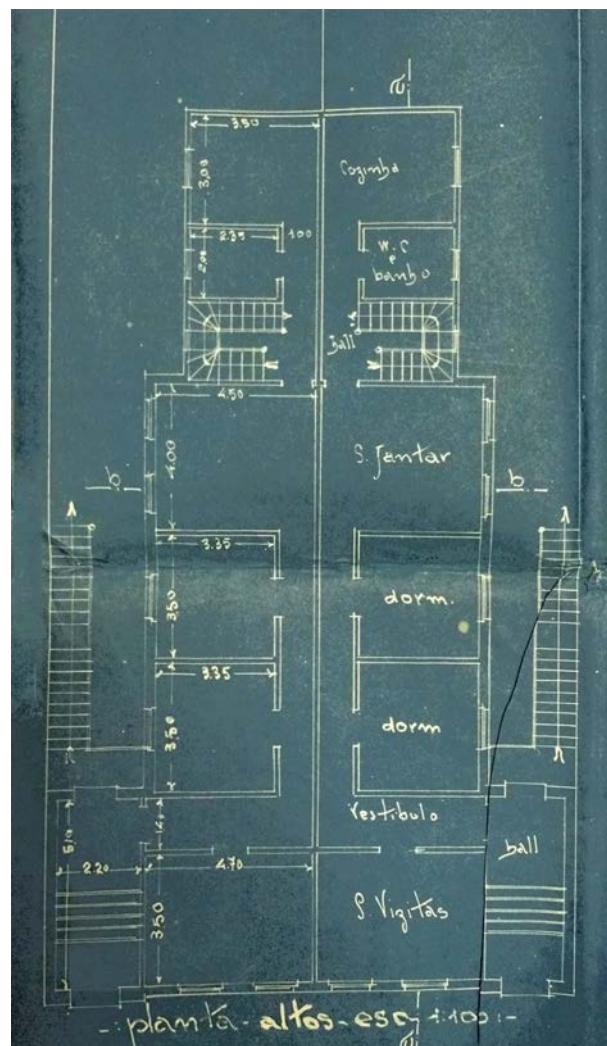
No térreo, junto a copa, há um pequeno banheiro, mas o termo “latrina” indica que só há um vaso sanitário. O banheiro completo da casa encontra-se no primeiro andar, junto aos quartos, o que mostra que foi consagrado de fato como área íntima. Talvez seja essa uma das maiores disparidades entre a espacialidade da casa da classe média do início do século XX e a das décadas que se sucederam; fato que teve grande contribuição da expansão da oferta de água encanada e dos novos valores de intimidade atribuídos ao banheiro, como abordado anteriormente.

Analogamente ao hall que no térreo isola a sala de visitas do restante dos cômodos de convívio da família, no primeiro andar, a escada é sucedida também por um hall e esses dois elementos de circulação separam sistematicamente o quarto da frente, provavelmente o do casal, dos dois quartos dos fundos, dos filhos. Essa disposição sugere que as noções de intimidade estabelecem hierarquias nas necessidades de privacidade, em que o casal ou chefes de família são prioridades.

13 - Casas na Rua Fontes Júnior, nº 32 e 34 - 1922



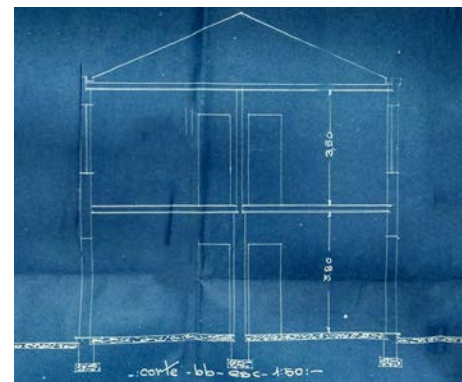
81 - Planta do porão habitável



82 - Planta do térreo



83 - Fachada



84 - Corte

Esse projeto de casas geminadas foi concebido para Alberto Chagas na Rua Fontes Júnior, nº 32 e 34, atual Rua Joaquim Távora (Ato 972 de 1916). Pelo critério adotado para a classificação em classes sociais das residências analisadas neste estudo, a casa em questão foi definida como de classe média propriamente dita, mas vale ressaltar que a mesma possui um programa de necessidades extenso, semelhante ao programa das casas de classe média alta.

Quanto à disposição dos ambientes de cada uma das casas, no térreo, em seguida à escada de acesso lateral, há um hall sucedido de um vestíbulo, configurando uma dupla transição entre o exterior e o interior da casa. A distribuição de fato dos ambientes é feita pelo vestíbulo, que separa a sala de visitas, na frente, dos demais cômodos. A circulação se dá por um corredor lateral interno, que perpassa os quartos até chegar à sala de jantar; disposição comum, como visto nas casas já apresentadas. A circulação vertical junto de um segundo hall interno, na parte posterior da casa, afasta ainda mais a cozinha e o banheiro (completo) para os fundos.

Curiosamente, o porão não abriga somente cômodos relacionados a serviços ou até uma sala de bilhar, como era comum na época. (LEMOS, 1976, p. 144). Neste caso, além da área de serviço, é no porão onde também se encontram a biblioteca, sala de estudos e de música, que por serem locais onde se realizavam atividades sociais ou de estar, nas casas de elite geralmente ficavam no térreo

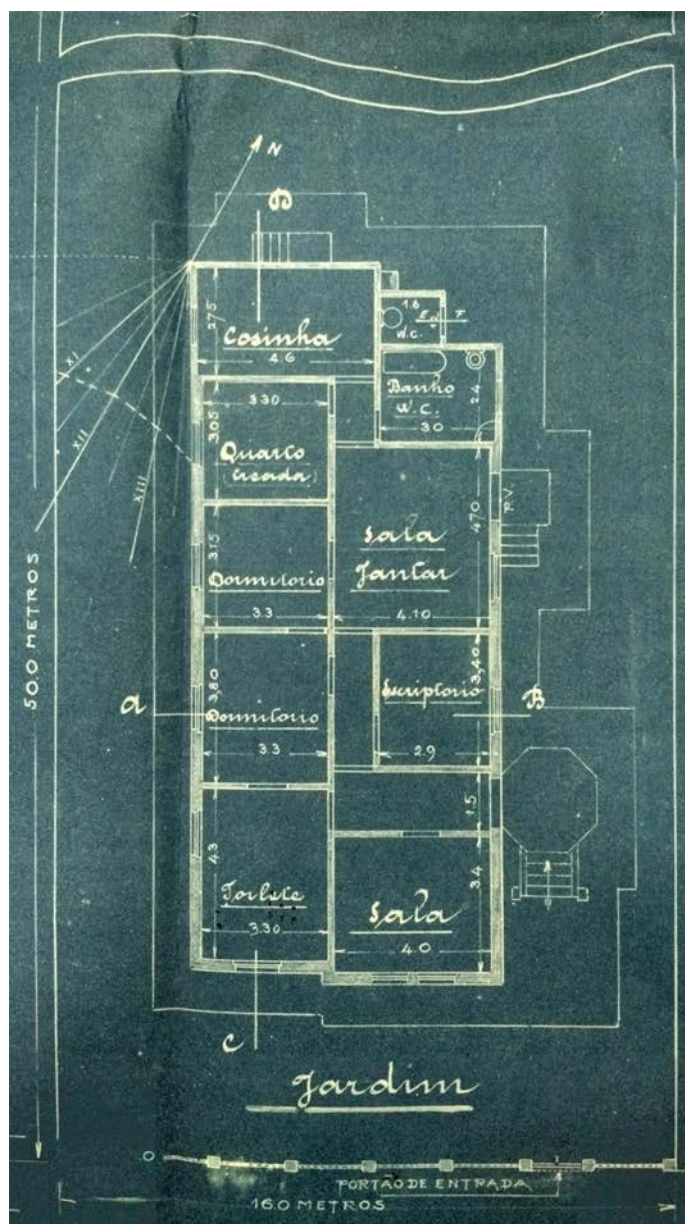
junto às salas de visita e de jantar (HOMEM, 2010, p. 125). Isso se deve provavelmente ao tamanho restrito das casas geminadas, implantadas em lotes estreitos sem recuos frontais, o que as diferem da maior parte das casas de classe média para cima, comumente implantadas no meio de um lote de dimensões maiores. Sendo assim, a falta de espaço pode ter levado à transferência de alguns ambientes para o porão. Neste criou-se uma hierarquia entre os cômodos de estar, de usufruto dos moradores, que ficam na frente, e os de serviço, frequentados pelos empregados, que ficam nos fundos. A circulação vertical isola ainda mais o tanque e o wc dos demais cômodos.

Não há quartos designados para empregados nem indicação de edícula no quintal, o que nos leva a crer que se houvesse de fato empregados, talvez dormissem fora dessas casas, ou ocupavam informalmente os cômodos do porão.

Podemos supor que a faixa de renda de uma família se refletia no programa de necessidades de sua casa, o que podia determinar como os cômodos seriam dispostos na residência, se haveria um porão, um andar superior ao térreo ou ambos. A família da casa em questão provavelmente tinha uma condição socioeconômica que a colocava entre a classe média e a classe média alta, e pode ter optado por um programa alternativo no porão para satisfazer suas necessidades específicas.

A Rua Fontes Junior, atual Joaquim Távora, é muito extensa e não foi possível identificar no mapa SARA Brasil a localização da casa. Não se sabe, portanto, se a mesma foi de fato construída.

14 - Casa na Rua França Pinto, nº 16 - 1922

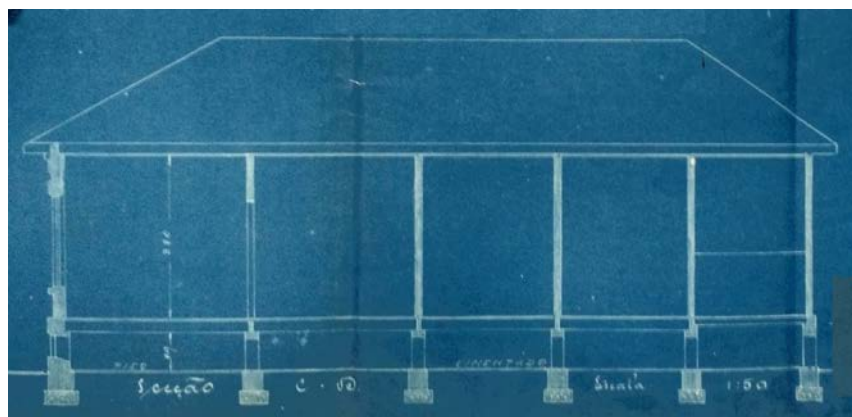


85 - Planta

O projeto da casa foi concebido para Américo Almeida da Silva. Trata-se de uma única casa com recuos lateral e frontal.

A disposição dos ambientes concentra de um lado a área social e do outro a área íntima, que são separadas por um hall de entrada e um corredor central, perpendiculares entre si e separados fisicamente por uma porta. Cria-se, dessa forma, uma hierarquia de acesso aos cômodos, sendo os dormitórios, sala de jantar e áreas de serviço antecedidos por duas espécies de câmaras distribuidoras, que asseguram duplamente sua privacidade. A sala de visitas – e curiosamente o toilette – são os únicos cômodos acessados diretamente pelo hall de entrada.

É a única casa, dentre as analisadas, que traz a designação “toilete” para um dos quartos, que neste caso, abre-se para o hall e ocupa posição que em casas mais abastadas seria de uma sala de visitas ou gabinete



86 - Corte A-B

(SCHETTINO, 2012, p. 204). Em todo o caso, o quarto de toilette se abre também para o primeiro dormitório, provavelmente desempenhando função de apoio ao mesmo, como se fosse o antigo quarto de vestir.

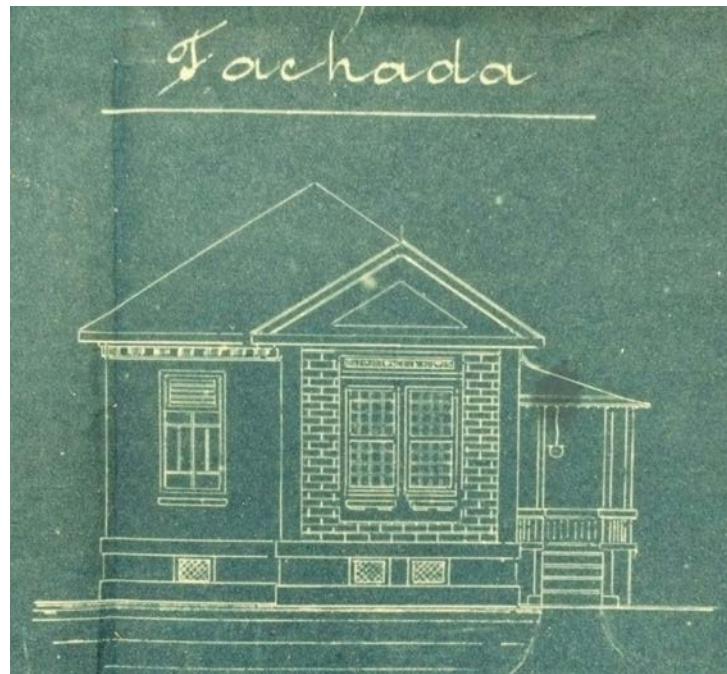
Os dois primeiros quartos têm uma abertura que os conectam diretamente, característica comum nas casas do período colonial, como no caso da casa na Rua Dona Elisa, nº18, abordado anteriormente. O terceiro quarto, de comprimento ligeiramente menor e sem conexão com os demais, é o da criada, ao lado da cozinha e com abertura direta ao segundo hall da casa, que faz a transição entre a sala de jantar e áreas de serviço. É um dos poucos casos, dentre os analisados, de quarto de criada no corpo da casa, ao lado dos demais. Segundo Carlos Lemos, em geral quartos de empregada com essa configuração eram destinados a criadas brancas, talvez imigrantes europeias, sendo mais tolerável que convivessem e dormissem próximas à família (LEMOS, 1976, p.146).

Podemos ainda inferir alguns pontos referente às dimensões dos cômodos. Da mesma forma que a posição geográfica dos ambientes em geral é organizada seguindo uma gradação do mais público para o mais privado, as suas dimensões também revelam a importância que lhe é conferida, que evidentemente está relacionada a quem o utiliza. Tomando como exemplo os quartos vemos que o

primeiro tem dimensões de 3,30m x 3,80m, o maior de todos, e o único que é auxiliado pelo grande toilet; seria certamente o quarto de um suposto casal. Em seguida, um quarto de 3,30m x 3,15m, um pouco menor em comprimento que o primeiro, a quem se conecta; seria provavelmente o quarto dos filhos. O último quarto tem dimensões menores, de 3,30m por 3,05m, não surpreendentemente, é o da criada.

Há ao menos dois acessos à casa, um principal, por uma pequena escada que leva ao hall de entrada, e outro por uma outra escada que leva à sala de jantar. A presença de uma pequena escada externa junto à cozinha, muito semelhante às dos dois outros acessos, sugere que ali haveria uma terceira entrada.

A Rua Fontes Junior, atual Joaquim Távora, é muito extensa e não foi possível identificar no mapa SARA Brasil a localização da casa. Não se sabe, portanto, se a mesma foi de fato construída.

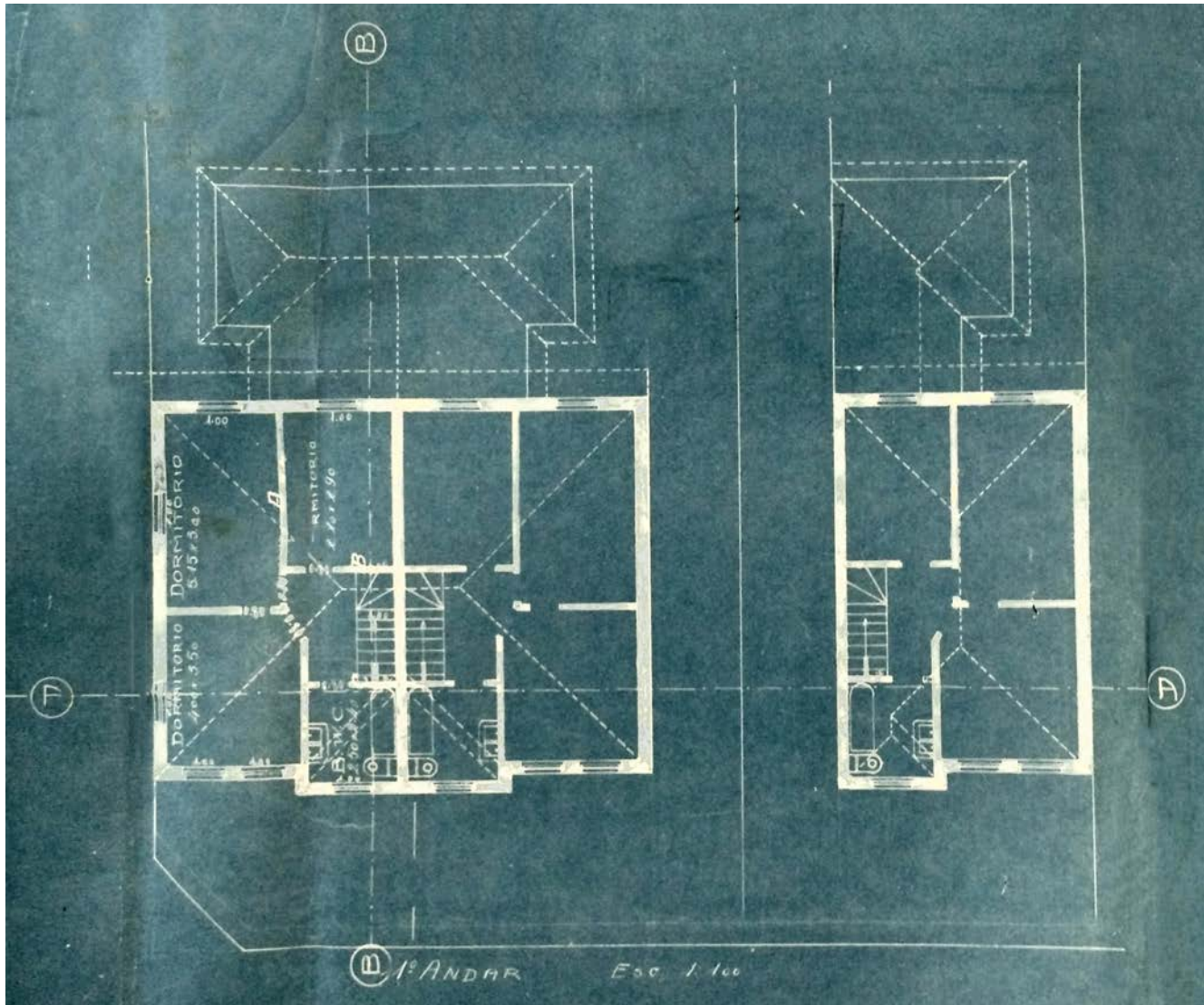


87 - Fachada

15 - Casas na Rua Baltazar Lisboa, nº 34, 36 e 38 - 1923



88 - Plantas



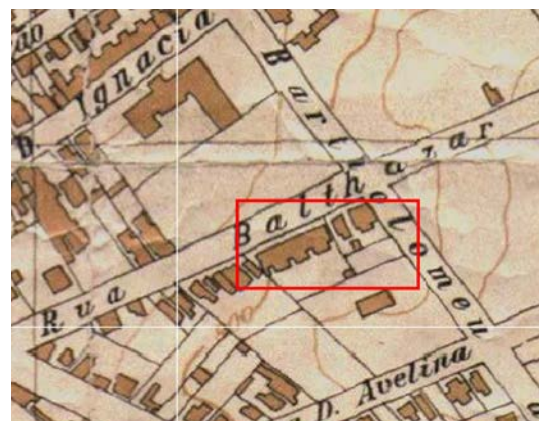
89 - Plantas pavimento superior



90 - Fachadas



91 - Conjunto de casas atual na Rua Batazar Lisboa nos atuais nºs 190 a 256, do qual os sobrados apresentados no projeto fazem parte.



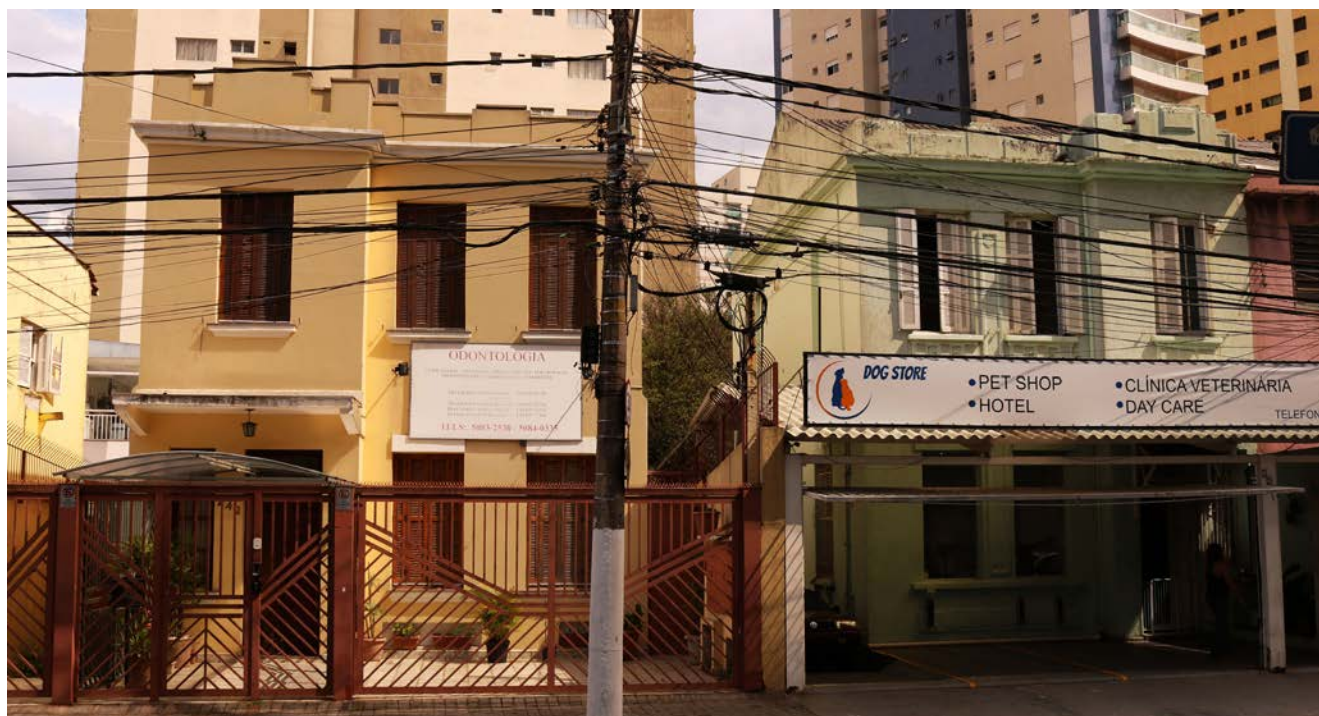
94 - Localização. SARA Brasil, 1930



92 - Fachada atual dos sobrados apresentados no projeto de construção de 1923. Na esquina, à esquerda, os sobrados geminados já muito alterados e à direita, em amarelo, o terceiro sobrado, com as características originais bem conservadas.

Os sobrados existentes atualmente na Rua Baltazar Lisboa, nº256, esquina com Rua Bartolomeu Gusmão e Rua Baltazar Lisboa nºs 252 e 242, segundo o projeto de construção encontrado, fazem parte do mesmo empreendimento. Foram construídos para Chrystiano dos Santos, proprietário dos lotes à época, e tiveram como construtor responsável, Carmine Notari.

Os dois primeiros sobrados, nos números 256 e 252, são geminados, sendo o da esquina, sem recuos laterais. Já o terceiro, no nº242, foi construído individualmente, isolado no lote, com recuos laterais e frontal. Dos três, este último é o único que ainda conserva muitas de suas características originais e se destaca na paisagem pela avantajada platibanda escalonada, remetendo à ideia de frontão, venezianas nas janelas da fachada, pé direito elevado e porão inabitável. Seu vizinho, no número 228 da mesma via, é um sobrado muito semelhante, que também ainda conserva essas características em



93 - À esquerda, sobrado isolado no lote, apresentado no projeto de construção de 1923, e à direita seu vizinho, ambos com as características originais conservadas. Se localizam na Rua Baltazar Lisboa, n°s 242 e 228.

sua fachada. No entanto, é geminado com outro já descaracterizado. Juntos, todos esses sobrados se constituem como um conjunto característico na paisagem local, de mesma tipologia, gabarito e volumetria.

Quanto à disposição dos ambientes, foi utilizada a organização habitual com sala de visitas na frente, seguida por sala de jantar, copa e cozinha. Há um hall distribuidor na entrada, com uma abertura para a sala de visitas e outra para a sala de jantar.

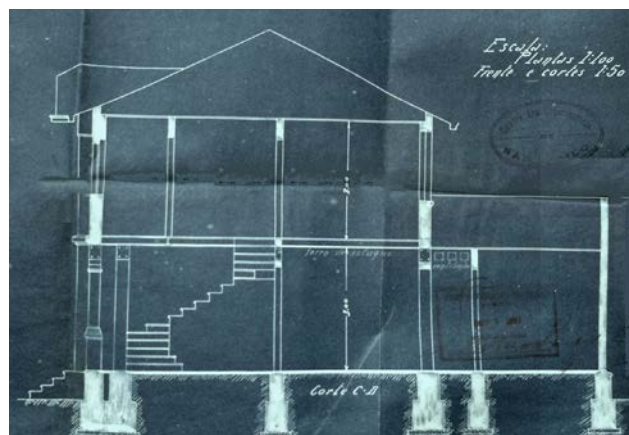
Curiosamente, a escada de acesso aos quartos, localizados no pavimento superior, também se localiza neste hall, de modo que os moradores, ao chegarem da rua, têm a possibilidade de irem

diretamente aos seus aposentos, sem necessariamente terem que adentrar às áreas comuns da casa. É uma solução singular, que até agora não havia aparecido entre as residências analisadas e que confere uma maior autonomia dos quartos em relação aos demais ambientes. Indiretamente, esse artifício mostra também maior privacidade de cada membro da família, que além de ter seu espaço próprio garantido, podem entrar e sair da casa despercebidamente. Efeito um pouco semelhante atualmente é produzido principalmente em apartamentos de alto padrão, inclusive em alguns recentemente erguidos na Vila Mariana ²¹. Nesses apartamentos, o acesso pela área de serviço leva diretamente aos quartos, o que além de isolar os empregados do convívio social, permite que os moradores cheguem a seus aposentos pessoais sem que tenham que passar pelas áreas comuns.

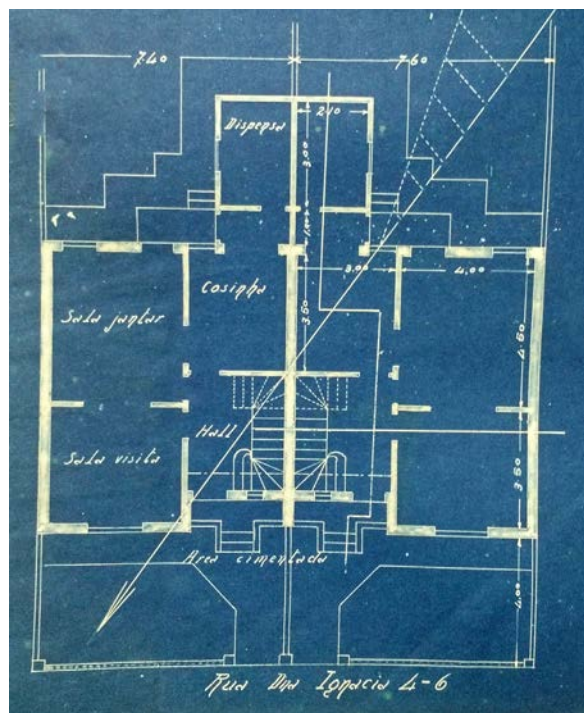
A respeito, a propósito, das circulações sociais e de serviço, nesse conjunto de sobrados vemos que aqueles que possuem recuos laterais (o sobrado isolado no lote e um dos sobrados geminados), contam com uma entrada para a cozinha a partir do quintal constituída por uma pequena escada e um hall, consideravelmente maior do que o hall da escada junto à cozinha do sobrado sem recuos. Desse modo, podemos supor que nos casos dos sobrados com recuos laterais, a entrada pela cozinha trata-se propriamente de um segundo acesso independente. A presença de dois acessos – um pelos fundos da casa e outro pela frente – já havia aparecido em algumas das casas analisadas, mas o caso em questão foi destacado por mostrar que a circulação de serviços era incluída quando possível, e influenciada, dentre outros fatores, pelo tipo de implantação da casa no lote.

21 - Tipologia de apartamento como esse é visto, por exemplo, no condomínio de prédios na Avenida Conselheiro Rodrigues Alves, nº 534. Disponível em: <http://123i.uol.com.br/condominio-6e7a8e7e1.html> - acessado em outubro de 2017

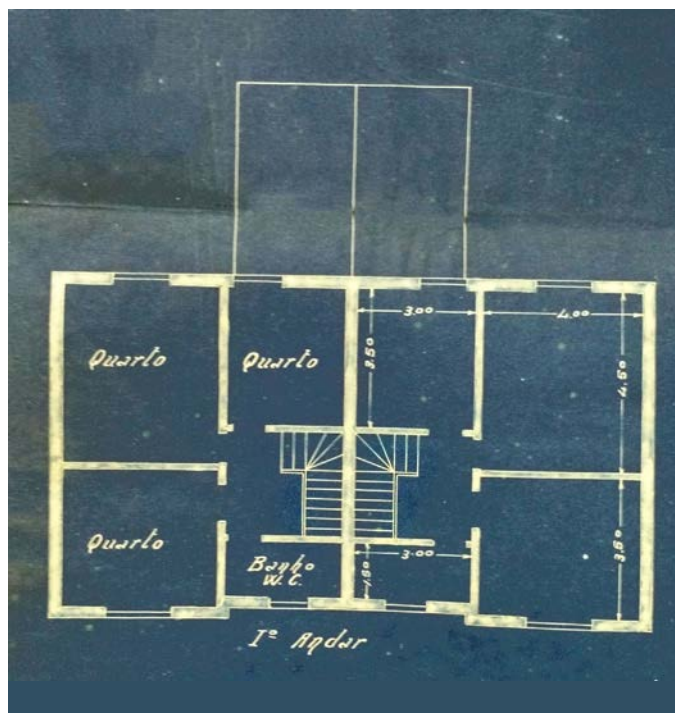
16 - Casa na Rua Dona Inácia, nº 4 e 6 - 1923



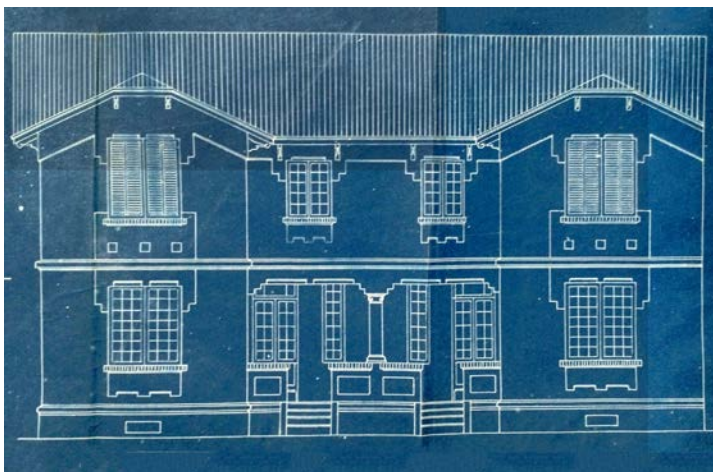
95 - Corte C-D



96 - Planta térreo



97 - Planta primeiro pavimento



98 - Fachada



99 - Localização. SARA Brasil, 1930

O projeto de casas geminadas sem recuos laterais foi concebido para Alberto Vigna, único proprietário. Esse projeto é de grande interesse por ter os cômodos visivelmente mais integrados, em comparação ao das demais casas analisadas. Percebe-se essa maior integração principalmente pela posição da cozinha, que em vez de estar nos fundos, como era hábito na maioria das casas do período, está ao lado da sala de jantar, e conectada diretamente ao hall de entrada.

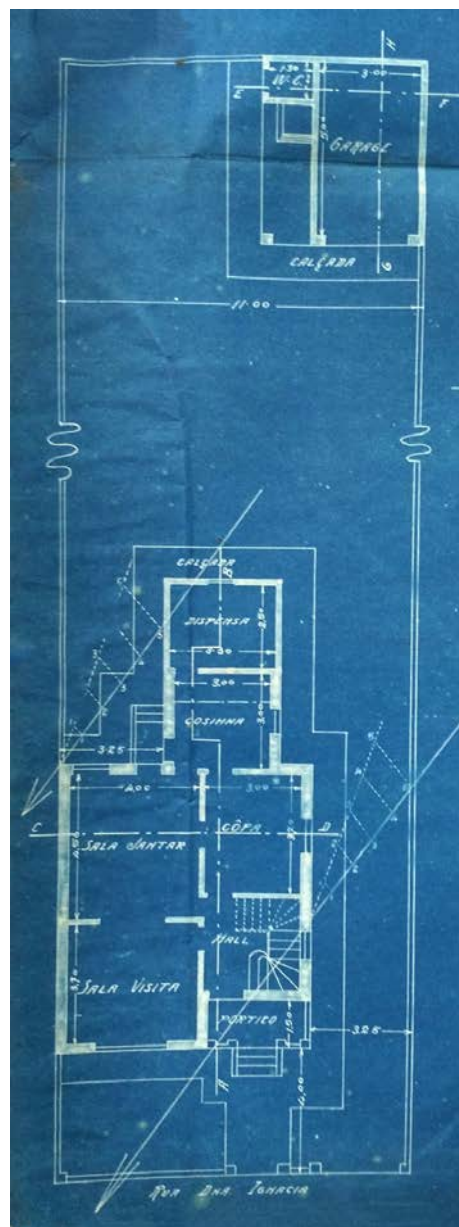
Além disso, os vãos de passagem entre os ambientes também são maiores que o habitual. Observando, por exemplo, as proporções da planta do térreo, vemos que o vão entre a sala de visitas e sala de jantar tem cerca de 2m de largura e não fica claro se havia portas fechando essas conexões. Dessa forma, o térreo tem espaços fluídos para a época, com possibilidades distintas de percursos, sem hierarquias muito definidas.

Essa maior fluidez, no entanto, não impede a separação dos ambientes em zonas, de modo que a sala de visitas e sala de jantar, dispostas de um dos lados da casa, se configuram como zona de estar, e a cozinha, seguida da despensa (o único cômodo deslocado do corpo principal da casa), no outro lado, se configuram como zona de serviços. A circulação se faz a partir da entrada e na parte

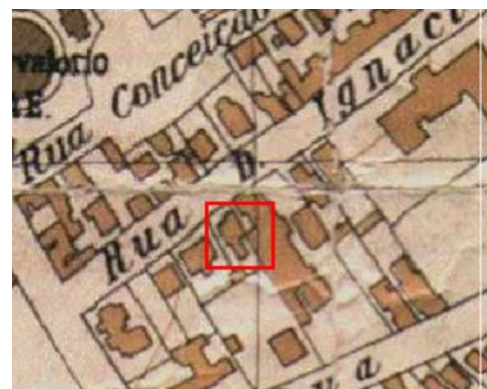
central da casa, composta pelo hall e suas conexões com a cozinha e salas.

No primeiro pavimento, o hall distribui os quartos e o banheiro. Este, curiosamente fica na parte frontal, voltado para a rua, da mesma forma que ocorre no primeiro pavimento dos sobrados na Rua Baltazar Lisboa, já apresentados.

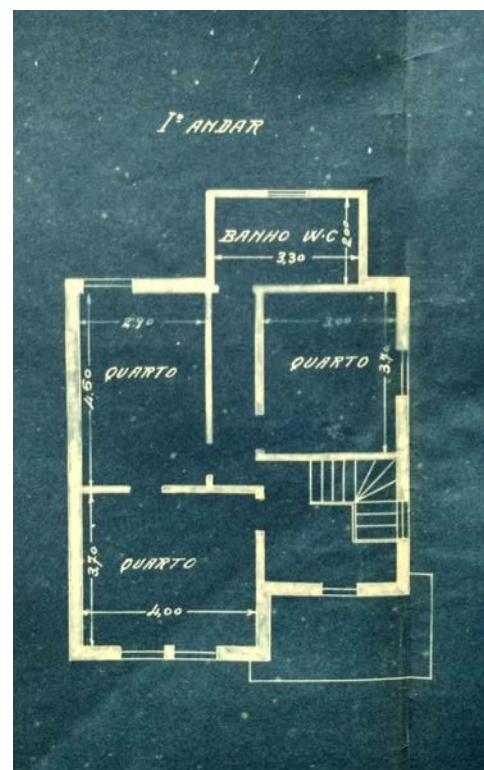
17 - Casa na Rua Dona Inácia, nº 10



100 - Planta térreo



104 - Localização. SARA Brasil, 1930



101 - Planta primeiro pavimento

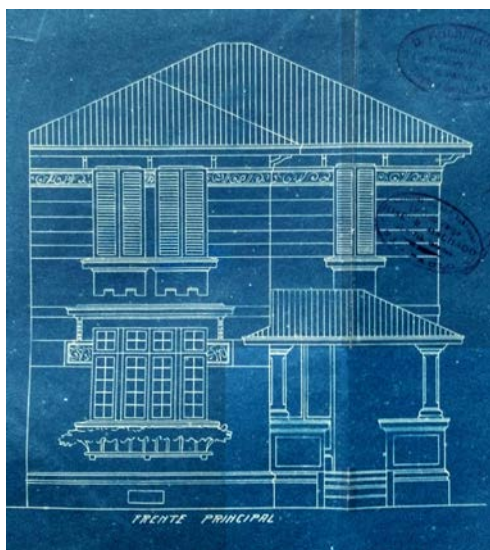
Esse projeto de casa na Rua Dona Inácia, nº 10, assim como o das casas geminadas na mesma rua nos números 4 e 6, foi concebido para o mesmo proprietário, Alberto Vigna, e pelo mesmo projetista, como verificado pela comparação das assinaturas dos dois processos de aprovação de construção analisados. O que difere os dois projetos é basicamente a implantação e a extensão do programa de necessidades: no projeto da casa do número 10, há recuos frontal, lateral e nos fundos e foi acrescentada à residência uma copa e uma garagem nos fundos. Trata-se, aparentemente, de uma casa para uma família com um poder aquisitivo um pouco maior do que o das famílias a que os sobrados geminados se destinavam, o que sugere que melhores condições financeiras, nessa época, se refletiam antes de tudo em um maior número de cômodos especializando as atividades domésticas.

Apesar dessa extensão do programa, os cômodos do sobrado em questão mantiveram mais ou menos as mesmas dimensões dos cômodos das casas geminadas, de modo a não aumentar muito seu tamanho geral, e como foi implantada em um lote maior, foi possível a criação de um recuo lateral, além de um espaço maior no fundo do terreno. Uma hipótese é que esta seria a casa onde o proprietário moraria, e as geminadas foram construídas para venda ou locação.

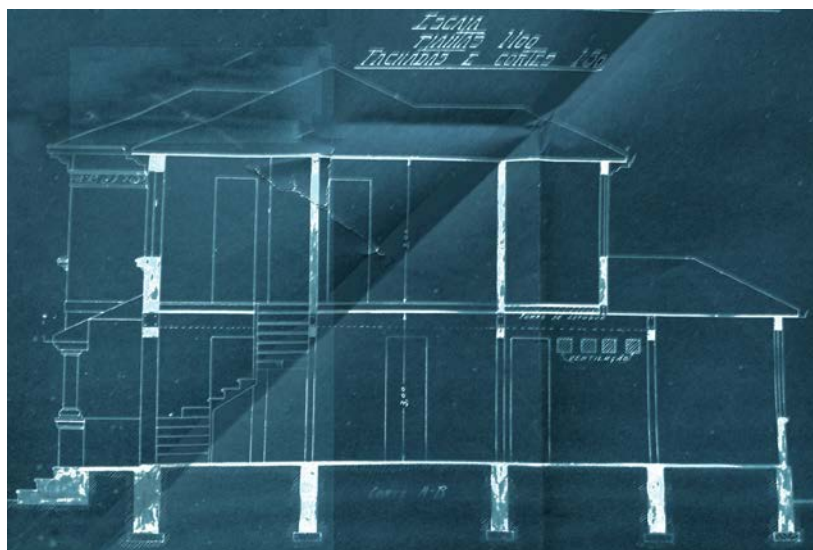
Quanto à distribuição do programa no térreo, a casa do número 10 manteve também a mesma organização dos espaços das casas geminadas, com a diferença de que desta vez é a copa que foi integrada ao corpo principal da casa, ficando ao lado da sala de jantar, e a cozinha foi deslocada para os fundos, seguida da despensa. Ainda assim, a cozinha tem conexão direta não só com a copa, como era hábito em várias casas do período, mas também com a sala de jantar. Percebe-se a clara intenção de se integrar os ambientes das três casas de Alberto Vigna, sendo ou uma vontade da família do proprietário ou influência do projetista. Deve-se atentar também para as grandes dimensões da despensa, o que sugere que talvez esse cômodo fosse utilizado como dormitório de empregados.

No primeiro pavimento da casa do número 10, os cômodos são dispostos também de maneira semelhante aos do primeiro pavimento das casas geminadas, com exceção do banheiro, que no pri-

meiro caso, encontra-se nos fundos e não na frente, voltado para a rua, como no segundo caso. Não é possível ter certeza do que levou a essa pequena diferença de disposição, que, no entanto, é significativa, já que um banheiro voltado para a rua é raramente desejável, a não ser que se estivesse priorizando a privacidade dos quartos, colocando-os nos fundos. Outra hipótese é que questões estruturais não permitiram uma ampliação dos primeiros pavimentos das casas geminadas sobre as despensas, e o espaço reduzido para se colocar três quartos e um banheiro acabou resultando nessa solução.

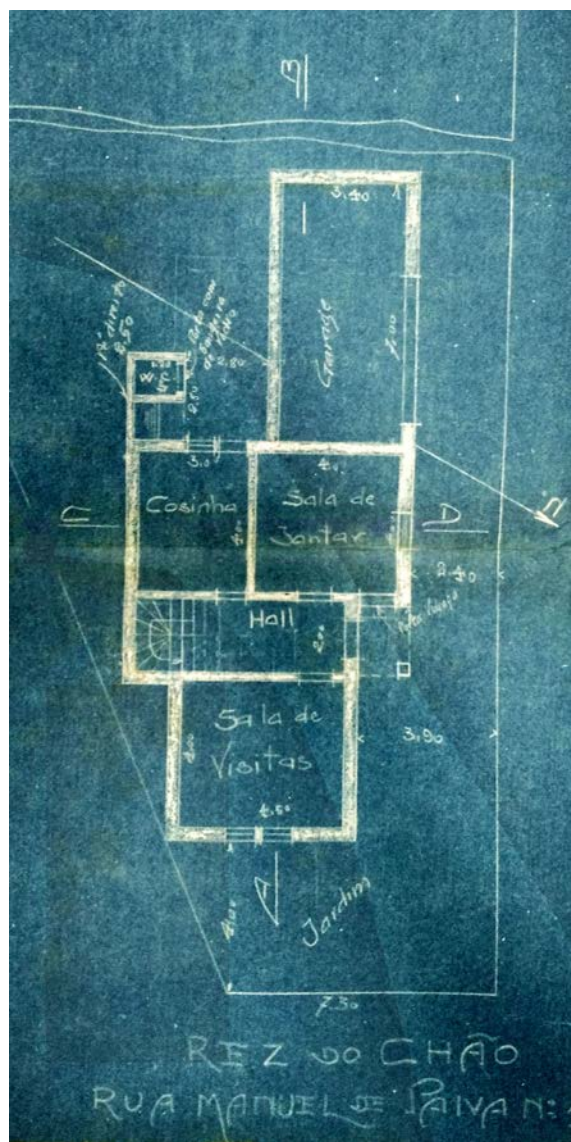


102 - Fachada

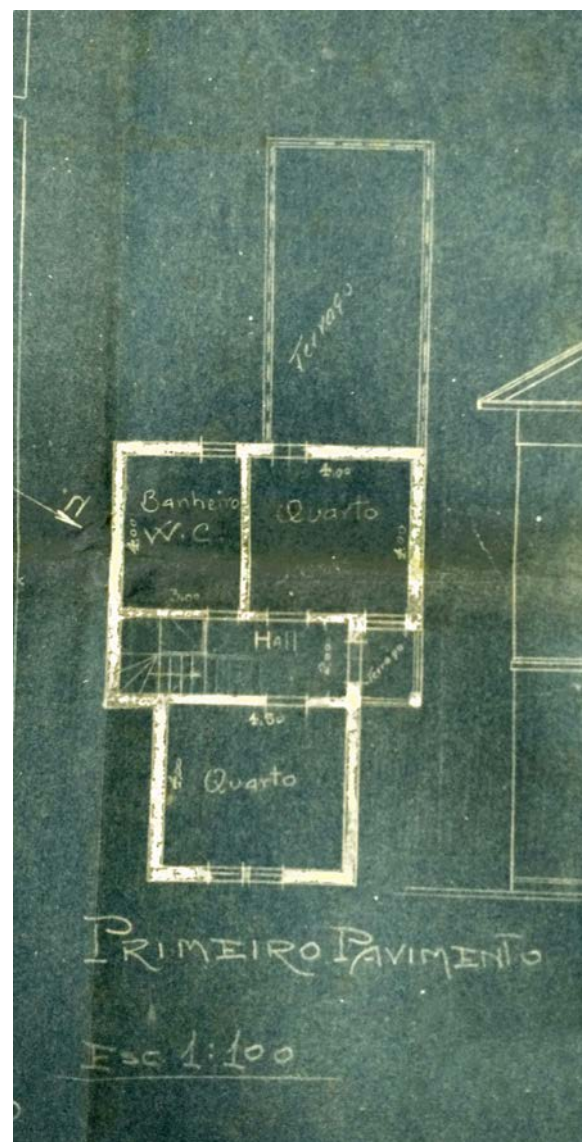


103 - Corte A-B

18 - Casa na Rua Manuel de Paiva, nº 18 - 1923



105 - Planta térreo



106 - Planta primeiro pavimento



107 - Fachada

Projeto de sobrado na Rua Manoel de Paiva, nas proximidades da Rua Fontes Júnior, atual Joaquim Távora (Ato 972 de 1916), para o proprietário João Ferreira de Souza. Apresenta jardim frontal, recuos em uma das laterais do lote e em seus fundos.

A organização dos cômodos segue o padrão da época, com a entrada principal pelo recuo lateral, que acessa o hall. Este separa a sala de visitas da sala de jantar e área de serviços. Vemos, nesse projeto, que a cozinha está mais integrada ao corpo principal da casa, assim como nos sobrados na Rua Dona Inácia construídos para Alberto Vigna, já apresentados. No entanto, ao contrário destes sobrados, nessa casa em questão, a cozinha não se conecta diretamente à sala de jantar, mas somente ao hall, que interliga os ambientes, e os vãos de passagem entre os cômodos são menos alargados.

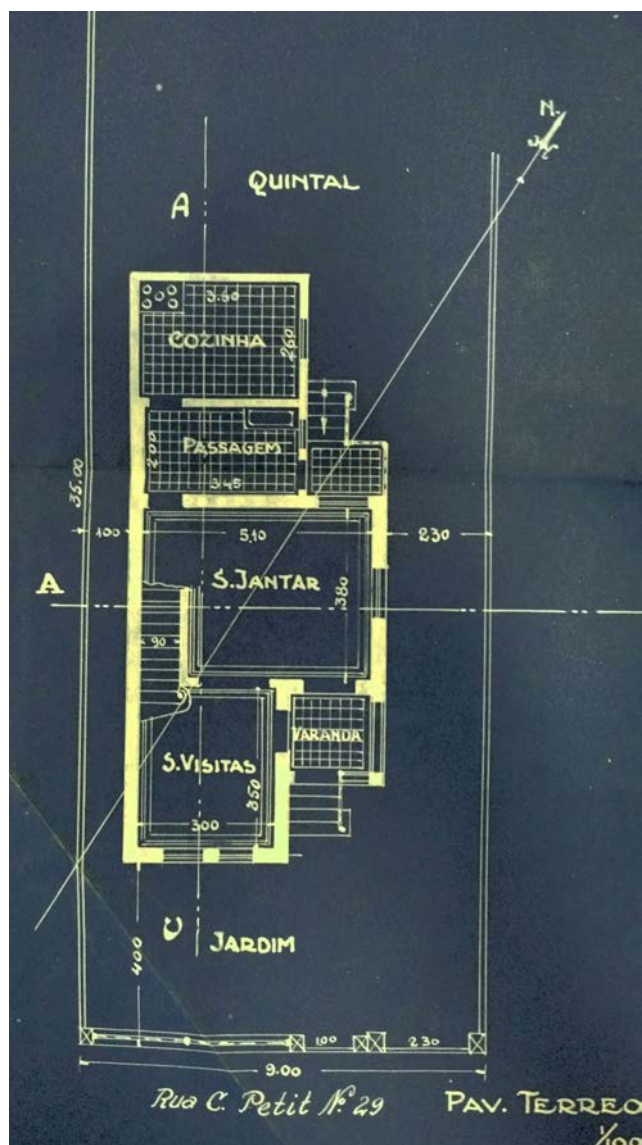
Portanto, de modo geral, a casa em questão tem uma integração entre os espaços um pouco mais discreta.

Destaca-se também uma grande garagem, de 7m de comprimento por 3,40m de largura, onde caberia mais de um automóvel, o que sugere a importância que este vai adquirindo na vida das famílias de classe média do período.

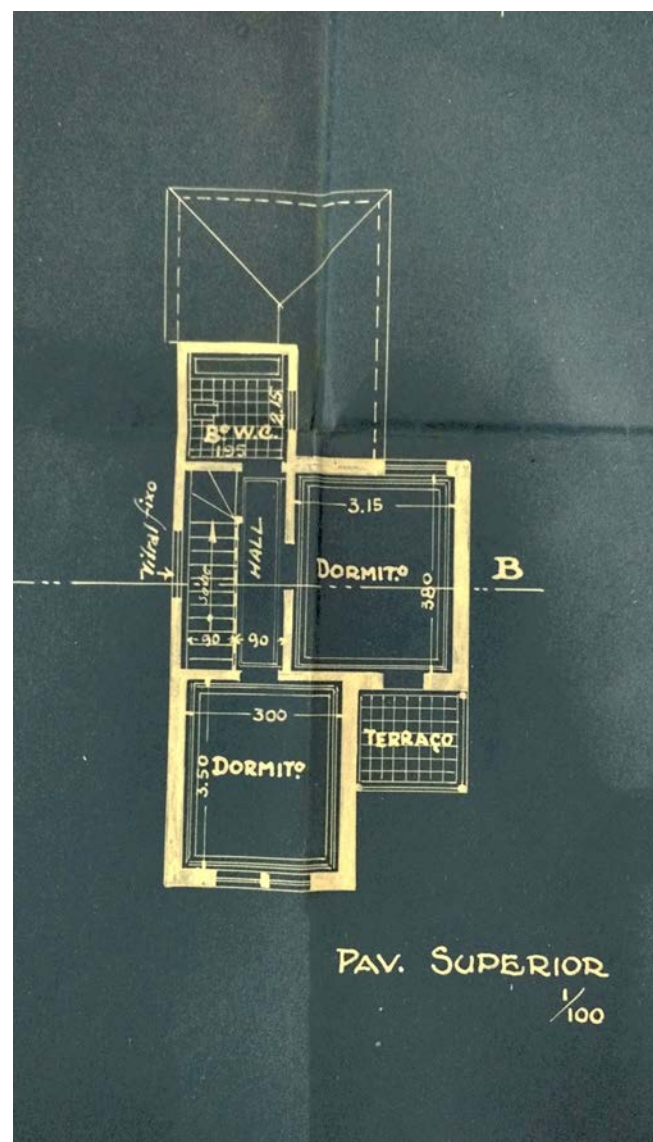
No térreo, há um wc, localizado perto da cozinha, mas na parte externa da casa. No segundo pavimento há dois quartos, um voltado para os fundos do terreno, abrindo-se para a cobertura da garagem usada como terraço, e o outro, na parte frontal do pavimento, com vista para a rua. O banheiro volta-se também para os fundos, e tem área notavelmente grande, de 12m² (4m de comprimento por 3m de largura).

Tendo-se como referência somente o desenho de implantação da casa, não foi identificado no mapa SARA Brasil sua localização precisa na Rua Manuel de Paiva, muito extensa e com várias construções já em 1930. Não se sabe, portanto, se o projeto foi executado.

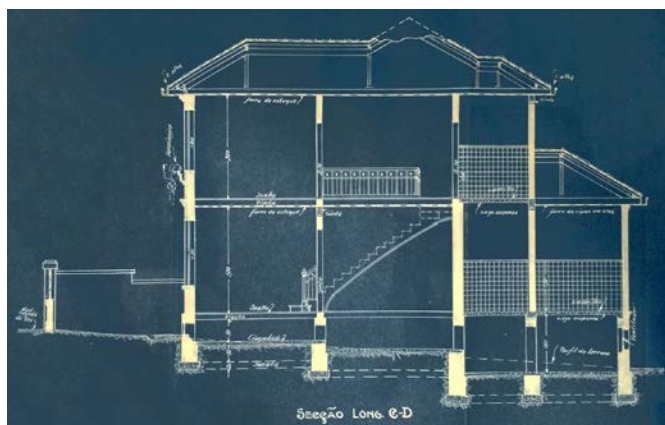
19 - Casa na Rua Carlos Petit, nº 245 - 1928



108 - Planta térreo



109 - Planta primeiro pavimento



110 - Corte C-D



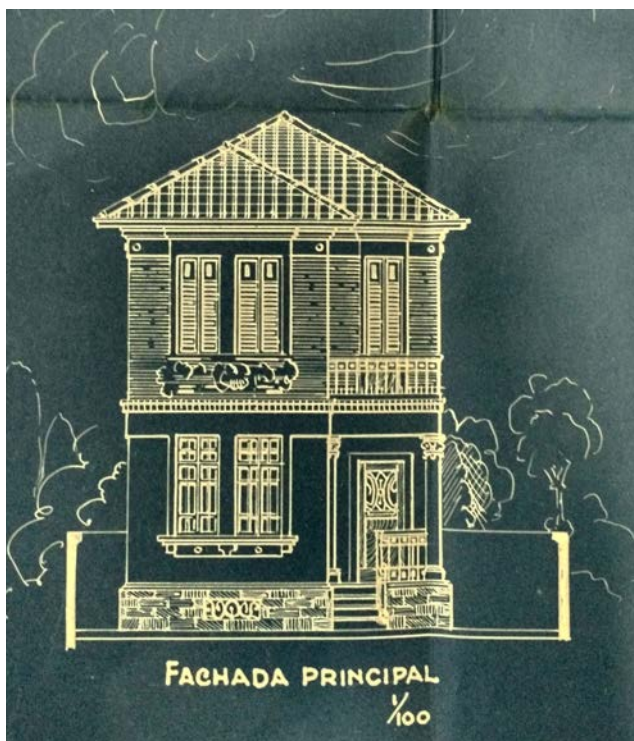
112 Localização. SARA Brasil, 1930

Projeto de sobrado construído na Rua Carlos Petit, no antigo nº29 (atual número 245), para o proprietário Aurélio Gregori. A casa ainda existe e está bem conservada, e sua organização espacial típica dos sobrados erguidos no bairro ao longo da década de 1920, faz com que seja um exemplo representativo da arquitetura residencial da classe média produzida no período.

Como mencionado, o sobrado com recuos frontal, lateral e nos fundos apresenta disposição dos ambientes que segue o padrão da época, com sala de visitas na frente, seguida de sala de jantar e área de serviços. No entanto, não há um hall distribuidor interno, como de costume, mas uma pequena varanda (nota-se que o termo neste caso já é utilizado com significado de alpendre) externa conectada tanto à sala de visitas como à sala de jantar, ou seja, de certa forma, substitui o tradicional hall.

Atrás da sala de jantar, há um cômodo denominado “passagem” que, na planta, leva a mesma hachura da cozinha e áreas externas, o que nos leva a concluir que se trata de um ambiente com função de copa. Não se sabe a que se deve o emprego do termo “passagem”, mas podemos supor que procura enfatizar o caráter de transição do ambiente, da área social para a área de serviços.

No primeiro pavimento, há um quarto na frente e um quarto maior na lateral, que se abre para um terraço que reforça seu isolamento da rua; é este provavelmente o quarto destinado ao casal ou



111- Fachada



113 - Sobrado atualmente na Rua Carlos Petit, nº245

chefe de família. O único banheiro da casa encontra-se também neste andar, nos fundos. Vale ressaltar que em sobrados como esse, analisados neste estudo, o pavimento superior sempre conta com um banheiro completo, ao lado dos quartos; já a presença do wc no térreo é variável. Essa característica enfatiza como se tornou forte a associação do banheiro com a área íntima.

3.4 CASAS DE CLASSE MÉDIA ALTA

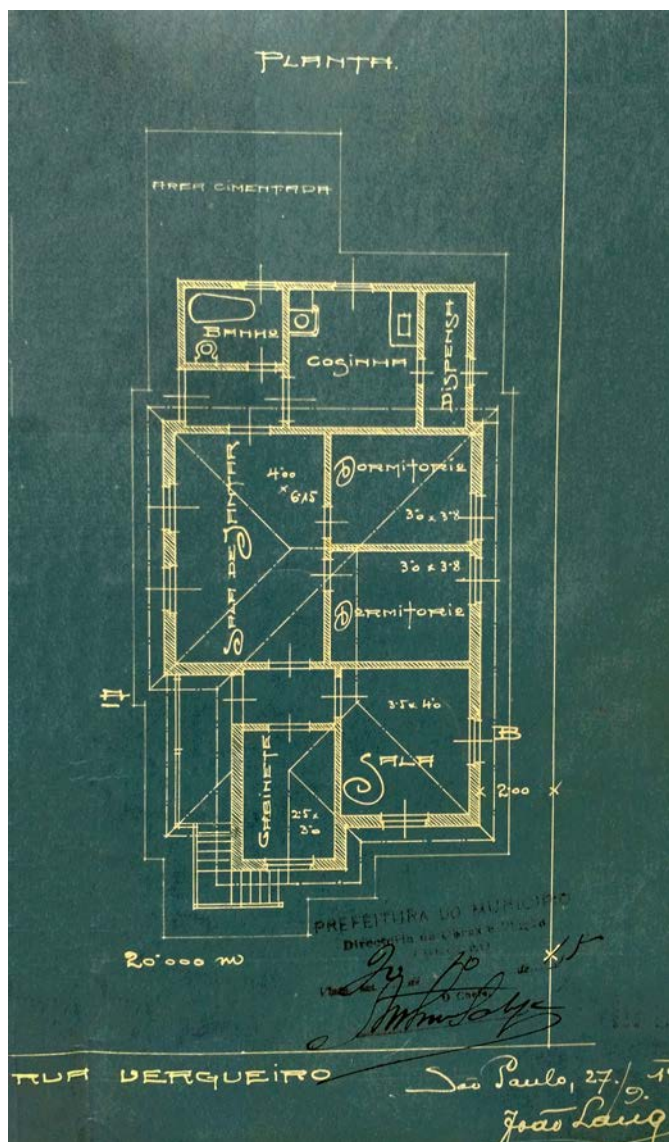
20 - Casa na Rua Vergueiro, n° 495

21 - Casa na Rua Dona Inácia, n° 6

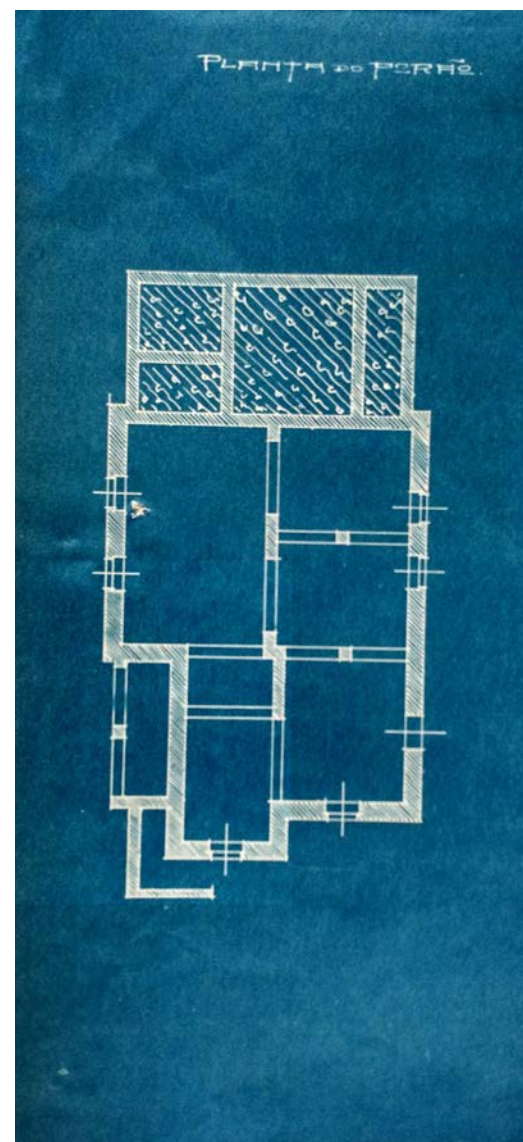
22 - Casa na Rua Rua Doutor Netto de Araújo, n° 23

22.1 - Casa na Rua Dona Avelina

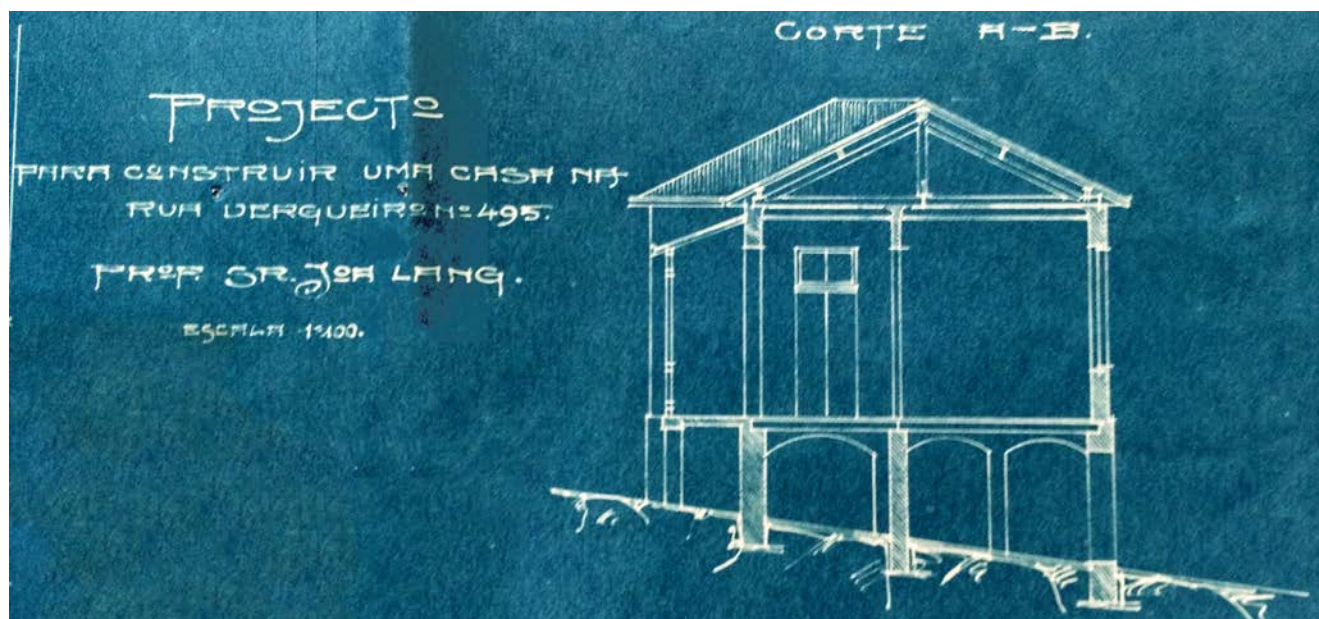
20 - Casa na Rua Vergueiro, nº 495 - 1915



114 - Planta térreo



115 - Planta porão



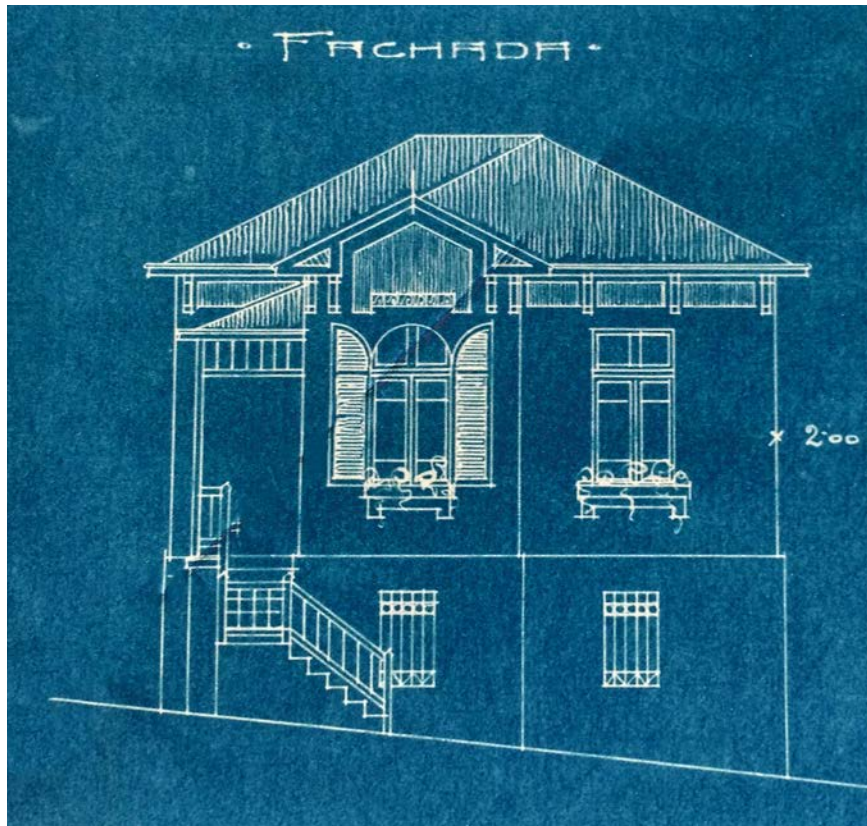
116 - Corte A-B

Esse projeto de casa térrea na Rua Vergueiro, n°495 foi concebido para João Lang. A casa com recuo frontal e lateral apresenta programa e disposição dos cômodos semelhante ao das casas de elite, com sala de visitas, gabinete, sala de jantar, dois dormitórios, cozinha, despensa, banheiro com vaso sanitário e banheira, além de porão habitável.

O gabinete, que não apareceu em nenhuma das casas de classe média propriamente dita analisadas anteriormente, é um cômodo de conotação masculina, em geral utilizado como escritório do chefe da família, para seu trabalho e recebimento de pessoas de fora ((HOMEM, 2010, p. 27). Na residência em questão, é o cômodo de maior contato com a rua, de forma até a sobressair-se do volume principal da casa. Em seguida, tradicionalmente ao lado do gabinete, há a sala de visitas, que na casa burguesa do início do século XX era de domínio da mulher e também tinha caráter de transição entre público e privado, porém sem o uso como local trabalho típico do gabinete (SCHETTINO, 2012, p. 71).

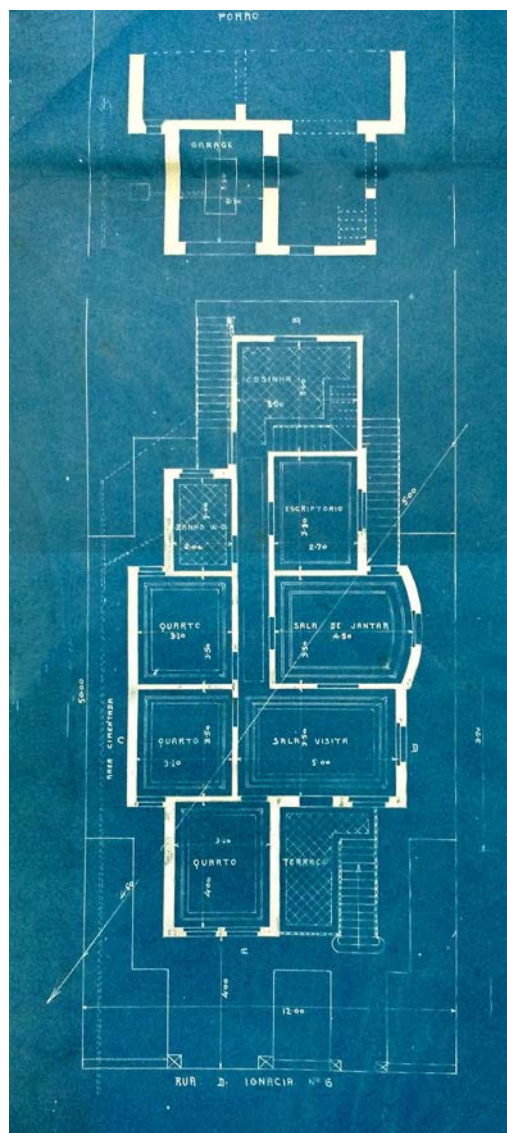
Quanto à disposição do programa em zonas, percebe-se que a partir da rua, se entra na casa por meio do hall, área de transição entre os ambientes mais públicos da casa (sala de visitas e gabinete) e os mais íntimos, de maior convívio estritamente familiar (dormitórios, sala de jantar e área de serviço). A sala de jantar é a maior das três salas, único ambiente pelo qual se acessa cada um dos quartos; ou seja, neste caso tem também função essencial de circulação.

No porão habitável, além de provavelmente se localizarem as áreas de serviço, é onde os empregados (caso houvesse) possivelmente dormiam, considerando que na casa não há quarto de empregados.

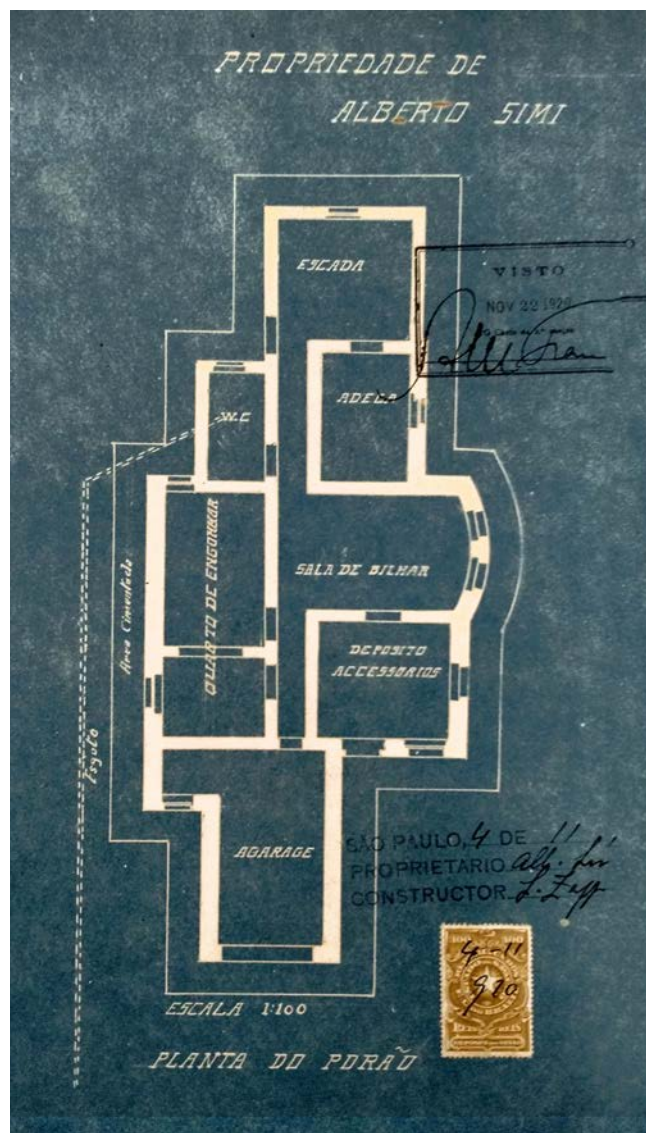


117 - Fachada

21 - Casa na Rua Dona Inácia, nº 6 - 1920



118 - Planta térreo



119 - Planta porão



120 - Fachada



121 - Localização. SARA Brasil, 1930

Trata-se do projeto de construção da casa no atual nº 114 da Rua Dona Inácia Uchoa. Segundo o processo de aprovação da casa, esta pertencia a Alberto Simi, o interessado na construção, e teve como construtor responsável Lioviello J. Atualmente a casa está abandonada e não foram encontradas informações sobre o que aconteceu a seus antigos proprietários.

Em ocasião de estudo da região para instrução de abertura de tombamento de três pequenas casas de influência Art Nouveau na Rua Dona Inácia Uchoa, já apresentadas no primeiro e segundo capítulo, o Departamento de Patrimônio Histórico de São Paulo realizou vistoria no casarão em questão, constatando que: “essa casa apresenta em sua composição de fachadas, uma mescla do repertório do ecletismo e do art nouveau, revelando refinamento nos acabamentos e detalhes construtivos e nos materiais nobres utilizados em sua construção, como o mármore. Tem belíssimos vitrais fechando a varanda que abrange parte da fachada frontal e parte da lateral esquerda, mostrando ser essa residência



122 - Fachada atual na Rua Dona Inácia Uchôa, nº114

pertencente a proprietários abastados.”²² Soluções estéticas como essa faziam parte da intenção de distinguir as novas construções daquelas do passado colonial, introduzindo elementos arquitetônicos trazidos pelos arquitetos, engenheiros e mestres-de obras estrangeiros, o que caracterizou o Ecletismo paulistano do período (D’ALAMBERT, 2003, p. 97).

O programa da casa é típico da classe média alta, se aproximando dos palacetes ao apresentar vários dos ambientes que, conforme já abordado, eram tradicionais dessa tipologia habitacional: sala de visitas, sala de jantar, escritório, três quartos, banheiro completo e cozinha, além de porão habitável com sala de bilhar, sala de engomar, depósito, adega e garagem. A propósito, o projeto de adaptação do porão para que abrigasse seus citados cômodos foi elaborado alguns meses depois da concepção

²² - Processo de abertura de tombamento nº 1992.0007.967-9, p. 245



123 - Fachada atual na Rua Dona Inácia Uchôa, nº 114

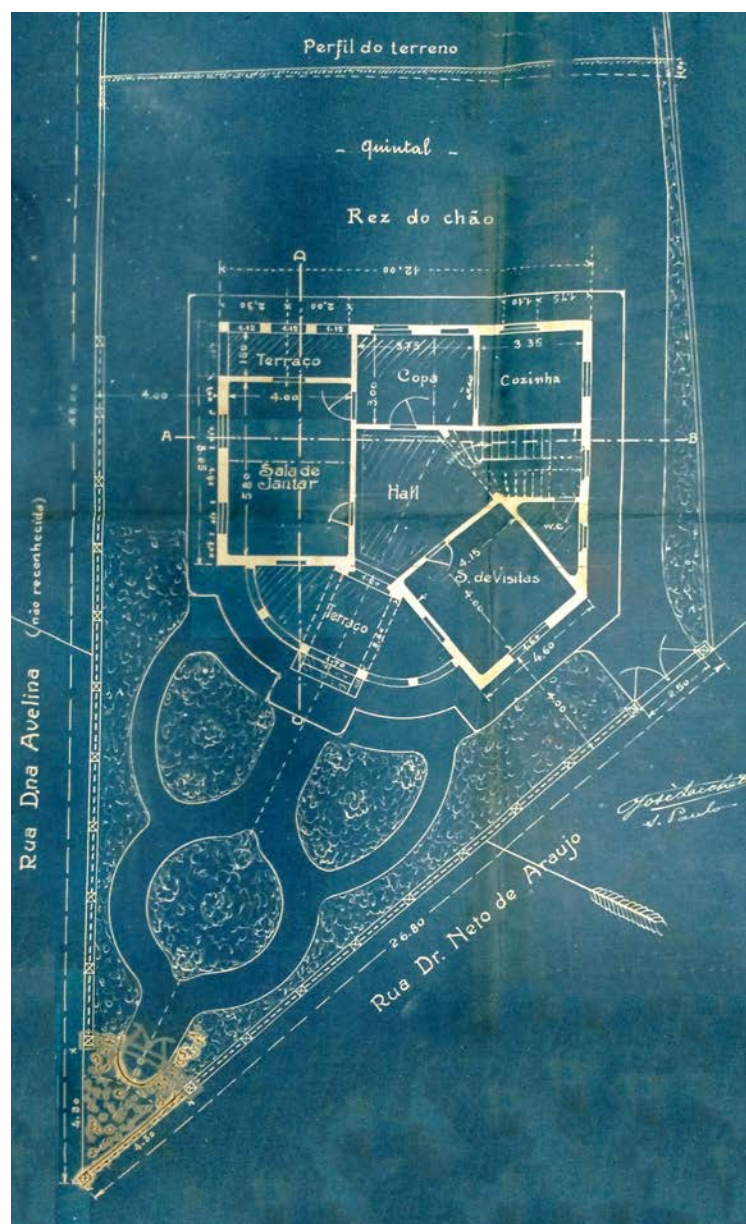
do projeto da casa, o que pode indicar que se tratou de uma decisão a posteriori, com o objetivo de ampliar o programa.

A casa apresenta recuos laterais, frontal e nos fundos. Quanto à disposição dos ambientes, a separação entre área íntima e social se dá por meio de um corredor central. O acesso principal à habitação, elevada do chão, se faz por uma escada lateral por onde se chega a um terraço, espécie de alpendre, constituindo área de transição entre a parte externa e o interior da residência. Esse terraço se abre diretamente à sala de visitas, passagem forçada para os demais cômodos, desempenhando função de distribuição dos espaços, o que tipicamente seria feito por um hall.

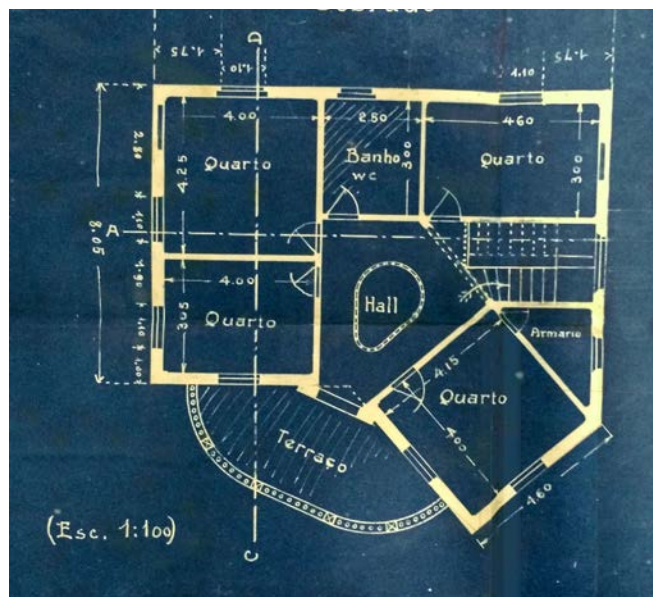
A sala de jantar da casa parece ter função específica: tem acesso apenas pelo corredor central e pela sala de visitas, por aberturas discretas, o que a difere bastante das salas de jantar multifuncionais vistas em casas de classe média de famílias menos abastadas. Nesse sentido, podemos supor que quanto maior o poder aquisitivo da família e consequentemente, o terreno onde seria construída sua casa, mais havia especialização dos ambientes, evitando-se ao máximo sua sobreposição de funções. Isso se reflete não só na quantidade de cômodos, mas também na maneira em que são dispostos, podendo ser mais ou menos integrados entre si.

A casa, do mesmo modo que algumas das casas de classe média já apresentadas, possui acesso pela cozinha, o que prenuncia a adoção de circulações distintas, de serviço e social.

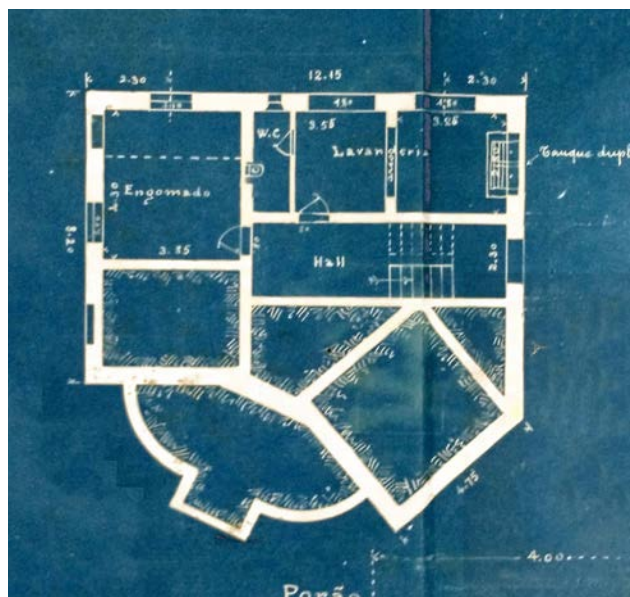
22 - Casa na Rua Doutor Netto de Araújo, nº 23 - 1923



124 - Planta térreo



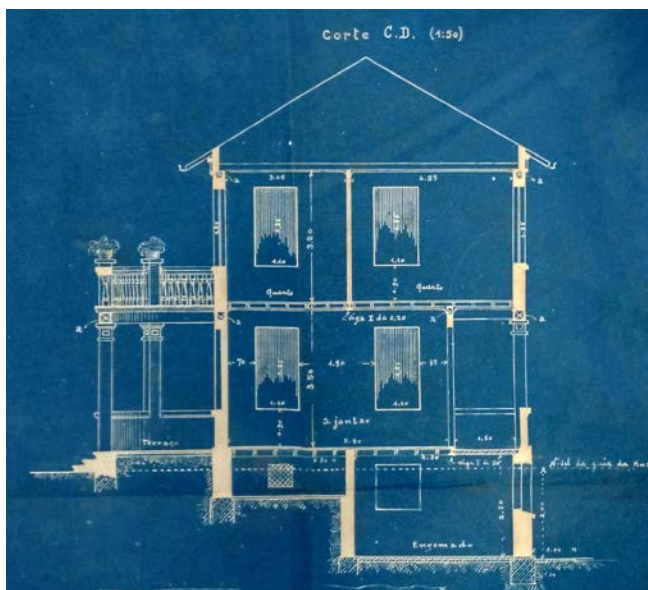
125 - Planta primeiro pavimento



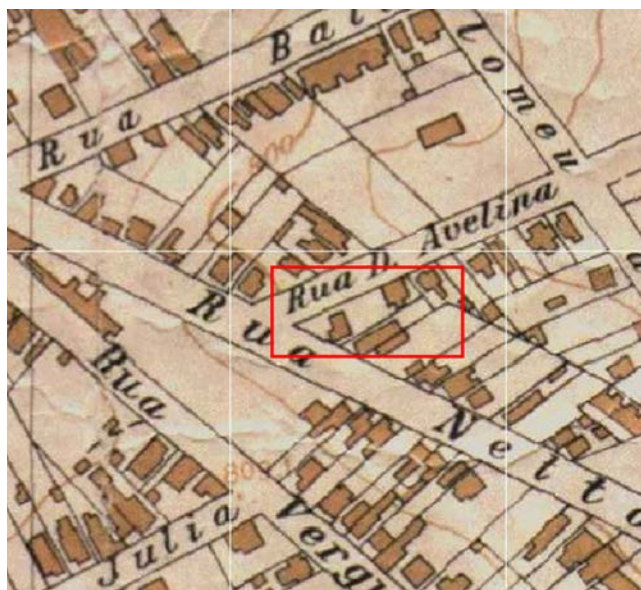
126 - Planta porão

Segundo projeto de aprovação de construção, esse projeto de sobrado foi concebido para João Batista Della Casa. Aparentemente é a casa de mais alto padrão socioeconômico, dentre as apresentadas, e a que mais se aproxima dos palacetes. Foi encontrado também o projeto de uma pequena casa de baixo padrão, datada de fevereiro de 1923, a ser construída na parte posterior do mesmo lote, e para o mesmo interessado, o que nos sugeriu que este tinha alto poder aquisitivo. Posteriormente confirmou-se sua classe social, ao identificarmos o nome do proprietário em um documento de 1929 referente à constituição da “Fábrica de Tecidos Tatuapé s/a”, que regulamentava a situação de seus sócios, sendo um deles João Baptista Della Casa ²³. Por comparação da assinatura deste documento e da assinatura do processo de pedido de aprovação da construção das casas, verificamos que se trata de fato da mesma pessoa.

23- disponível em: <http://www.fundacaobunge.org.br/acervocmb/assets/documentos-historicos/constituicao-fab-tecido-tatuape-1929.pdf> - acessado em outubro de 2017



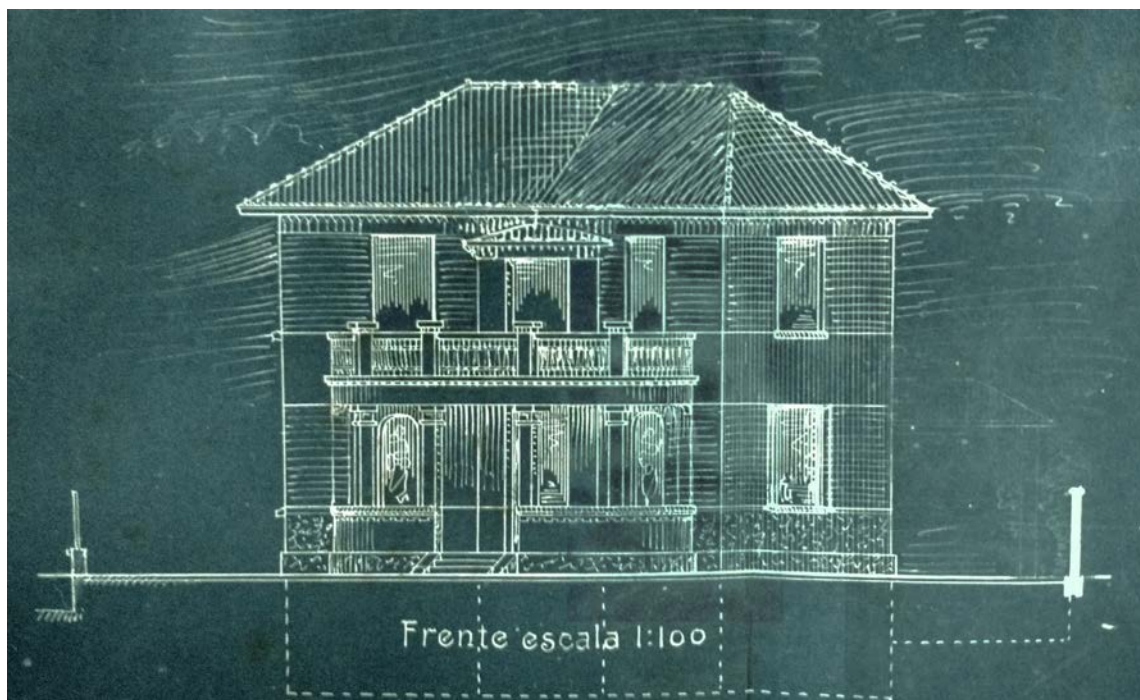
127 - Corte C-D



129 - Localização. SARA Brasil, 1930

A começar pela implantação, nos chama a atenção o fato de a casa voltar-se para a esquina de um grande lote, o que possibilitou um desenho de planta mais movimentado, que acompanha o perfil trapezoidal do terreno. Isola-se da rua pelos recuos do fundo e laterais, e pelo grandioso jardim na frente com tratamento paisagístico constituído por caminhos de curvas simétricas que também seguem a forma do terreno.

A organização dos cômodos no térreo foi planejada a partir do hall, por onde se adentra ao interior da casa e se tem acesso de um lado à sala de jantar, de outro, à sala de visitas e, nos fundos, à copa e cozinha. O hall dá acesso também à escada que leva ao pavimento superior, onde estão os quartos e o banheiro completo. Percebe-se a clara influência da distribuição de cômodos a partir do hall introduzida pelo arquiteto Jacques-François Blondel no século XVIII (HOMEM, 2010, p. 25), e largamente utilizada por Ramos de Azevedo nos palacetes que projetou em São Paulo no século XIX (HOMEM, 2010, p. 133).

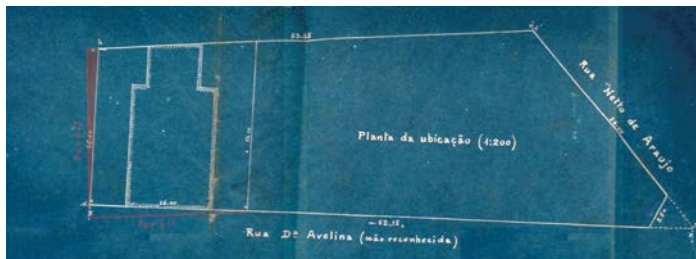


128 - Fachada

No primeiro pavimento, a generosa dimensão do hall criou um isolamento considerável entre os quartos. O quarto da frente, à direita da casa, é o único que não faz divisa com nenhum outro cômodo, estando circundado diretamente pelo terraço externo, hall e escada. É o único também que possui um armário embutido, instalado no espaço residual entre o próprio quarto e a circulação vertical. Presume-se, por essas características, que era este o quarto destinado a um possível casal.

No porão habitável há sala de engomar, lavanderia e wc, sendo possível que fosse em algum desses cômodos que os empregados dormiam, já que, segundo os desenhos de projeto, não há edícula ou quarto específico para criada.

22.1 - Casa na Rua Dona Avelina



130 - Implantação

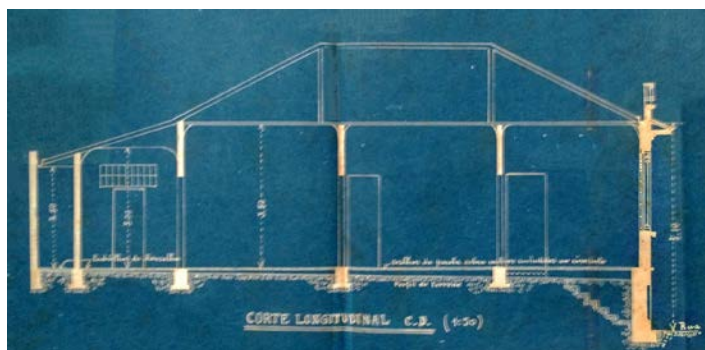


131 - Fachada

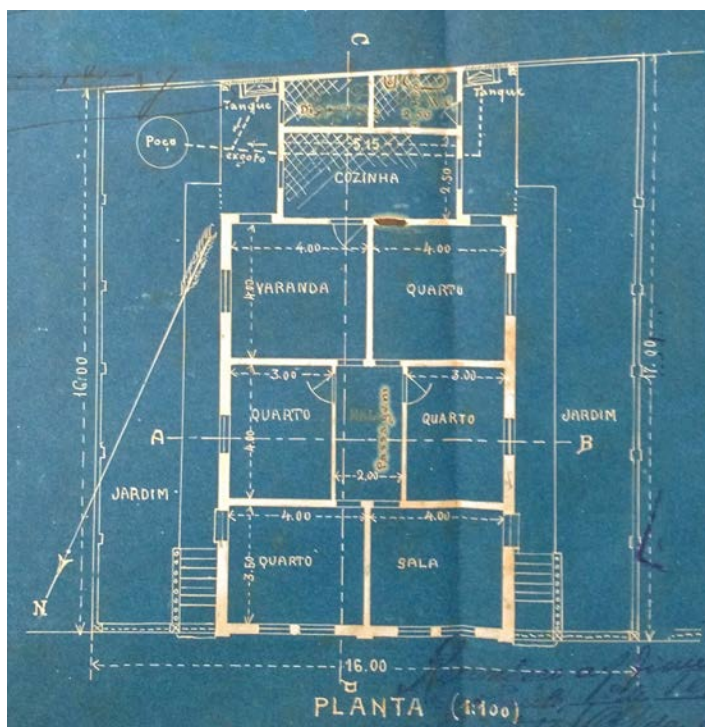
Projeto datado de fevereiro de 1923 da casa a ser construída nos fundos do lote de João Batista Della Casa, como já mencionado, na esquina da Rua Dr. Netto de Araújo com a Rua Dona Avelina.

Analisando a pequena casa, nos chama a atenção a distribuição dos ambientes. Há quatro quartos, uma sala e uma varanda, termo este antigo, que, conforme já abordado, quase não se utilizava mais com o avanço das primeiras décadas do século XX e que, neste caso, curiosamente é utilizado para designar uma provável sala de jantar. Esses cômodos são dispostos ao redor de um hall central, e altamente compartimentados entre si, não havendo na casa zonas íntimas e sociais e percursos claramente definidos.

A estranheza se dá também por serem chamados de “quartos” cômodos localizados em posições bastante distintas e que, provavelmente não desempenhavam a mesma função. O quarto da frente é por onde se dá um dos acessos à casa, e fica ao lado da sala. Pode-se supor que poderia funcionar como um lugar de estar, ou de recebimento. Os outros quartos poderiam de fato ser dormitórios. O segundo acesso é pela única sala, também na parte frontal da casa. Não há, aparentemente,



132 - Corte C-D



133 - Planta

um acesso principal, outra característica muito particular da casa.

Seguindo a tradição, a cozinha fica nos fundos, acessível pela varanda e pelo quintal. Depois, há a despensa e o banheiro, com banheira e vaso sanitário, acessível somente pelo quintal.

Diante de todas essas particularidades, é difícil entender sob quais partidos a casa foi projetada e que tipo de família a habitava. Podemos supor que por não ser a casa principal do proprietário, seu projeto foi pensado para fins de venda ou locação.

3.5 VILA DONA BERTHA

23 - Casas para Luiza Klabin

24 - Casa para Ruy Lemos de Vasconcellos

25 - Casas na Rua Berta

Segundo Denise Ivanomoto ²⁴, a região da Colônia da Glória, que se localizava entre o bairro do Ipiranga e a Vila Mariana, teve muitas de suas glebas vendidas à família Klabin no final do século XIX. No século seguinte, essas glebas foram loteadas e repartidas entre os os herdeiros das terras da família, o que resultou na constituição da Vila Afonso Celso, área compreendida entre o início da gleba dos Klabin, entre as Ruas Domingos de Moraes e Rua Afonso Celso, descendo em direção ao Ipiranga (IVANOMOTO, 2012, p. 225).

O arquiteto Gregori Warchavchik, casado com Mina Klabin, uma das herdeiras das referidas terras, foi autor de diversos projetos de conjuntos residenciais para essa área. Nascido na Rússia e formado na Itália, foi um dos precursores da arquitetura moderna no Brasil ²⁵ e autor do manifesto “Acerca da arquitetura Moderna”, publicado em 1925 no Correio da Manhã do Rio de Janeiro, que propunha o rompimento com os modelos arquitetônicos antigos e a adaptação da arquitetura à contemporaneidade ²⁶ (DAHER, 1983, p.12).

A região da Vila Afonso Celso atualmente faz parte do bairro da Vila Mariana, localizando-se em sua porção ao sul, e nela ainda existem algumas das residências projetadas por Warchavchik, como a Casa Modernista, na Rua Santa Cruz, projetada em 1927 e construída em 1928, e o conjunto residencial na Rua Berta, projetado em 1929, que fazia parte do projeto para a Vila Dona Bertha, do mesmo arquiteto (IVANOMOTO, 2012, p.175 - 224).

Há ainda na Rua Santa Cruz, o Conjunto Habitacional Santa Cruz, empreendimento do Instituto de Aposentadoria e Pensões (IAPs) projetado pelo arquiteto Marcial Fleury de Oliveira e construído

24 - Em sua dissertação de mestrado “*Futuro do Pretérito: historiografia e preservação na obra do arquiteto Gregori Warchavchik (2012)*”, Denise Ivanomoto analisa obras tombadas do arquiteto, reconstituindo sua trajetória e investigando as práticas de salvaguarda do patrimônio arquitetônico moderno.

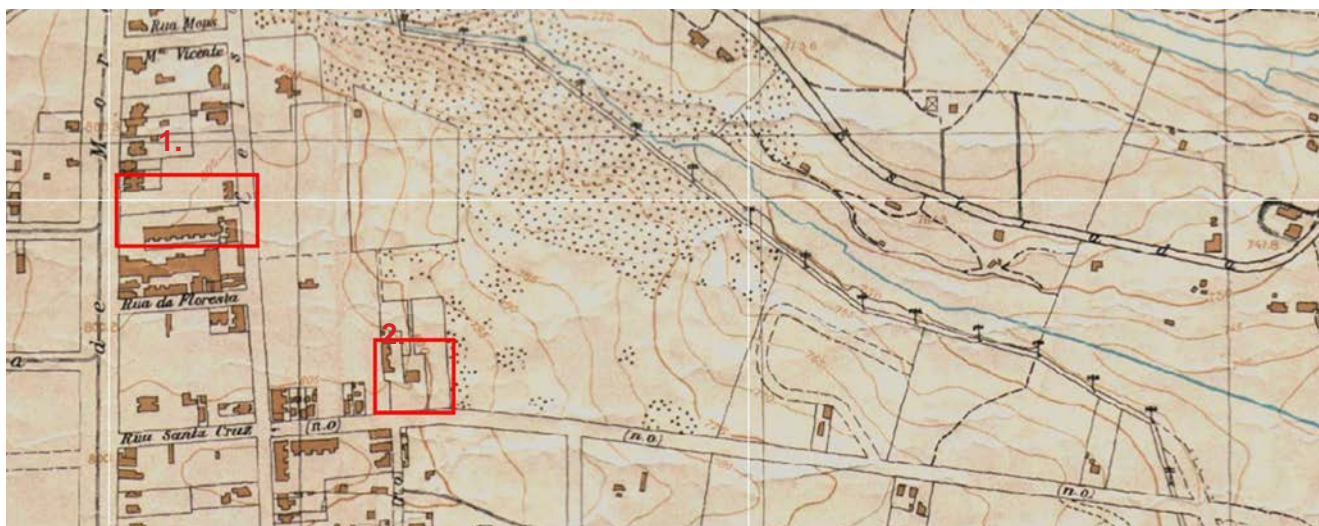
25 - Para maior aprofundamento sobre a obra de Warchavchik, ver a obra de José Lira “*Warchavchik Fraturas da Vanguarda (2011)*.”

26 - Texto de Luiz Carlos Daher “*Atualidades do Modernismo*” que faz parte da publicação “*Três Momentos da Arquitetura Paulista*” organizada pelo Museu Lasar Segall

nas décadas de 1940-50, que integrou o projeto modernizador traçado para o Brasil durante a Era Vargas (BONDUKI, 2014).

Julgou-se pertinente apresentar algumas das casas projetadas para a Vila Dona Bertha, já que além de serem um marco importante na história do bairro, são também residências destinadas à classe média, objeto de nosso estudo. Ainda segundo Denise Ivanomoto, foram projetadas quatro tipologias habitacionais para a vila: seis unidades de maior porte, voltadas para a Rua Afonso Celso, nove voltadas para a Rua Domingos de Moraes, treze implantadas à Rua Dona Berta lado par e seis unidades junto à uma praça, ao lado ímpar da mesma rua. Entretanto, somente as seis unidades voltadas para a Rua Afonso Celso e as treze unidades voltadas para a Rua Berta foram executadas (IVANOMOTO, 2012, p. 227).

Para a presente análise, foi consultado o Acervo da Biblioteca da FAUUSP, que conta com vários dos projetos originais ou fotocopiados de tipologias residenciais para a Vila Dona Bertha, alguns dos quais apresentamos a seguir.



134 - Região da Vila Afonso Celso - SARA Brasil, 1930

1 - Vila Dona Bertha

2 - Casa Modernista



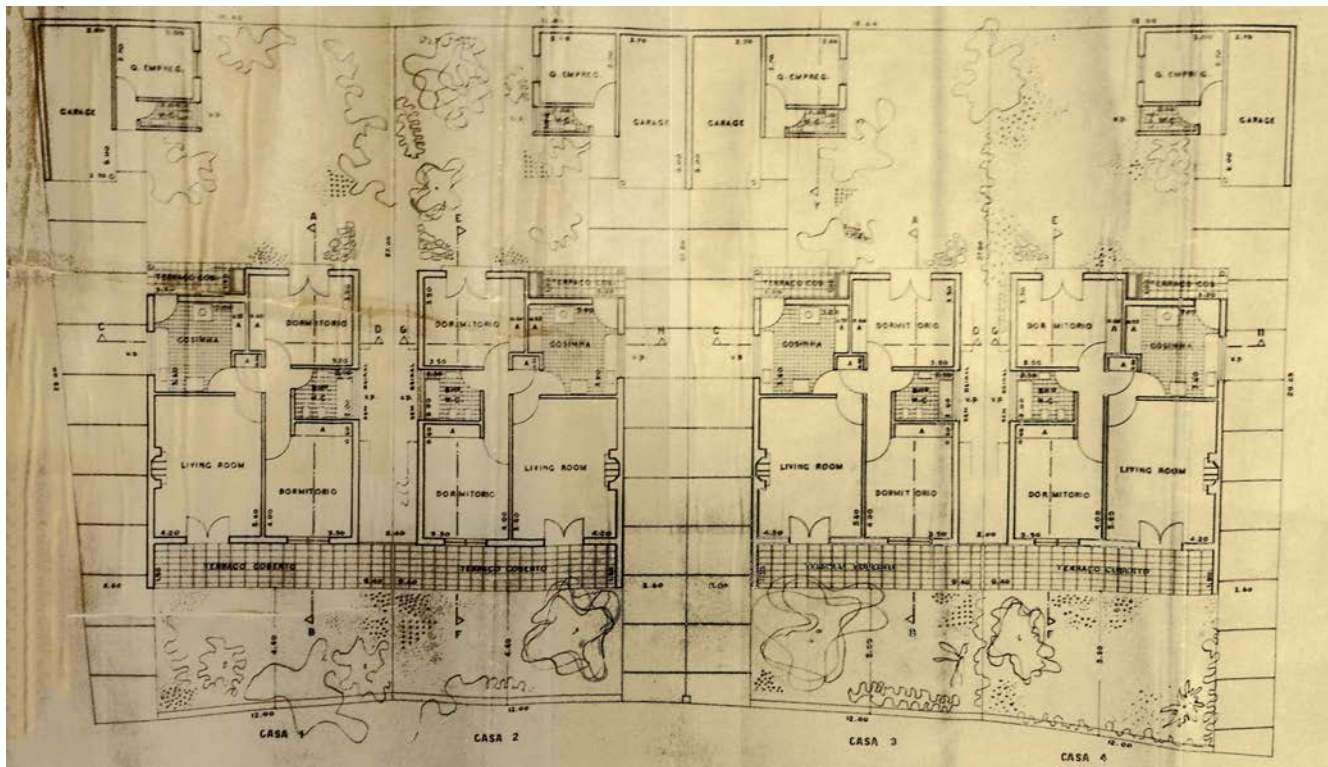
135 - Foto aérea da área que compreedia a Vila Afonso Celso - 2017

1 - Conjunto Residencial da Rua Berta

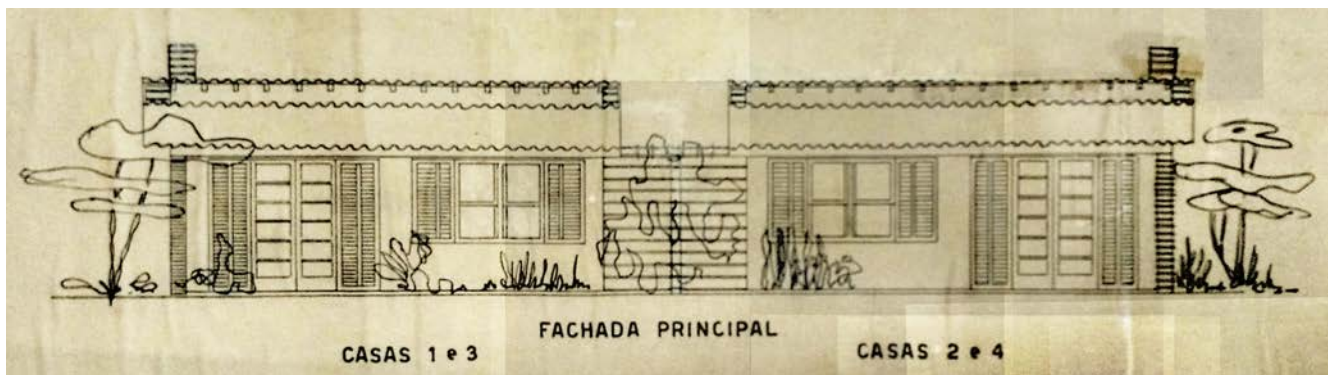
2 - Casa Modernista

3 - Conjunto Habitacional Santa Cruz

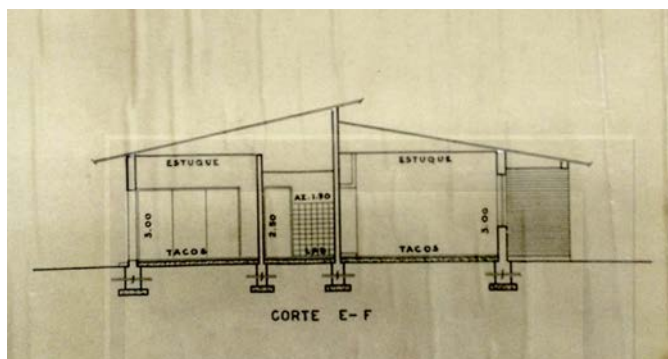
23 - Casas para Luiza Klabin



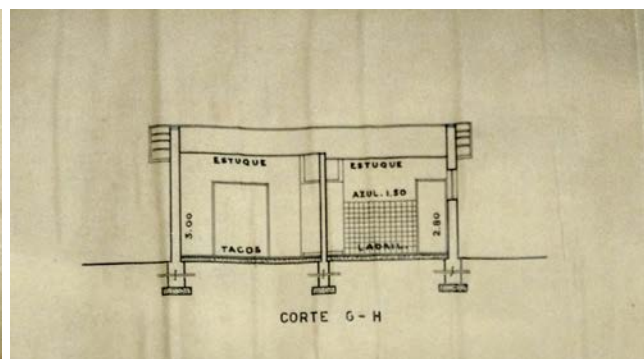
136 - Plantas



137 - Fachada



138 - Corte E-F



139 - Corte G-H

Os reduzidos programas de necessidades das casas, distribuídos em lotes relativamente largos, possibilitou que as casas térreas fossem implantadas de modo semelhante ao projeto da casa na Rua Bartolomeu Gusmão, nº83, de 1914, apresentado anteriormente. No entanto, ao contrário deste, percebemos que o projeto do conjunto em questão, na Vila Dona Bertha, tem apenas uma sala, o “living room”, expressão inédita, que designa provavelmente uma sala que desempenharia ao mesmo tempo função de sala de jantar e sala de visitas. Esse cômodo e a cozinha ocupam um dos lados da casa, oposto ao lado dos quartos, que são intercalados por um banheiro.

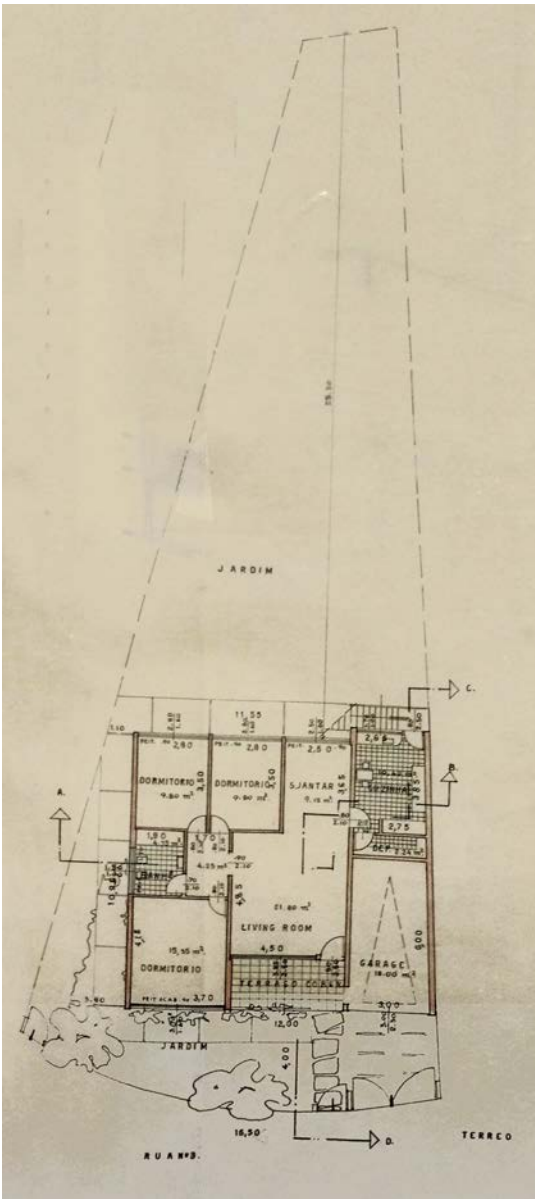
Vale ressaltar que a solução de se colocar o banheiro entre os quartos é inédita entre as casas térreas analisadas, o que pode estar relacionado não somente à intenção de integrá-lo à área íntima, mas também a maiores recursos financeiros e técnicos para serem dispendidos com a hidráulica, já que até então as instalações sanitárias e as cozinhas eram preferencialmente construídas próximas umas das outras, para baratear os custos com as tubulações (D’ALAMBERT, 2003, p. 98).

Ainda com relação à organização dos ambientes, vemos que os cômodos dessa tipologia habitacional ainda são consideravelmente compartimentados, e a área de circulação é pouco expressiva, o que mostra que ainda estão presentes os modos antigos de distribuição do espaço doméstico. Porém, alguns aspectos sugerem uma maior integração do interior da residência com o exterior, a exemplo do

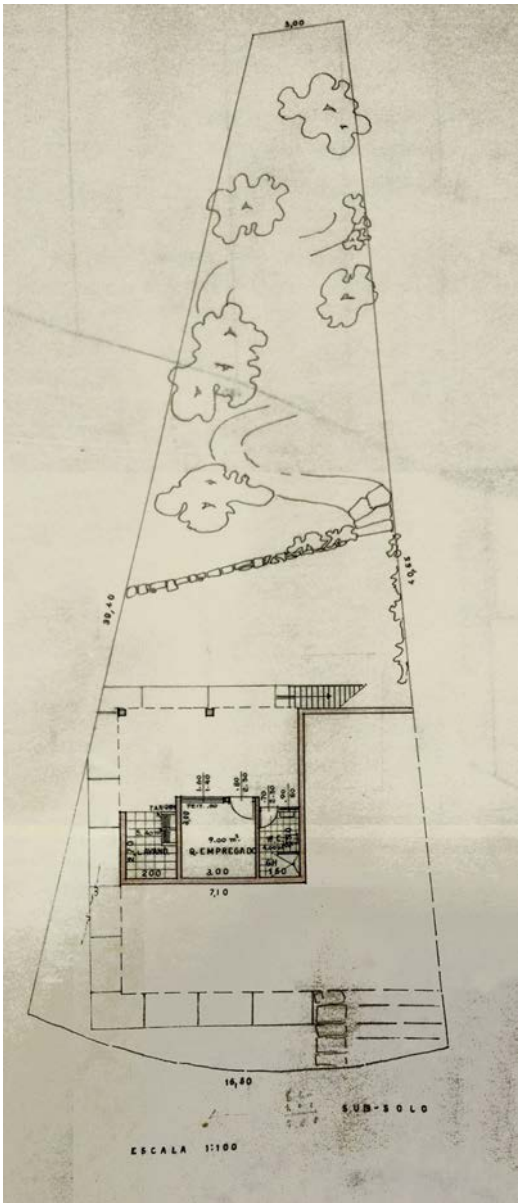
quarto dos fundos, que se abre para o jardim, enquanto o *living room* se abre para o terraço frontal, por meio de uma porta de duas folhas. A cozinha também ocupa posição muito mais integrada aos demais ambientes, em comparação ao que era habitual na época.

Nos fundos do quintal, há uma garagem, um wc e um quarto de empregada, constituindo-se em uma edícula. Segundo Carlos Lemos, esse tipo de construção surgiu no início do século XX, a partir da substituição das cavalariças por garagens, e estas por sua vez, foram se aglutinando com quartos de empregada e depósitos. Desse modo, os empregados das casas passaram a deixar os porões e despensas e adquiriram acomodações próprias, afastadas da casa principal (LEMOS, 1976, p.146). É interessante notar que a edícula ainda não havia aparecido em nenhuma das casas analisadas, e quando estas tinham acomodações específicas para empregados, eram localizadas ou no corpo da casa ou no porão, o que corrobora a observação do autor.

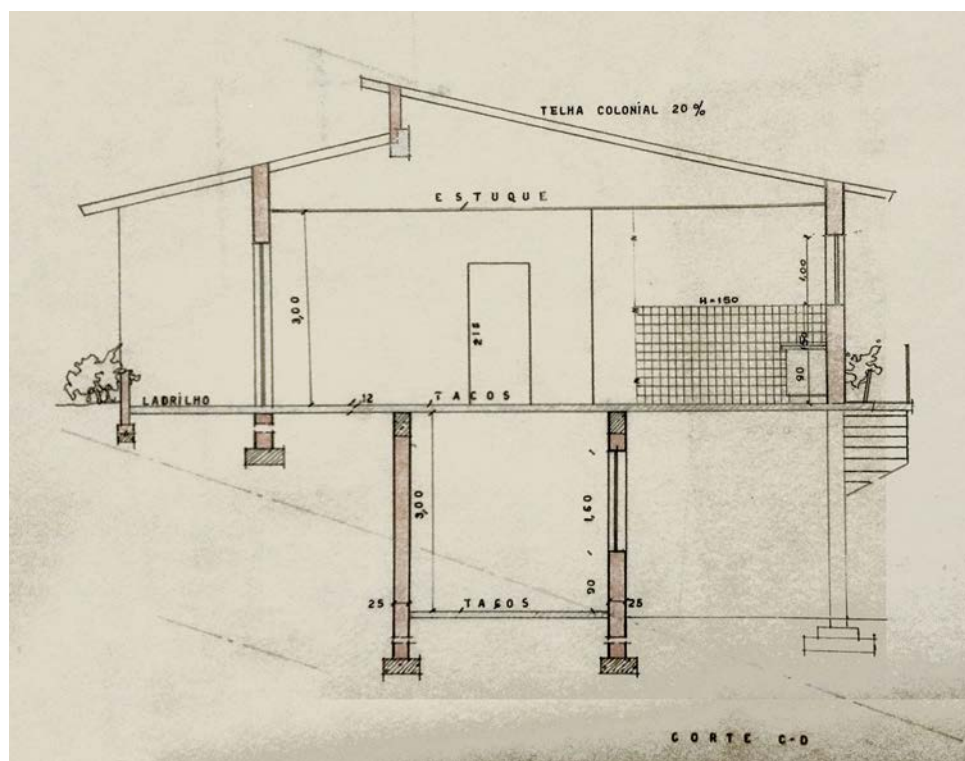
24 - Casa para Ruy Lemos de Vasconcellos



140 - Planta térreo



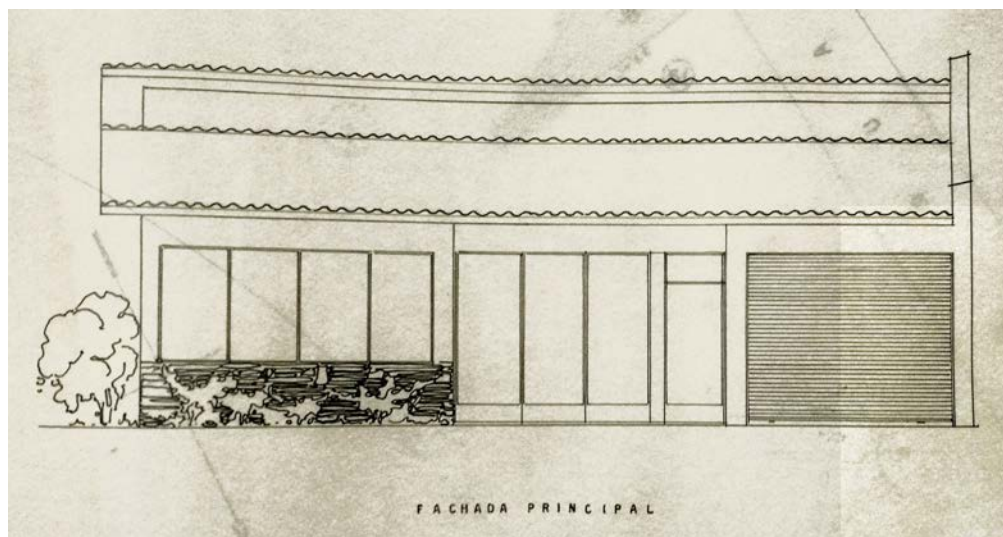
141 - Planta subsolo



142 - Corte C-D

Nessa tipologia, o lote ainda mais largo que o da residência para Luiza Klabin permitiu a distribuição do programa de modo semelhante, além de aglutinar a garagem ao corpo da casa; as áreas de serviço e quarto de empregados seguiram a velha tendência de se instalarem no porão, neste caso chamado de subsolo.

Ainda com relação ao programa de necessidades, vemos que no projeto há uma sala de jantar, muito menor que o *living room*, e não há paredes separando esses dois cômodos, o que faz com que o primeiro seja uma continuação do segundo, diferenciando-se deste apenas pelo afunilamento espacial, além é claro, da mobília ou revestimentos, como podemos imaginar. Nesse caso, portanto, o *living room* é que é o centro das atividades comuns do lar, e não mais a sala de jantar, como havíamos

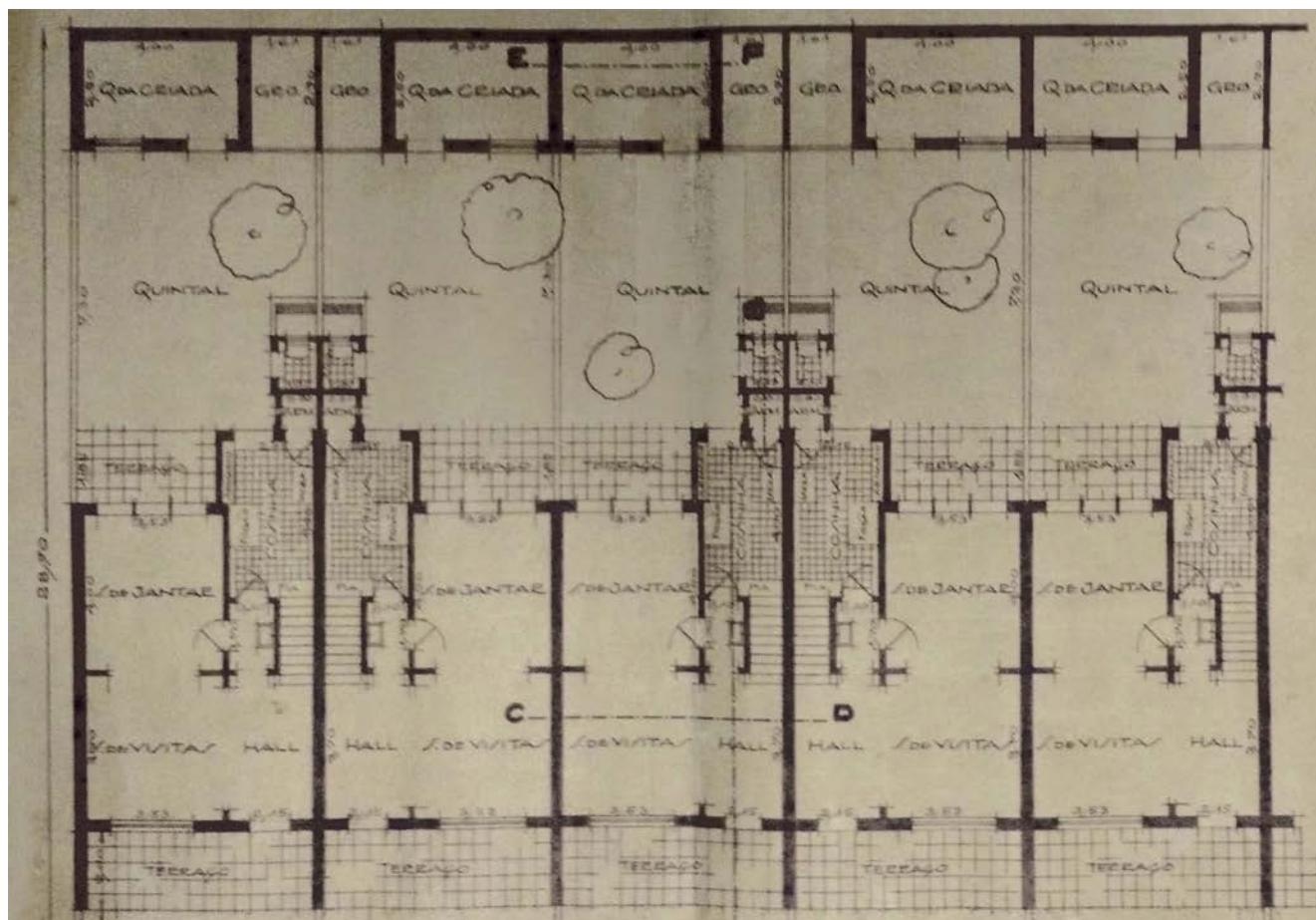


143 - Fachada

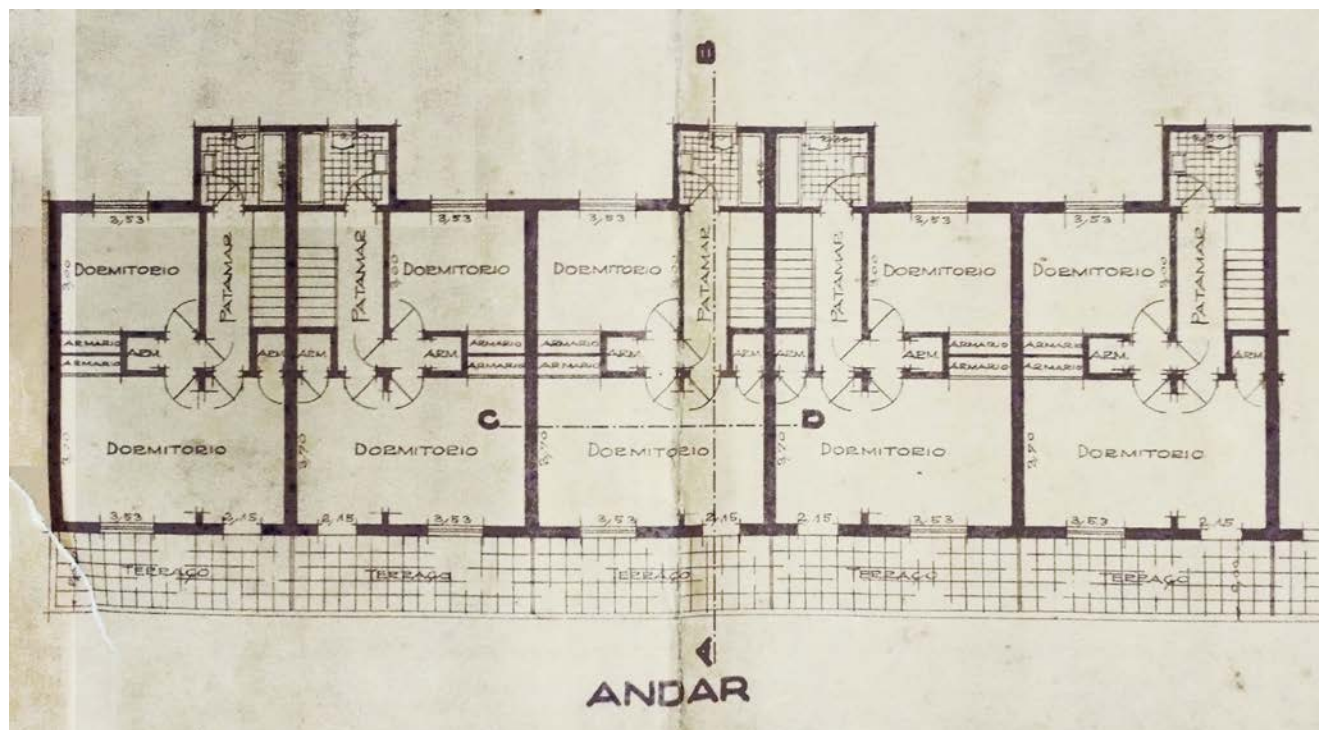
observado na maioria das casas analisadas. Partindo-se dessa ideia, podemos supor que os modos de convivência no espaço doméstico acompanharam essa mudança. Uma grande mesa de refeições, sendo útil também para atender a quaisquer atividades da família, caracterizava a sala de jantar, e sua substituição enquanto centralidade do lar pelo *living room* nos induz a pensar que o estar com maior conotação de aconchego, em sofás e poltronas, seria mais preponderante na casa em questão.

É interessante notar também que em contraste com o modesto recuo frontal, há um extenso quintal nos fundos do lote, com sugestão de projeto de paisagismo, o que indica uma preocupação com o jardim não somente enquanto elemento de representação social e afastamento da rua, como abordado anteriormente. Neste caso, o jardim, visível através dos largos vãos das janelas dos dormitórios do fundo e da sala de jantar, seria sobretudo usufruto da vida particular da família.

25 - Casas na Rua Berta



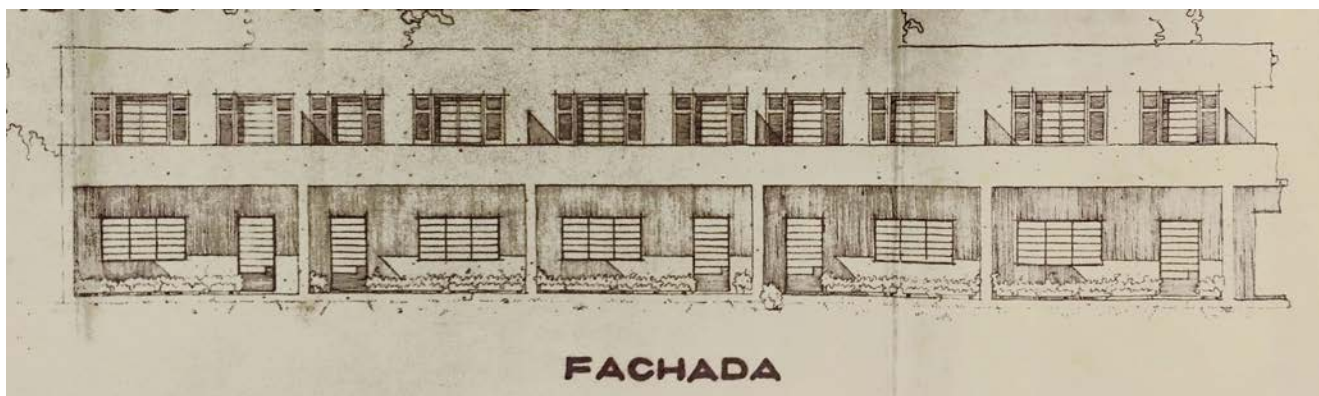
144 - Plantas térreo



145 - Plantas primeiro pavimento

O projeto é referente à parte de uma das tipologias executadas, na Rua Berta. O conjunto existe até hoje, e apesar de ter passado por diversas alterações ao longo dos anos, foi tombado em esfera estadual em 1999 (IVANOMOTO, 2012, p. 239). Destaca-se na paisagem pelas linhas retilíneas, ausência de ornamentação e pela marquise que perpassa todas as casas, integrando-as entre si e promovendo uma unidade visual; todas características do projeto original e que se destoam das casas típicas do período em que o conjunto foi construído.

Ao contrário das duas primeiras tipologias habitacionais da Vila Bertha apresentadas, referentes a casas térreas com recuos laterais, esse conjunto é composto por sobrados geminados. Apesar de possuir um programa de necessidades bastante típico, conforme a maioria das casas analisadas (estão presentes hall, sala de visitas, sala de jantar, cozinha, dois dormitórios e um banheiro), percebemos



146 - Fachada

uma considerável mudança no que concerne à integração dos ambientes. Não há paredes dividindo hall, sala de visitas e sala de jantar, e as amplas aberturas para os terraços intensificam a fluidez do espaço.

Denise Ivanomoto ressaltava ainda a cozinha, de tamanho bastante reduzido em relação aos padrões vigentes, que mostra que Warchavchik estava a par das discussões modernas internacionais acerca de espaços mínimos e racionais, a exemplo do que ocorria em Frankfurt. A autora atenta também para a flexibilidade da planta, chamando a atenção para uma viga apoiada em dois pilares que no térreo sugere a divisão entre o hall e a sala de jantar e no piso superior, a divisão do quarto maior, à frente, criando-se um terceiro quarto (IVANOMOTO, 2012, p. 232-233).

Apesar de todas essas inovações, os cômodos ao lado da edícula identificados na planta pelas letras “GRO” eram destinados a galinheiros, o que nos mostra que as mudanças não aconteciam de forma radical, em vez disso, conviviam com as remanescências dos modos de morar do passado (IVANOMOTO, 2012, p. 227).



147 - Fachada atual do conjunto na Rua Berta - 2017



148 - Fachada atual do conjunto na Rua Berta - 2017



149 - Fachada atual do conjunto na Rua Berta - 2017

Considerações Finais

A posição geográfica da Vila Mariana, região próxima ao centro e passagem para o vetor sul da cidade e para o litoral, contribuiu bastante para a sua ocupação a partir do final do século XIX. Posteriormente, a ferrovia e linhas de bonde que facilitaram o transporte de pessoas, cargas e materiais de construção, assim como a instalação de rede de água e esgotos, reforçaram a atratividade da região. O bairro é, portanto, um exemplo de que o desenvolvimento urbano de um lugar se torna viável principalmente a partir da promoção de infraestrutura.

Ao contrário dos bairros centrais, como os Campos Elíseos, Higienópolis e o entorno da Avenida Paulista, que foram ocupados pelas elites aristocráticas que erguiam na cidade seus palacetes (LEMOS, 1976), a Vila Mariana, além de ter se desenvolvido posteriormente, foi ocupada por setores médios, o que determinou os aspectos principais de sua conformação. Em um simples passeio pelo bairro, principalmente em sua área central, próxima às atuais estações de metrô Vila Mariana e Ana Rosa, percebe-se que, em vez dos grandiosos palacetes, estão ainda presentes algumas casas médias de tipologias e arquitetura características, remanescentes das primeiras décadas do século XX.

Sobre essas casas, objetos de nosso estudo, conclui-se que as transformações em seus espaços domésticos eram gradativas e em geral atingiam primeiramente as classes mais altas, para depois serem incorporadas às mais baixas, através da inclusão no programa residencial de um ou outro cômodo próprio das casas de elite.

Verificou-se que, nesse processo, fatores materiais eram muito determinantes, como recursos financeiros, e tamanho e forma do lote onde as casas foram projetadas. Não menos importante é a influência resultante de quem são os habitantes e qual a sua dinâmica familiar e de trabalho. Nesse sentido, seria mais prudente se falar em variações nos espaços domésticos em vez de transformações propriamente. Essas variações não ocorreram de maneira uniforme nem cronologicamente linear. Ao

contrário, os novos modos de morar passavam a fazer parte de algumas residências que conviviam com outras que ainda se utilizavam de soluções espaciais mais antigas.

Quanto maior o poder aquisitivo da família e consequentemente, o terreno onde seria construída sua casa, mais havia especialização dos ambientes, evitando-se ao máximo sua sobreposição de funções. A condição econômica determinava também como os cômodos seriam dispostos na residência, se seriam mais ou menos integrados entre si ou mesmo se haveria um porão, um andar superior ao térreo ou ambos.

É interessante observar como os preceitos modernos, já presentes a partir de 1930, conforme se constatou nos projetos de residências do arquiteto Gregori Warchavchik, se confrontaram com a ideia de compartimentação e especialização dos ambientes como solução arquitetônica ideal para as dinâmicas domésticas.

Bibliografia

ARIÈS, Philippe e DUBY, Geroges (orgs.). **A História da Vida Privada**. Da primeira Guerra aos nossos dias. São Paulo : Companhia das Letras, 2006

BACHELARD, Gaston. **A Poética do Espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 1993

BONDUKI, Nabil e KOURY, Ana Paula. **Os pioneiros da habitação social**. Vol.2. Inventário da produção pública no Brasil entre 1930 e 1964. São Paulo: UNESP, 2014.

BARBARA, Fernanda. **Duas tipologias habitacionais: o Conjunto Ana Rosa e o Edifício Copan**. Contexto e análise de dois projetos realizados em São Paulo na década de 1950. São Paulo, 2004. Dissertação de mestrado.

BRUNA, Paulo. **Os primeiros arquitetos Modernos**. São Paulo: Editora da USP, 2010

BRUNO, Ernani da Silva. **História e tradições da cidade de São Paulo**, 1991.

CARVALHO, Clara Cristina Valentin. **Os Setores Médios e a Urbanização de São Paulo.Vila Mariana, 1890 a 1914**. Guarulhos, 2016. Dissertação de mestrado - Universidade Federal de São Paulo, Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História, 2016.

CORREIA, Telma de Barros. **A Construção do Habitat Moderno no Brasil 1870-1950**. São Paulo: FAPESP, 2004

COSTA, Jurandir Freire. **Da família colonial à família colonizada**. In: Ordem médica e norma familiar. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979

CUNHA, Fernanda Craveiro. **O Revestimento de Pedra Fingida: protagonista invisível do centro de São Paulo**. Dissertação de Mestrado defendida em outubro de 2016 no Instituto de Pesquisas Tecnológicas (IPT).

D'ALAMBERT, Clara Correia. **Manifestações da arquitetura residencial paulistana entre as Grandes Guerras**. São Paulo, 2003. Dissertação de doutorado - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo.

HOMEM, Maria Cecília Naclério. **O Palacete Paulistano**. E outras formas de morar da elite cafeeira. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

IVANOMOTO, Denise. **Futuro do Pretérito**. Historografia e preservação na obra de Gregori Warchavchik. São Paulo, 2012. Dissertação de mestrado - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo.

LEMOS, Carlos A. C. **Alvenaria Burguesa**. São Paulo: Nobel, 1985

_____. Cozinhas, ETC. São Paulo: Perspectiva S.A., 1976

LIRA, José. **Warchavchik Fraturas da Vanguarda**. São Paulo: Cosac Naify, 2011

MARICATO, Erminia - **Habitação e Cidade**. 7. ed. São Paulo: Atual, 1997.

MASAROLO, Pedro Domingos. **O Bairro da Vila Mariana**. Série História dos bairros de São Paulo. São Paulo: Departamento de Cultura da Secretaria de Educação e Cultura da Prefeitura do Município de São Paulo, 1971

PAULILLO, Clarissa de Almeida. **Corpo, casa e Cidade: três escalas da higiene na consolidação do banheiro nas moradas paulistanas (1893-1929)**. São Paulo, 2017. Dissertação de mestrado - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo.

RYBCZYNSKI, Witold. **Casa: pequena história de uma ideia**. Rio de Janeiro: Record, 1996.

SAIA, Luis. **Morada Paulista**. São Paulo: Perspectiva S.A., 1972.

SCHETTINO, Patricia Thomé Junqueira. **A Mulher e a Casa**. Estudo sobre a relação entre as transformações da arquitetura residencial e a evolução do papel feminino na sociedade carioca no final do século XIX e início do XX. Belo Horizonte, 2012. Dissertação de mestrado - Escola de Arquitetura da UFMG.

SEGALL, Associação Museu Lasar. **Warchavchik, Pilon, Rino Levi** - 3 momentos da arquitetura paulista. São Paulo: Funarte/Museu Lasar Segall, 1983

ZUMTHOR, Peter. **Atmosferas**. Barcelona: Gustavo Gili, 2006

Documentos Consultados

Consulta a Dados Técnicos de Logradouros (Seção de Logradouros do Arquivo Histórico Municipal de São Paulo):

Atual Rua Dona Inácia Uchôa

Nome anterior: Rua Dona Inácia

Legislação referentes a oficialização do nome:

Ato 972 de 1916

Ato 305 de 1932

Lei 4032 de 1951

Decreto 15635 de 1979

Atual Rua Joaquim Távora

Nome anterior: Rua Fontes Júnior

Legislação referentes a oficialização do nome:

Ato 972 de 1916

Ato 11 de 1930

Decreto 15635 de 1979

Atual Rua Manoel de Paiva

Nome anterior: Rua Manuel de Paiva

Legislação referentes a oficialização do nome:

Ato 673 de 24 de Março de 1914: aprova a abertura e dá nome às Ruas Manuel de Paiva, Gregorio Serrão, Gaspar Lourenço, Paula Ney, Guimarães Passos e José Patrocinio (todas na Vila Mariana), conforme plantas apresentadas à prefeitura por Camargo Seabra e Mauricio Klabin.

Atual Rua Baltazar Lisboa

Nomes anteriores: Rua Progresso e Rua Dona Elisa

Legislação referentes a oficialização do nome:

Ato 833 de 1915: dá nova denominação à Rua Progresso, que passa a se chamar Rua Baltazar Lisboa.

Ato 972 de 1916

Lei 4032 de 1951

Decreto 15635 de 1979

CONPRES:

Processo nº 1992.0007.967-9, referente à Resolução 38/13, de Abertura de Tombamento das casas na Rua Dona Inácia Uchôa, nºs 189 e 195

Sites:

http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/regionais/vila_mariana

<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/10.114/12>

<https://arquidiocesano.colegiosmaristas.com.br/sobre-o-colegio/historia>

http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/upload/VilaMariana_web_1392057750.pdf

<http://documentacao.camara.sp.gov.br/iah/fulltext/actos/A0849-1916.pdf>

http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/desenvolvimento_urbano/legislacao/planos_regionais/index.php?p=1901

<https://archive.org/details/CodigoDePosturasDoMunicipioDeSaoPaulo1886>

<https://www.al.sp.gov.br/norma/?id=137356>

<http://documentacao.camara.sp.gov.br/iah/fulltext/actos/A0849-1916.pdf>

<https://leismunicipais.com.br/SP/SAO.PAULO/LEI-3427-1929-SAO-PAULO-SP.pdf>

http://www.brasilalemanha.com.br/novo_site/noticia/convite-4-encontro-internacional-da-familia-kuhn/3335

<http://123i.uol.com.br/condominio-6e7a8e7e1.html>

<http://www.fundacaobunge.org.br/acervocmb/assets/documentos-historicos/constituicao-fab-tecido-tatuape-1929.pdf>

http://geosampa.prefeitura.sp.gov.br/PaginasPublicas/_SBC.aspx#

